3 1761 07047144 6

PQ
9261
S7D3
1913
cop. 2

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/dpedropoemadram00sous

ACADEMIA DAS SCIENCIAS DE LISBOA

D. PEDRO

POEMA DRAMATICO

EM

CINCO JORNADAS

POR

JOSÉ DE SOUSA MONTEIRO

INTRODUCÇÃO

DO

DR. ANTONIO CANDIDO

IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

1913

ACADEMIA DAS SCIENCIAS DE LISBOA

D. PEDRO

POEMA DRAMATICO

EM

CINCO JORNADAS

POR

JOSÉ DE SOUSA MONTEIRO

INTRODUCÇÃO

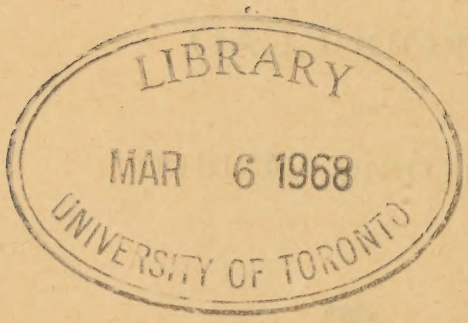
DO

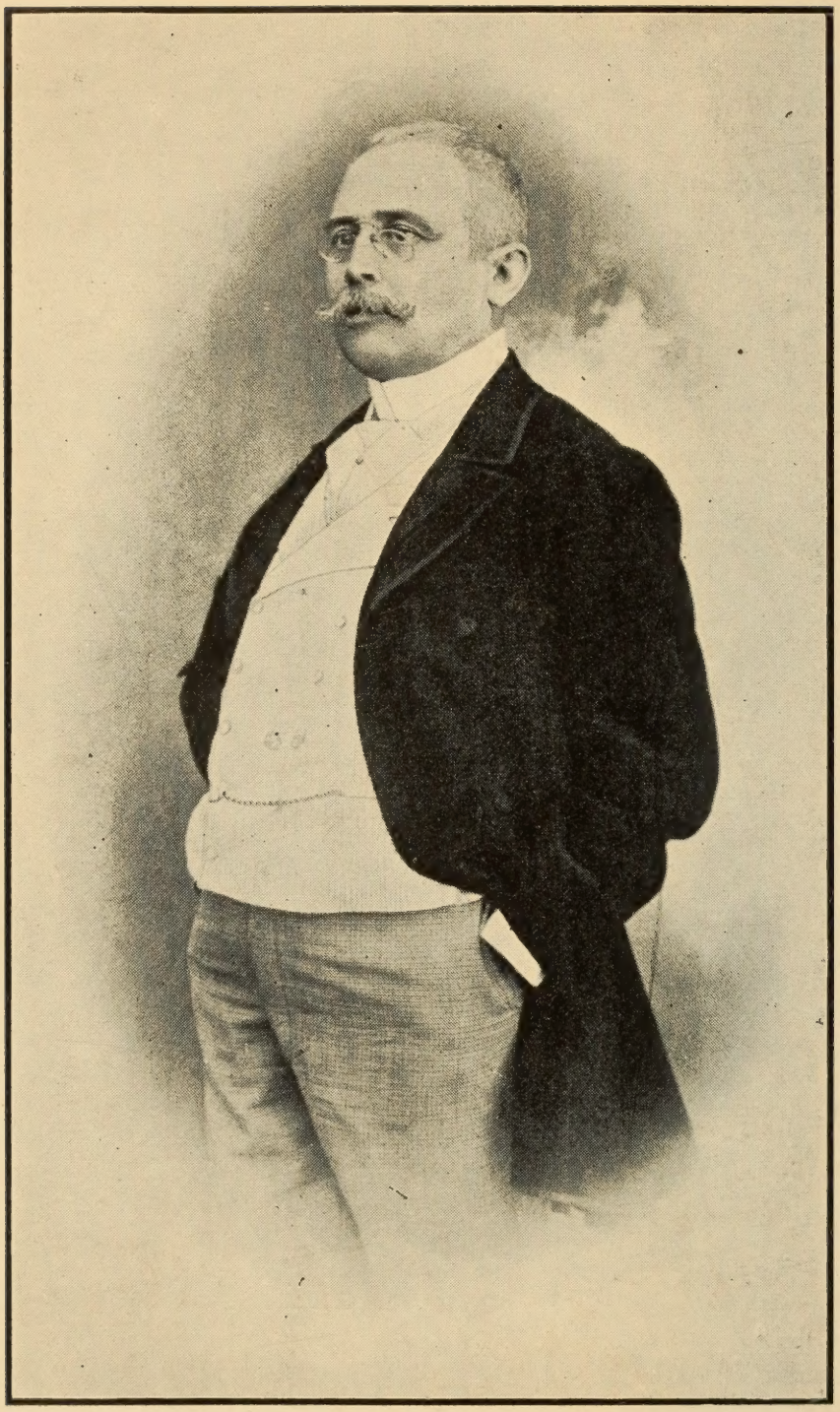
DR. ANTONIO CANDIDO

IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

1913

PQ
9261
S7D3
1913
Cop. 2





José de Sanca Martins

A H. E.

Foste-me guia e luz ao pensamento,
Sagro-te, humilde, o livro que o traduz,
Alma gentil, minha alma e vida e alento,
Lyrio nascido aos pés da minha cruz.

J. de Sousa Monteiro.

23 de Junho.

INTRODUCÇÃO

Foi na noite memorável de 22 de Abril do anno de 1890. Os senhores marquezes de Gouvêa abriram os seus opulentos salões da Rua do Ferregial para um sarau de homenagem a José de Sousa Monteiro, convidado a ler o seu drama *D. Pedro,* que sabiam concluído havia pouco. Eram do sarau quasi todas as culminantes summidades da côrte, da academia e da politica. Assistiam as mais nobres senhoras da nossa sociedade, illustres pelo nascimento, pelo talento ou pela gerarquia mundana. Nada faltava para que a reùnião fosse luzidíssima, e a mais competente para premiar, com o seu applauso, o fino labor litterario do festejado e insigne escriptor.

Sousa Monteiro havia attingido o apogeu da sua merecida gloria. Era justamente reputado como uma das grandes illustrações do paiz: erudito de genuinas fontes, poeta lapidar e perfeito, prosador vernáculo e impeccavel. *Os Amores de Júlia,* em que revelara tanta sciência e tam lúcida penetração da vida romana, e mostrara tam inteiro conhecimento da nossa língua, tersa, flexível, harmoniosa e terníssima segundo a necessidade ou a conjunctura, firmaram-lhe solidamente os creditos, que d'ahi em diante cresceram e refulgiram dia a dia. Já no precioso escrinio dos seus *Sonetos,* nos seus poemas

mysticos, em algumas monografias de raro valor histórico, em esmeradas traducções, e num sem número de estudos e artigos, liberalmente esparsos por jornaes e revistas, elle attraíra a consideração geral e rápidamente se lhe impozera; e ainda as letras pátrias lhe haviam de dever o *Auto dos esquecidos,* a melhor obra de arte, de profunda inspiração nacional, que ficou do centenário da Índia, e a bella, engenhosa, dificillima adaptação do Falstaff de Shakespeare.

Tudo o que se produzia no seu espírito, mais reflexivo do que improvisador, e depois tracejava a sua penna, aparada sempre com summo e deleitoso cuidado, tinha a marca da perfeição. Quando ella não estava no pensamento, que nem sempre havia de ser original, lá aparecia na forma: na linguagem ou no metro. Licção copiosa, e alta, e pura, havia sempre no que escrevia: nem o seu asseiado nome firmaria nunca uma destas banalidades sonorosas e ocas, votadas, apenas nascidas, a menosprêso certo e a perpetuo esquecimento: e que, accrescendo ao vozear livre e desafinado do seu tempo, nada depositavam na alma que a edificasse, ou deixavam no coração que o levantasse ou volvesse melhor. E talvez no rebuscar incessante da perfeição como a entendia, no alçar da linguagem às suas fontes originais, na preferencia que dava muitas vezes aos adereços e donaires antigos sôbre as larguesas e facilidades da locução corrente, houvesse da sua parte algum excesso... Tal excesso, se o houve, era de amor à sua língua e à sua terra; e, se a critica o censurasse pela paciente e preciosissima joalharia da sua prosa, ao reparo poderia responder-se que elle era com effeito exímio nessa arte, mas que, se os engastes tinham a marca da antiga, authentica fabricação portuguêsa, os brilhantes e as pérolas embutidas eram de primeira água e do mais lúcido oriente.

Não se julgue que o seu estylo cinzelado a primor lhe enleiava a envergadura para vôos do pensamento ou para fugas aladas da phantasia. Se os mestres do pensamento moderno não eram os seus mestres, os grandes artistas de todas as épocas eram seus modelos: pelo menos sua constante lição e o seu gosto mais saboreado. O seu classicismo, provindo da Grécia e de Roma, imitado e composto depois na Renascença, não o absorveu, não o escravisou. Nas litteraturas modernas, e principalmente na allemã e na inglêsa, que conhecia a fundo dos idiomas originais, é que o seu espírito substancialmente se nutria, e se ampliava e enchia a sua imaginação. Goethe, Schiller, Klopstook, Heine, entre os alemães: e, dos ingleses, Shakespeare, Schelley, Carlyle, Dickens, Ruskin, eram os seus autores predilectíssimos; e não havia nas suas obras criações, modos de ser profundos, luminosas perspectivas da alma, da história ou do mundo, lances supremos de verdade ou de belleza, que não percebesse e notasse com assisado critério, perfeita penetração e apurado bom gosto. Das litteraturas latinas em flor e voga nos seus dias, mostrava-se menos parcial: era nos mananciaes da alma saxónia, e na dualidade das suas correntes, que a sua sêde de arte se satisfazia plenamente. Detestava a adaptação pela França do romantismo inicialmente gerado na Alemanha sob a égide de Goethe, o soberaníssimo génio de Weimar, e nunca lhe relevou os desvios, que elle acoimava de traições à idea-mãe da escola; e, exceptuando da sua reprovação um ou outro poeta, como Leconte de Lisle, Heredia, Banville, que também por sua vez se haviam afastado do movimento geral, dirigido e commandado pelo grande Hugo, a attitude de Sousa Monteiro era para os outros systematicamente hostil e combativa. Mas ainda aos que desadorava, se tinham talento ou génio, reconhecia-lh'o, e rendia-lhes

voluntariamente a justiça que mereciam. Ao último e maximo poeta, ao maravilhoso poeta nominalista, que enlevou e educou com a sua voz de ouro o espírito de duas gerações, e que seria um épico de primeira grandeza se a epopeia fôsse hoje possivel, mas era, em prosa e verso, um lyrico de tamanho incommensuravel, não perdoava Sousa Monteiro o ter servido ao mundo, na omnipotente fôrça verbal de que dispunha, um theatro, que elle tinha como phantastico e desconforme, uma philosophia, que considerava erronea e banal, e uma sociologia vaga, indeterminada, injustificavel e perigosa; mas sabia de cór, e reproduzia deliciosamente trechos e trechos da *Légende des Siècles,* e muitos dos pequenos poemas em que Vítor Hugo crystalisou e fixou para sempre o subtil e remontado lyrismo da sua alma, e da alma humana em todos os tempos e logares.

Com tam altos e luzentes predicados, e prodigando o seu talento e erudição em cousas de pura arte e de sabor nacional, Sousa Monteiro era admirado, acatado como autoridade competentissima e segura — mas não era, nunca foi popular. Não o podia ser; não o queria ser. A popularidade não o embaía. Teve-a sempre na conta em que a devia ter. Demanda e exige, aos que a cortejam, sacrificio maior ou menor do que se pensa ou sente; e ao seu bellissimo carácter, de ouro pela tempera e pela luz, repugnava invencivelmente transigir com o que se lhe affigurasse falso em pontos de philosophia, ou de qualquer modo contrário ao seu ideal esthético, feito e refeito na larga e meditada cultura do seu grande engenho. E do que professava e cria ninguem pretendesse dissuadí-lo: defendia-se com imperterrita valentia; e, no denodo com que aparava e rebatia os golpes do adversario, subentendia-se bem o ardor da propria fé e a rijeza das convicções formadas. E para

que havia elle de ser popular? A popularidade é um meio, não um fim. Por ella se alcança fortuna às vezes, e uma glória instável nos seus fundamentos, ephémera e fugaz: e o nosso poeta nunca sonhou successos de livraria, nem se inebriou com o enthusiasmo febril, não consciente, das multidões, nem com os invejados gabos da imprensa, quanta vez amplificados fora de medida e termo!

Assim veio Sousa Monteiro pelo tempo adiante (que nem sempre lhe foi plano e de rosas), de espírito tranqùíllo e fronte erguida, dando à nossa sociedade, batida pelos ventos da descrença ou da dúvida, até no que interessa estreitamente à essência da própria vida, o exemplo raro, raro e preexcellente, do homem forte de si mesmo, illuminado interiormente pela verdade ou illusão fundamental da sua alma, sereno, não indiferente, ante o vão tumulto das cousas e a contradicção e injustiça dos que o seguem e aplaudem, adstricto a normas que não preteria fosse pelo que fosse, mas sympáthicamente aberto a todas as innovações saudaveis que não encontrassem o que havia de sancto, inviolado, intangivel no sacrário íntimo da sua consciência!

Um homem assim é raro: e as sociedades que o possuem não sabem o que teem n'elle; e, se o perdem, perdem alguma cousa indispensável à nobre perspectiva e à ideal paisagem dos agrupamentos humanos. Fulge na sua vida uma unidade moral cada vez mais difficil de encontrar nos individuos, solicitados por correntes várias, dispartidos por mil interesses oppostos. Representa augustamente a tradição de que vimos, a tradição que nos fez: e quando, como neste caso, a quem a representa sobredouram talentos e virtudes apreciaveis, teem de respeitá-la aqueles mesmos que a repul-

sam, confessando que poderá não ser verdadeira na amplitude e influencia que se lhe attribue, mas é indiscutívelmente legítima no lugar que occupa ainda na ordem do pensamento e na consideração do mundo.

Vindo dum berço arripiado de interrogações, por mais ridente e auspicioso que elle hoje pareça, e caminhando entre golfãos de dúvidas, atraído por uma fé de que refoge a sciência e convidado por uma sciência moral, sempre mudável, e cujas certezas pouco mais do que a luz do relâmpago duram, — apegar-se a uma crença religiosa, ou a uma philosophia que resolva a seu modo os momentosos e inquietantes problemas da origem e finalidade humana, e permanecer nella, é bom, e é bello tambêm. Com a cabeça reclinada nesta almofada esperaram tranqùillamente a morte alguns dos maiores génios do pensamento e da arte; e a posteridade, envolvendo-lhes a memoria entre louros e púrpuras, não faz caso do estreito desdem sectário, ululante, irreverente, que a alguns os apupou em vida!

A noite de 22 de Abril foi, para Sousa Monteiro, de festa: de festa para o seu espírito, de jubiloso regalo para o seu coração. Não seria artista de temperamento, de raça, se fôsse inacessível de todo o ponto à vaidade: à vaidade que é das mais naturaes e sympáthicas qualidades humanas, uma vez que se vele em recatos decentes e se mostre com um discreto véu de pudor. Mas, como aos deuses do Olympo a dulcíssima ambrosia, o louvor que elle gostava havia de ser servido em burilados vasos de ouro, e ministrado por mãos delicadas e amigas.

A sociedade que o acolheu nessa noite, e com tanta avidez o escutou, e com tanto enthusiasmo o applaudiu, era, já o disse, requintadamente elegante e culta. A minha memória, já diminuida pela idade, lembra-me

António de Serpa, tio dos donos da casa, espírito alto como os que mais o fôssem, grande jornalista e homem de letras, rico duma erudição assombrosa, com uma curiosidade intellectual nunca satisfeita, e a quem, pouco antes de morrer, ouvi que só o penalisava partir deste mundo, que tanto o interessara, sem saber como seriam resolvidos os problemas scientíficos e sociaes do nosso tempo: e que eu comparava, quando praticava com elle, a esse venerável carácter de Jules Simon no optimismo resistente, no espiritualismo convicto, nas virtudes cívicas e nos talentos litterários que lhe exaltaram a vida, e lhe prolongam o nome. Ao seu lado, com a cabeça levemente descaída sôbre o hombro direito, e o seu habitual sorriso de fina, espiritual ironía e de melancólico desdem, via-se Oliveira Martins, um dos maiores homens do seu tempo: portentoso cabedal de ideas, theorías e factos; encyclopédia viva de conhecimentos antigos e modernos, e razão superior para os coordenar e reger soberanamente; capaz de discutir no mesmo dia ou em dias seguidos, e com insuperável competencia, um complicado assumpto de estadistica e uma thése de philosophia transcendente; reconstructor da nossa história, e seu poeta e seu moralista; litterato eminente, em cujos livros a prosa portuguesa assumiu, fora da tradição classica, a mais esplendente belleza de pensamento e de linguagem, e pela qual perpassa freqùentemente, em imagens inéditas e em phrases imprevistas, o hálito quente da alucinação e da poesia num como desvairamento de febre... Tomaz Ribeiro, esbelta figura de homem e espírito gentil, grande poeta, o último que teve, por algum tempo, interessado nos seus carmes patrióticos o coração collectivo da sua raça, ia naquela mesma noite dizer com a sua inegualável voz, com a sua voz que era dum encanto irresistível, algumas soberbas estrophes da sua poesia *A Patricia:* querendo

o destino que à mesma suprema inspiração, o santo amor da sua terra, sagrasse a sua lyra de ouro os sons divinos, desde a fecunda e florente mocidade até pouco antes da vida se lhe fazer noite, e o coração gelado baixar à rasa sepultura que elegeu, não sei se, como Lamennais, por último, revoltado protesto contra este mundo de ingratidões e injustiças, se por uma suggestão christã, simples, rendida e humilde... Pinheiro Chagas assistiu também, tendo podido subtraír ao seu trabalho quotidiano, hercúleo e extenuante, algumas horas de aprasível descanso: que bem as merecia o indefesso productor intellectual, imaginoso e abundante, espontâneo e facil nos livros que quasi improvisava, nas polémicas da imprensa em que triumphava pela lógica ou pelo riso, nos discursos da tribuna, em que foi notabillissimo: jorrando tudo do seu cerebro em caudaes vivas, em irisadas espadanas de eloquência, de espírito e de graça. As condições da sua vida, e talvez a índole própria, que menos se compadecia com a lentidão paciente e escrupulosíssima d'um G. Flaubert do que com a prodigalidade d'um A. Dumas, pai, não lhe permitíram a especialização perfeita num género e forma de arte: mas, à míngua de obras definitivas, ficou delle uma impressão de riqueza verbal e de fecundidade exuberante que tarde se desfará.

Estava na selectissima reunião, destacando em singular relevo, a Sr.ª D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, a grande amiga do poeta, dedicada em vida, fiel depois da morte, já então na plenitude gloriosa do seu brilhante renome, e em quem a assombrosa erudição e as finas graças da linguagem, suave, cadenciada, melodiosa como a musica de Bellini, só são egualaveis ao seu genio critico, de profundesa e penetração admiraveis.

E viam-se também Ramalho Ortigão, o sadío e poderoso escriptor, magistral crítico de arte e dos costumes

nacionaes, que revolucionou e poliu: estylista incomparável, que sôbre a estructura genuína da nossa língua assentou felicíssimamente a scintilação, a côr e a luz da expressão moderna; o Conde de Ficalho, talentoso e cultíssimo, sábio e homem de letras, o mais esplêndido lustre da côrte no seu tempo, que seria da Academia Francesa como era da nossa Academia das Sciências, gentil homem em tudo, tam direito de alma como aprumado de figura e porte; o Conde de Sabugosa, fino poeta em dias não distantes da sua fulgente mocidade, primoroso contista, erúdito investigador das bellezas históricas da nossa pátria, e mestre acclamado na arte de as compor e adereçar; Carlos Mayer, observador sagaz, cabeça provida de quasi toda a sciência do seu tempo, grande bôcca repleta de eloqùência e de graça; Carlos Valbom, orador, jornalista, homem do mundo: sob este tríplice aspecto dum brilho extraordinário, e cujo futuro político era para quasi todos uma auspiciosíssima promessa, que a morte brutamente cortou de improviso...

Sousa Monteiro leu. Quem nunca o ouvisse ler não faria idea do que era a sua prosa e como soavam os seus versos passando-lhe pela voz! Não que esta fôsse muito sonora, de rara melodia ou dum tom encantador: mas sabia emmití-la e modulá-la por forma que cada palavra e cada phrase destacassem com relevo saliente, som próprio e côr distincta. E onde havia uma aspereza (que algumas tem a nossa língua, e, quanto mais próxima das suas fontes, com mais arestas se mostra) elle lograva illudí-la maravilhosamente; e gostando cada vocábulo, e deslisando com ternura sôbre cada período, conseguia muitas vezes communicar aos outros, aos que o escutavam enlevados, uma voluptuosa sensação igual à sua.

De todas as qualidades características, pessoaes, inconfundíveis do indivíduo humano é a voz a mais característica, a mais pessoal, a mais inconfundível.

Extincta pela ausencia ou pela morte, não se reproduz mais. A Physica inventou instrumentos que a prolongam: prolongam uma cousa que se lhe assemelha, que a lembra; mas a *alma da voz,* êsse eflúvio subtilíssimo, que é como o perfume dum ser, o toque differencial de cada personalidade humana, esvái-se num segundo, consome-se toda na sua produção, não ha revivê-la. Edison logrou fixal-a por algum tempo; mas o travor metálico ficou substituindo, e que mal!, o que havia de quasi divino na voz que emmudeceu.

Para o violino de Paganini e para o piano de Liszt havia a transfusão da voz interior dum e outro incomparável virtuose: mortos estes grandes artistas, ninguem tira desses instrumentos musicos o mesmo sublime som... A mais ephémera forma da nossa actividade mortal é a voz. Como tudo o que somos, devêmo-la à morte; e a morte toma-a a cada momento. De quantos a saudade nos conserva a imagem perfeita, nenhum resurge na nossa memória com o timbre da sua voz. São figuras mudas as que o nosso amor contempla. Eternamente mudas! A morte é verdadeiramente o silencio, o silencio perpétuo...

O drama *D. Pedro* versa sobre o sabido, famoso, lance da nossa historia antiga: *os amores e a morte de D. Ignez de Castro.* É o mais impressivo de quantos a fatalidade urdiu e complicou no transcurso da edade media portugueza. Na chronica e nas lendas o colheu e aproveitou, volvidos dois seculos, a dramaturgia nacional; e no entretanto a lyra divina de Camões, desferindo eternos sons, consagrou para sempre o lastimoso caso no oiro e na musica dos seus versos.

Antonio Ferreira, inspirado da litteratura hellenica, iniciou a serie das composições nacionaes. A sua tragedia tem de singular e notavel, diz o Sr. Dr. Theophilo Braga, ter sido o primeiro facto nacional tratado pela Renascença no theatro; o visconde de Almeida Garrett admitte como possivel ter visto Ferreira a Sophonisba de Trissino, pouco antes apparecida. Tivesse-a elle visto ou não (o assumpto da Sophonisba não era sobre um thema nacional, italiano), a tragedia Castro é, por unanime consenso, um verdadeiro monumento do genio portuguez; e posto não revele uma real grandeza de concepção e execução dramatica, a que aliás nunca logrou alçar-se o nosso espirito, em outros generos litterarios tão insigne, fica e vale esta obra, pelo tempo em que foi composta e pela adaptação felicissima do modelo que o poeta elegeu, n'um logar á parte: e o renome do seu autor n'uma justa e radiante aureola de gloria.

Numerosas imperfeições se lhe apontam; e algumas que nem o atrazo do tempo é razão bastante a releval-as e absolvel-as. Mas todos os juizos são concordes em que, a compensal-as de sobejo, estão aquelles coros que o poeta lhe introduziu, imitando-os da Grecia e Roma, da Grecia principalmente: e que o genial reformador do theatro portuguez considera *superiores a todos os exemplares da antiguidade, nada tendo que invejar aos tam gabados da Athalia*... Parece que ha excesso no louvor, e que a sobriedade critica de Garrett cedeu aqui da sua habitual moderação.

É certo que quando o coro na tragedia portugueza moralisa as duras experiencias da fortuna e do amor, ou geme e soluça dolorido sobre os trances do infeliz e miserando caso, eleva-se, como no theatro grego, aos páramos mais altos da poesia lyrica. É ver o coro do acto III:

Teme seus erros, mocidade cega.
Fuge a ti mesma, logra-te do tempo,
Que assi te deixa correndo, e voando
Com suas asas.
.....
Cruel morte.....
Ha piedade e magoa
Dos seus fermosos olhos,
Do seu fermoso rosto.
Doam-te aquelles peitos
De marfim, ou de neve.
Doam-te aquellas faces
De lyrios, e de rosas,
Que já perdem sua cor
Pela falta do sangue,
Que no coração junto
Lhe tens frio, e coalhado
Com medo do teu nome.
Aquella alva garganta
De cristal, ou de prata,
Que sostem a cabeça
Tam alva, e tam dourada,
Porque cortar a queres
Com golpe tam cruel?
.....
Ha piedade e magoa
De tanta fermosura,
D'aquelle triste Infante,
E d'estes seus penhores.
Detem-te, em quanto chega,
Detem-te, em quanto tarda...

Revive nestes versos a celica harmonia dos coros de Sóphocles. Foi elle que elevou este personagem multiplo, que já avultava nos luminosos cimos da tragedia grega, a tam eminente dignidade e a tam luzida perfeição. *La poésie de Sophocle n'ouvre ses ailes que dans les Chœurs; mais le vol du cygne, dans cette sphère, peut défier l'envergure de l'aigle:* diz, no seu phrasear rutilante, Paul de Saint Victor.

E, na grandiosa imagem, a aguia é Eschylo!

Outros dois longos seculos hão de passar antes que na bibliographia patria se haja de inscrever uma nova peça referente a este assumpto. O poeta que a engenhou e compoz não era porém de força a arcar de plano com as ingentes difficuldades que se lhe deparavam. Capaz de sentir a infinita poesia, tragica e lyrica, do episodio que versou, sim; o seu coração brando, que tam profundamente se embebia da innocencia e belleza da vida pastoril, sentia, de certo, o que havia sublime e raro n'aquelle amor qúe incendiara de rubros clarões um momento da vida medieval portugueza; a sua alma, inclinada para o lado da existencia, em que as dores são mais agudas e os espinhos mais percucientes, tinha-lhe preparado, de longa data, a sensibilidade para resentir tudo que havia de negro e horrivel no espantoso desenlace. Mas isso não era bastante. Para que o genio do theatro esplenda e triumphe, outras condições se requerem, alem da imaginação poetica, da emoção facil, e da correcta e elegante expressão pela prosa ou pelo verso. E o malaventurado Alcino terá de contentar-se, á mingua d'outro titulo, que lhe não cabe, com o de primeiro bucolico portuguez que justamente a posteridade lhe confere. Foi o poeta de mais alto vôo dramatico que assim o julgou; e a auctoridade é de peso.

E consola ver o inditoso Arcade cingido, em coroação posthuma, da invejavel grinalda que lhe cingiu a mão patricia do mais glorioso homem que modernamente lustrou a carreira do theatro portuguez. Se os caminhos da vida lhe não foram planos, e a sociedade do seu tempo tam impiedosa foi, e tam injusta, no seu inintelligente egoismo, Domingos dos Reis Quita teve a sua grande e triumphal desforra. Veio tarde, é certo. Mas não é outra a regra geral; e o prolongado infortunio do que seria tido como rival de Gessner, a pobresa e a miseria, o humilimo officio que exerceu, tam

desproporcional aos seus talentos e letras, se deshonram o seu tempo, não singularisam muito o seu destino.

O Sr. Dr. Theophilo Braga dil-o plagiado pelo portuense João Baptista Gomes; e, antes do insigne historiador da litteratura portugueza, tinha já Innocencio mareado a reputação do autor da *Nova Castro* com a mesma acerba critica. Rendido o meu profundo respeito á ponderosa auctoridade d'estes escriptores, muito principalmente á do primeiro, direi que não sou do parecer expresso por ambos. A tragedia de Baptista Gomes, iniciando-se por uma scena bem lançada, relampagueada de presentimentos e sobresaltos, penetrada do que hoje diriamos espirito ibseniano, e era apenas imitação litteraria da velha fatalidade grega, tem incontestaveis merecimentos, vibrações de sensibilidade humana, entre versos imperfeitos muitos elegantes e tersos: e se não fôra a servil dedicação á escola de Bocage, do qual foi discipulo addictissimo, o autor da *Nova Castro* viria a ser o nosso primeiro tragico. Pensa-o e dil-o Garrett. Não foi muito illustre porque morreu moço. A morte antes de tempo não deixou que crescessem, na arvore da gloria, os louros que por direito colheria. E da tragedia de Reis Quita, tam froixa, tam carecida de vigor dramatico, tam languida em quasi todos os versos, descaida por vezes no estylo pastoril, improprio e descabido nos lances de força em que era empregado, se aproveitou a intervenção d'alguns personagens, e uma ou outra inspiração de segunda ordem, por ahi ficou o seu plagio: não podendo negar-se que em tudo mais Baptista Gomes manteve o caracter de originalidade que o deixa a coberto de tam deprimente apodo. Ambas as tragedias, de Baptista Gomes e de Quita, foram representadas no seu tempo e tiveram, na impressão produzida, a prova irrefragavel do seu merito muito desegual. Um documento importante de 1815 escripto por autor

anonymo, e exhumado do esquecimento em que jazia por Camillo Castello Branco, põe em grande altura a peça do primeiro; e Garrett nem sequer cita a do poeta Alcino, para quem aliás, e muito justamente, é abundante de elogios e louvores, sob differente aspecto considerado.

Outra gloria, e interessantissima, e que uma alma de poeta não poderia desdenhar se a previsse, estava destinada á tragedia de Baptista Gomes: ella é, de todas, incluindo as melhores, a mais popular, a que tem principalmente servido para commover a sensibilidade virginal do povo no mais tragico successo da nossa historia. Ingenuamente representada por esses casarões e eirados da provincia, com actores improvisados e boçaes, no mais inverosimil *travesti* que possa imaginar-se, tem sido um como regalo d'alma, a ante-visão dos grandes fulgores dramaticos, dada ás almas simples em cuja natureza mal aberta germinam obscuramente os ideaes de toda a esthesia humana. Como n'outro tempo os mysterios, e depois as varias especies de representação popular, esta tragedia tem agitado, encrespado em ancias, revolto por momentos a superficie d'essas almas que assim vivem, em algumas horas, uma vida profundamente emotiva; e entre as lagrimas que a *morte escura* da linda Ignez fez derramar no correr de tantos seculos, as que o humilde povo das nossas aldeias chorou e chora memoram bem, como o poeta queria, o caso eternamente triste.

Nas longas noites de inverno lembram, recitam-se, repetem-se versos seguidos, tiradas completas d'essa tragedia. Á força de a ouvir, a gente do povo sabe-a de cor. E eu ouço-a sempre com interesse e ternura. Foi atravez da sua representação, com uma caracterisação verdadeiramente primitiva, estropiados os versos pela selvatica rudesa dos actores, grotesca e clamorosa a dicção, confundidas as rubricas com a parte que in-

cumbia a cada personagem: foi assim que eu, creança ainda, assisti pela primeira vez a um espectaculo dramatico. E, como não ri então (provavelmente chorei), não rio agora. Tudo que tenda a transformar a multidão em povo, tudo o que por alguma forma contribua a polir e melhorar, pouco que seja, as almas que a ignorancia e a miseria trazem vinculadas á crassa animalidade—tenho-o por muito bemvindo, e saudo-o e applaudo-o sempre. Não vou ao extremo de querer, como Victor Hugo, um mestre em cada aldeia a explicar Homero aos homens do campo; mas bem estimaria que se multiplicassem as diversões d'arte, com intenção moral, em forma assimilavel, que despontassem pouco a pouco as arestas da maior rudeza popular, e suavemente erguessem de sobre a terra os que com ella tanto se confundem ainda, como no tempo de La Bruyère!

Os auctores citados, e mais ainda Manuel de Figueiredo (cuja *Ignez de Castro* não logrei haver ás mãos), foram os poetas classicos que trataram este assumpto no theatro. Em todo o tempo que levou a renovação litteraria de Portugal, não appareceu outro drama original que repetisse o mesmo assumpto historico; e já a escola romantica que succedeu ao classicismo declinava dos cimos luminosos, culminantes, que attingira, quando nova serie principia rememorando na scena ou no poema os amores e a morte da desditosa Ignez: como se cada escola e cada poeta tivessem de renderlhe seu preito de homenagem e de lagrimas, mantendolhe, ainda e sempre, depois de morta, a illusão de que fora rainha!

Foi no Brazil que em 1875 se imprimiu o drama com que o Sr. Julio de Castilho (2.º Visconde de Castilho) enriqueceu a bibliographia attinente á especie de que me occupo. No referido drama o interessantissimo thema

foi tratado com o esmero que os modernos processos da arte e da litteratura dramatica requeriam de tam reputado escriptor. Poeta de sangue e alma; tendo tido o berço embalado sob a famosa olaia, em que as cigarras de Anacreonte cantavam; apaixonado por egual da arte e da historia; indefesso e exactissimo perquiridor das antiguidades que interessam ao viver passado da nossa patria; conjunctando na sua alta individualidade litteraria attributos que andam quasi sempre dissociados, e muitas vezes malavindos: o Sr. Visconde de Castilho, se não alcançou a palma do triumpho no concurso aberto ha seculos, assignalou notavelmente a sua passagem por este caminho difficilmente praticavel aos mais poderosos artistas. Terá a sua peça todas as condições de viabilidade em scena? Talvez elle se não preoccupasse com isso. De pequenos nadas depende o successo no proscenio; e quer-me parecer que a parte grandemente lyrica do drama, na feição sentimental caracteristica do illustre poeta, lhe poderia prejudicar d'alguma maneira o effeito e o interesse. Tambem, a meu pensar, não se contradiz indifferentemente a creação pela chronica e pela lenda d'uma figura historica como a de Diogo Pacheco; nem se antecipam, com tamanha extensão de tempo, no dialogo e dizeres dos personagens, as ideias correntes de tempos posteriormente longinquos.

Mas que belleza de versos! que de flores esparzidas a flux, a mãos cheias, por todos os actos e por todas as scenas! por vezes que notavel perfeição em alguns incidentes, como no reconto da scena III do acto I, e nas primeiras scenas do acto II, em que a apaixonada alma de D. Pedro e o bonissimo coração de sua Mãe se alternam no mais adoravel dialogo que se pode ouvir ou sonhar! que traço largo e firme no desenho e composição dos personagens que formam o conselho de Estado

do acto IV, e que, talhados na materia positiva da historia ou no bloco mais factivel da lenda, surgem, fallam, questionam com a paixão, o carácter, a physionomia moral que a tradição lhes attribue...

Como da serie antiga um drama mereceu e alcançou os applausos do publico, e este foi o de Baptista Gomes, outro ha na nova phase que os teve e terá, e com mais justo, alto e brilhante titulo. Escripto por um mestre consummado na arte de trasladar á scena, e mover ahi, as grandes figuras historicas e legendarias de Portugal, dotado do singular talento de influir vida e alma e caracter aos personagens que levanta e retoca, e sabendo habilissimamente dar a cor local e do tempo ao meio em que os revive: o Sr. Lopes de Mendonça mostrou mais uma vez, escrevendo a *Morta,* um raro engenho de dramaturgo; e, mais ainda e melhor, deixou perceber que as difficuldades da empresa as sentira bem, como talvez Garrett as viu e pesou. E querendo produzir uma obra representavel, uma verdadeira obra de theatro, e não escrever um poema (e para isto lhe sobravam os talentos proprios), tomou por uma senda diversa da trilhada até então, e logrou-se soberbamente do seu intento. Este drama é em verso sonoro, luzente, vibrante que, como todos os de Lopes de Mendonça, fazem pensar mais na tuba do que na lyra; e foi o primeiro que abandonando a metrificação do verso solto se apartou assim da tradição classica. O personagem em volta do qual gira a intriga do drama, e essencialmente interessa ao seu desenlace, é com effeito Ignez *morta,* Ignez encerrada na crypta de S.ta Cruz, Ignez levada n'aquelle apparatoso prestito, como outro não houve nunca, desde Coimbra até Alcobaça: o qual é como um traço inapagavel que listra funebremente esse longinquo horisonte da nossa historia.

Do drama resai, formidavel e pittoresca, a chronica de D. Pedro. Ora folião e divertido como um monarcha biblico, ora despota, sanguinario como um principe barbaro do extremo Oriente; justo sempre á maneira de Salomão, mas executor, elle proprìo, da sua cruel justiça em furiosos ataques de intermittente epilepsia; truculento e amoravel; protector da plebe em odio ás outras classes; apertado até á avaresa na sua administração economica, e por vezes dadivoso e accessivel como um Cesar d'aquelles tempos obscuros; amado, muito amado, no fim de tudo, porque sempre esta raça portugueza amou os caracteres que lhe davam uma grande impressão de dominio e força: D. Pedro enche as scenas principaes, em que o poeta o levantou das paginas de Fernão Lopes, e lhe assoprou a vida natural e imprimiu o devido movimento. Perfeito como obra d'arte e como exacção historica! Desde Camões, que o definiu e explicou genialmente n'estes dois versos:

> Fazer nos maus cruezas, fero e iroso,
> Eram os seus mais certos *refrigerios*...

até ao que a physiologia do cerebro, nas suas inducções scientificas, apura e liquida d'este extraordinario personagem, tudo ahi se vê, tudo ahi se comprehende.

O acto II é verdadeiramente admiravel. Tem movimento, vida, naturalidade e graça. As scenas ligam-se, relacionam-se. Succedem-se os quadros flagrantes da Lisboa mourisca, n'uma especie de polyptico enorme, em que apparecem, como realmente estavam, reunidas as mais *desvairadas* gentes, mescladas todas as raças e todas as classes, juntos todos os officios, travados todos os misteres. Esfuziam de quando em quando no dialogo phrases, palavras, que pintam ao vivo a inculta alma popular, a rude e simples moral d'aquelle tempo.

O rei é ahi retratado de tamanho natural, com as paixões que o avassalavam, com as taras adquiridas ou herdadas, á meia luz do sentimento da justiça que alvorecia, com a forma barbara de instincto sangrento, vindicativo, na sua alma allucinada. As scenas VII e VIII teem o pittoresco intenso e a ingenua frescura das chronicas, tudo exalçado e composto pela phantasia e pelo talento do poeta.

No acto IV, a maior agudesa do drama; a interessantissima parte d'elle decorrida na funebre crypta de S.ta Clara; as fallas exaltadas de D. Pedro em formosissimos versos, — e tam formosos que se esquece que o illustre academico sacrificou ao effeito immediato a precisa verosimilhança, pondo na bocca d'um principe ignaro do seculo XIV aquelles impios desafios a Deus em revoltadas apostrophes; o fecho d'esse acto, tam habilmente theatral, como é lindo, melancolicamente desfallecido o remate do V, qual o frio acordar d'um sonho que foi delicioso:

> Pela segunda vez
> Me fugiste da terra, idolatrada Ignez!

tudo isto se lê e ouve n'um fino regalo d'arte!

Mas o meu acto preferido é o II.

Remata e coroa este brevissimo capitulo da nossa litteratura dramatica o *D. Pedro,* de Sousa Monteiro. Vem a lume dos prelos da Academia de Sciencias de Lisboa que quiz, publicando-o em edição posthuma, render esta distinctissima homenagem ao que foi seu socio effectivo, e benemerito secretario da sua segunda classe. O marmore ou o bronze, fixando-lhe para a posteridade a physionomia intelligente, não teria prestimo egual ao d'este precioso livro, que nitidamente retrata da sua fina alma as feições principaes, resume

e condensa a eminente cultura e a dilatada capacidade do seu talento poetico: bello, regrado, perfeito.

É mais um poema em forma dramatica do que uma peça escripta de proposito para o theatro: posto que ahi podesse ser levada e representada com successo. O theatro... amava-o decerto Sousa Monteiro; mas creio que o temia, que se arreceava d'elle. O pudor natural e o natural orgulho d'alguns espiritos mais susceptiveis, postos em contacto com a multidão, faz que se retraiam como melindrosissimas sensitivas, e que avulte para elles, como se fôra desgosto grande, a mais leve contrariedade percebida ou supposta: e são faceis de produzir no meio theatral.

É preciso que a alma collectiva e anonyma, e tantas vezes sympathica, irrompa da physionomia de enigma com que o publico se figura sempre aos olhos d'esses taes para que o equivoco se desfaça, a sympathia se estabeleça e a confiança se fortifique. Byron sentia a mais invencivel repugnancia pela exhibição ao publico dos seus dramas, por mais excellentes que lhe parecessem a elle: dil-o no prefacio do *Marino Faliero*. E quantos, aliás homens de genio, deixam de tentar essa gloria, summamente capitosa e deslumbradora, para se não exporem a ser julgados por esse juiz temivel, caprichoso, apaixonado, fallivel tantas vezes, e que só n'um largo decurso de tempo assume a alta dignidade que dá ás suas sentenças um caracter augusto e definitivo? O grande tragico inglez, Shakespeare, jazeu longos annos esquecido, antepondo-lhe o mau gosto britanico umas composições theatraes, que hoje se desfazem, pelos archivos eruditos e curiosos, no pó do esquecimento que mereceram, a que foram justamente votadas.

Apropriando, d'uma rica variedade de metros, o que sempre convinha mais a cada ideia, sentimento ou lance — ora cheio e solemne, ora partido, convulso e rapido;

imprimindo em todo o drama uma sobriedade que lembra, a relanços, a tragedia grega; tendo em cada verso a tempera e a luz do aço fino; individualisando, caracterisando bem os personagens, poucos, que intervêm na acção, os quaes dizem e fazem o que era natural e logico que fizessem e dissessem; na parte puramente dramatica, simples, sem diluir em escusados incidentes o interesse principal, e, quando a poesia lyrica abria as suas azas, attingindo as culminações maximas da belleza sem comtudo desregrar a inspiração, presa a fios d'oiro e seda, sentindo-se que na alma do poeta se equilibrava sempre o engenho com a arte: Sousa Monteiro legou-nos, no seu *D. Pedro,* um livro formosissimo. Se lhe derem a preferencia a todos que a sua preclara mente ideou e a sua penna aparadissima escreveu, concordarei. Em nenhum foi mais o correctissimo poeta, o versejador impeccavel, o amoravel exemplificador de quanto pode, e para quanto é esta opulenta e inexhaurivel lingua de Portugal que foi dos mais intensos amores da sua vida: e, descontado um ou outro excesso (que o foi só de meticulosa pureza e d'ancianidade no dizer), o ha-de contar como um dos seus modelares escriptores em prosa e verso.

A figura principal é tratada primorosamente. Da tradição que se lhe antolhava mais certa colheu dados provaveis, feições parecidas, e nada desaproveitou; nos espaços vasios, ou que a vegetação das lendas tinha emmaranhado e obscurecido, a sua phantasia suppriu, criou, attribuindo-lhe em todo o caso qualidades, sentimentos e actos que a boa razão podia presumir e a verdade sabida não encontrava de frente. Muito avisadamente procedeu. A imaginação creadora é um talento sublime: faculdade soberana, preciosissima delegação de Deus ao homem, e sem a qual a vida espiritual, por mais que a sciencia a illuminasse com os seus rutilos

clarões, volver-se-ia, e a breve praso, inerte, pallida, dissaborida. Não é portanto de boa lei que o escriptor se compraza em amontoar negrumes onde alguma nesga de ceo é visivel, e assombrear de escurissimos horrores os quadros do presente e do passado, que d'outra forma poderiam ser debuxados.

Que insinuante, veneravel, ideal mulher se nos mostra a rainha D. Brites! Já o talento sensivel, a alma elevada e tam poetica do Sr. Vísconde de Castilho, se havia enamorado d'esta angelica figura, e a havia posto em acção no seu drama, com toques de singularissimo encanto, n'uma luz tenue e doce, n'um redolente perfume de santidade continua: Sousa Monteiro deu-lhe no seu livro maior importancia, intensificou mais o seu caracter beneficiente, e desde o primeiro acto, acto admiravel, que merecia illustrado com gravuras a agua forte, ella não deixa de ser nunca um como arco-iris, ora claramente desenhado, ora sumido, quasi desfeito, n'aquelle ceo de nuvens acapelladas, n'aquelle espaço em que tam sinistros signaes se succedem, presagos e ameaçadores, até á final catastrophe.

Conta Paul de Saint Victor que a Athalia de Racine, *la reine des tragédies,* só se lhe revelara em toda a sua sublimidade na basilica de S. Pedro, em Roma, lendo-a encostado a uma balaustrada, *á luz mystica das cem lampadas eternas que ardem sobre o tumulo dos Apostolos,* no esplendor e mysterio restantes d'uma d'essas augustas ceremonias que abrem, em quem as presenceia, marca profunda, vinco largo e perpetuo que não mais se desfaz... Não se pode resentir todo o encanto de verdade e poesia que ha n'esta figura da santa Rainha, que Sousa Monteiro collocou ao lado de D. Pedro e D. Affonso, se não evocando-a no tempo proprio d'ella, e repondo-a no seu *meio,* com o scenario simples que as rubricas indicam, dominada pela forte,

elementar psycologia da sua raça e da sua edade historica: mas, evocada assim, as preces fervorosas e humillimas que lhe saem dos seios d'alma, o amor ao filho que é o doce sorriso constante da sua physionomia suave, a rendida sujeição ao marido, que não excluia o seu direito de mãe e a sua dignidade de princeza, percebem-se, comprehendem-se á maravilha! E a figura de D. Gonçalo? De fibra heroica, como era natural no que havia de ser tronco d'uma familia destinada á gloria e ao mando; grande guerreiro e grande prelado, como só na edade media foi possivel tam estranha conjuncção; verdadeiramente homem, mais homem do que padre; typo acabado de lealdade cavalheiresca, que, no momento supremo, perguntado por Affonso IV se seria por elle ou pelo infante (pelo infante a quem devéras queria), responde apenas

> Minha alma a Pedro;
> a minha espada a vós...

porque ao seu rei tinha prestado menagem, e lhe tinha jurado a sua fé!

E a que rei! Pessimo homem, sem duvida. Violento e desleal. Reservado e vingativo. Rebelde como infante e como filho; e, como rei e como pai, despota sem piedade e sem entranhas. Porque promulgou leis sabias e uteis, mereceu a Herculano que o considerasse uma pessoa de juizo: mas Herculano era a historia, e a historia importa-se pouco da bondade ou malvadez dos que regem ou representam povos; valente até á mais louca temeridade, as margens do Salado restrugiram com o tropel dos seus cavallos, e viram-no batalhar como a furia d'um leão: e a posteridade cognominou-o *bravo,* o bravo por excellencia. Mas sobre a sua memoria, como na mão de Macbeth, alastra uma nodoa eterna; e esta mancha que o tempo não dilue, como a

de Macbeth a não lava *todo o oceano do grande Neptuno* na phrase de Shakspeare, é a morte, a execução de Ignez de Castro.

Sousa Monteiro esculpiu-o no drama com verdade e com amor d'artista. Fugiu a attribuir-lhe uma branda, quasi desfallecida sentimentalidade que a chronica, a lenda, a propria realidade das coisas repellem por inacreditavel; e apenas lhe concede alguns momentos de hesitação, que o ciume do poder real, mais que a razão de estado, logo susta e faz cessar.

No acto II o encontro do rei e do infante é soberbo de força, brilhante como o faíscar de duas lanças ao sol e em riste: e no V, no ultimo, o temeroso, formidavel duello ergue-se ao tom mais rubro da epopea. Defrontam-se, arremettem um para o outro, o desgraçado infante, talvez no primeiro accesso da sua demencia, e o velho do Salado, velho e não invalido, pedindo a altos brados a lança que ainda pode sopesar e o arnez que o seu herculeo peito ainda soffre. O leão vencerá d'esta vez; mas o pulo do tigre, tigre que a loucura fez n'um momento de desespero, vai ser temivel.

A gloriosa espada do Salado
quebrada, convertida em vil cutello
em portuguezas mãos... Ora o soberbo,
o triumphante heroe só pelas costas
sabe ferir, e fere cauteloso,
mulheres desarmadas.

E depois da ameaça de o mandar açoutar pelas costas, ameaça trovejada pela colera do pai, estas palavras do infante:

As sanguesugas
geradas nos passes que brotam varas
para açoutar infantes, sugam sangue
de reis sem grande custo. Os d'esse talhe,
e estatura meã, cabem á larga
no mais curto marnel d'estas defezas.

No *Romancero,* a resposta do Cid a D. Diego na prova singular em que este o aperta e tortura, não é tam terrivel, não é tam feroz e sangrenta. O Cid arrancar-lhe-ia as entranhas, revolver-lh'as-ia com as suas mãos, como se as suas mãos fossem uma espada ou uma adaga; mas, acrescenta, *se elle não fosse seu paí.*

Para o acto III reservou o poeta os sons mais doces, mais froixos, mais ternos da sua lyra. Todo elle é repassado d'uma penetrante, infinita melancholia. A scena v é deliciosa mais que todas, quando na saudosa despedida, em versos cantantes d'amor e de entranhavel tristeza, de mutuo abandono — tudo rapidamente golpeado pelo fremito sinistro de presentimentos que passam — o admiravel quadro é interrompido pelos arpejos da guitarra distante, a que um pescador se acompanha modulando esta tonadilha dolente e inesperada:

Ao som das quietas aguas
me vou deslisando ao mar
co'um mar de sentidas maguas
no meu peito a marulhar.
Não tens, mar das tristes aguas,
mais sentido soluçar.
. . . . . .

Sei que hei-de morrer asinha
no meu lidado lidar;
mas em tua alma, era minha,
não me deixes acabar...
Viva em ti eu, alma minha,
bem basta morrer no mar.

Lembra o Othello na partitura de Rossini. Quando Desdemona vai para cantar a canção do salgueiro é de repente surprendida pela voz d'um gondoleiro que passa perto, lançando aos ventos e sombras mysteriosas da noite o immortal lamento do Dante: *Nessum maggior dolore*... E Desdemona preludia a canção com a

mesma phrase musical, que se evolara da gondola fatidica...

São sem conta as bellezas lyricas e dramaticas d'este livro. Seguramente tenho razão para o antepor aos outros trabalhados pela mão de mestre de Sousa Monteiro. E não posso commigo que não reproduza aqui ainda o relato que o infante faz a sua mãe, suffocada de dor, da visão presaga que teve, e era o annuncio certo da ingente desgraça que lhe ia despedaçar o coração e despenhar o cerebro n'um revôlto abysmo de loucuras.

De subito a meus pés cae fulminada
uma garça real: toda a plumagem
crespa e sangrenta, o olhar humido e triste,
cor do ceu portuguez se expira o dia,
feito de sombra e dor, e em mim pousado...
Pungia aquelle olhar... Desmonto e observo-o.
E n'elle eu proprio vi — tal relembrança
me turva ainda — o olhar cheio de pranto,
de saudade, de luto, d'agonia
do meu *collo de garça!* A vossa filha
n'aquelle olhar seu doce olhar puzera
de eterno adeus, tam triste quanto a morte...
juro-vos que chorei...

Na nota final, bibliographica, que fecha o excellente drama do Sr. Visconde de Castilho, menciona-se uma tragedia em verso d'Almeida Garrett, e explica-se que o auctor só concluira o acto I. Foi novidade para mim. Nada mais sei; mas esta informação dá-me que pensar... Porque não comporia mais do que o acto I? Por que seria que o gigante do theatro, auctor acclamado e triumphante de tantas obras primas, apenas tentou, e não logrou ultimar, obra que a todos pareceria tanto do seu genio e do seu gosto?

Na erma serrania em que vivo e escrevo; sem possivel trato com pessoas doutas que possam instruir-me;

não estando ao alcance de archivos e bibliotecas, em que alguns documentos talvez me fallassem alto e claro, não sei deslindar este mysterio, que não é de somenos importancia.

Ao tempo em que Almeida Garrett lançava ao papel as scenas iniciaes da sua tragedia, ainda a litteratura patria não contava, alem da *Castro* de Antonio Ferreira, obra bem digna do genio portuguez em assumpto tam portuguez, tam attractivo e interessante.

Seria que Almeida Garrett acabasse por se convencer que a tragedia, como especie theatral, tinha feito o seu tempo, não valendo a pena galvanisal-a se não em dias revolucionarios, armando o proscenio em tribuna politica e fazendo do actor porta-voz das reivindicações populares, como nos dias já remotos do seu *Catão?* Mas, se assim foi, porque tentou a empreza e lhe deu começo de execução? Poderia ser que a relativa proximidade do drama real, a luz que revestia os factos componentes da tragedia, muito pouca para a historiação exacta do acontecimento e demasiada para a sua figuração dramatica, — na qual a dose de ficção e phantasia não devia exceder muito o quadro da tradição sabida — lhe parecesse insuperavel difficuldade de technica; e é plausivel esta razão, porque elle era essencialmente homem de theatro e para o theatro escrevia: e como poeta, e dos maiores que gerou a nossa terra, aliás feracissima n'esta esplendida producção, já o seu estro tinha sagrado á linda e desventurada Ignez o preito mais rendido da sua alta inspiração e da sua profunda piedade. (Por signal que o episodio dos *Lusiadas* fica muito acima, a perder de vista, no confronto com o canto VII do *Camões).*

Talvez que a formidavel intriga, a morte d'uma linda e amada mulher, em holocausto á dura, trivial, fria razão de estado, dando para um capitulo d'historia, ou

para episodio d'um poema, quando não para um poema inteiro, não tivesse as condições requeridas na sua dramaturgia exigente. E esta hypothese acode-me por ter lido ha pouco n'um bello e luzido artigo critico, fortemente pensado, a proposito do notavel livro do Sr. Anthero de Figueiredo, que Theophilo Gautier a aventara para explicar a pobreza da nossa litteratura (poderia dizer da litteratura universal) nas obras sobre tam impressionante thema. E direi, porque muito a proposito vem, que o livro do Sr. Anthero de Figueiredo, *D. Pedro e D. Inês,* foi um grande acontecimento litterario na nossa terra. Esplende e scintilla cada pagina com as finas joias d'uma linguagem purissima: e sendo a narração de successos lamentosos, tam rigorosamente verificada quanto o podia ser, e uma soberba evocação historica, que faria honra a Michelet, dá a impressão rica e nitente d'um vasto estendal de perolas sem jaça n'um fundo escuro, artisticamente proprio a fazel-as realçar.

A razão de Th. Gautier procede, satisfaz-me, acrescentando-lhe que o genio portuguez só a raros espaços se illumina d'alguma gloria em coisas de theatro: e que como a Inglaterra, apesar de Shakspeare, a Alemanha, que teve o refulgentissimo talento de Schiller, e a Italia, não obstante o desenvolvimento da sua arte dramatica na Renascença, não pode dizer-se muito bem fadado para este genero em que a França exerce ha muito, e notavelmente, o invejavel primado da fecunda producção e da contagiosa influencia.

E a observação do brilhante escriptor francez, bom critico n'este caso, pode ainda ampliar-se. É certo que a tragedia, como especie litteraria, perfeita e caracteristica, acabou desde que desceu dos cimos puros da

Hellade, onde culminara a uma luz esplendida, unica — e que, rediviva, estudada, imitada depois da Renascença, ainda serviu para despertar e fecundar o espirito europeu, que em grande parte educou: e não o é menos que o drama historico, como flor desabrochada do romantismo, cedeu já a sua priviligiada importancia á comedia social em que melhor se espelham os costumes geraes e as ideias dominantes.

Não obsta o exemplo de Shakspeare. As suas tragedias vivem, representam-se, repetem-se. Mas o collossal semi-deus foi uma *voz da natureza,* que só uma vez se ouviu no mundo; e a historia, nebulosa e sangrenta, em que elle aprendeu, cerrou-se e ninguem mais a verá. Na escuridão d'aquelles seculos medievaes (e que seculos! e que horriveis chronicas ou lendas em que elles ficaram! e que monstros do mal rompentes das suas paginas!) podia o mais authentico genio que ainda houve livremente crear, phantasiar á sua vontade os personagens: ou não eram da historia, ou viam-se em tam longinqua perspectiva que as alterações que lhes fizesse comprehendiam-se como realidade possivel; e o assombroso creador d'almas sabia tornar as ficções flagrantes como a propria vida.

Concorda porem a hodierna critica em que aquelles dramas são inferiores aos que a sua só imaginativa ideou.

Ricardo III e Macbeth que o artista surprendeu na lenda e ergueu do *bas-fond* da raça anglo-saxonia, ainda no seu estado barbaro, são inferiores ao Rei Lear, ao Hamlet, ao Othello, as tres creações maravilhosas d'esse homem quasi divino de quem, na sua linguagem olympica, Victor Hugo pôde escrever: *L'œuvre de Shakspeare est absolue, souveraine, impérieuse, éminemment solitaire, mauvaise voisine, sublime en rayonnement, absurde en reflet, et veut rester sans copie.*

A verdade do que ahi fica, se o é, não pode ser impedimento a que o formoso livro de Sousa Monteiro se inclua entre as obras primas, selectas, da litteratura nacional. Dão-lhe direito a essa invejavel consagração a linguagem modelar, a metrificação variada e certissima, a nobre contextura e a alma rasoavel de todo o drama. Nos livros d'arte a perfeição da forma é como aquelle preparado que se conhecia em algumas antigas civilizações, e que preservava da corrupção os objectos em longos seculos por vir: e esta perfeição, no verso e na prosa do eminente academico, ninguem a contesta.

Por que não seria publicado o *D. Pedro* ainda em vida do seu auctor? Não sei. Alguma razão houve, porque todos os seus actos obedeciam a principios e leis da sua consciencia moral ou artistica. Bom foi que nol-o legasse inedito. Pôde assim a mais alta corporação scientifica do paiz, publicando-o agora, premiar dignamente os talentos e os serviços d'este illustre homem de lettras, que o foi no mais comprehensivo sentido d'estas palavras; e eu pude, substituindo um grande e brilhante escriptor, seu par e seu amigo, que a doença impossibilitava então de escrever, distrahir a minha attenção de mil coisas impertinentes, e algumas tão amargosas! que m'a solicitam sem eu querer, para o espirito e para a obra de Sousa Monteiro, em que mais uma vez colhi exemplo, licção e consolação pura. Dos dias em que de novo convivemos agora, e tam estreitamente que chegou a parecer-me que o tinha despertado do seu somno de morte (foi illusão da minha saudade; nem elle me perdoaria que o revocasse á vida...) ficou-me mais alta e amavel a sua imagem, e mais dentro do coração a pena de o ter perdido.

Sousa Monteiro era profundamente religioso. Convicto e praticante. Acceitava submissamente os ensinamentos da Egreja, que tinha como indefectiveis. Nunca tomou

partido por nenhuma das *nuances* ou escolas que se disputavam a conveniencia do melhor processo sobre as relações de Roma com o seculo. Tinha a religião das almas simples: elle que não era simples na sua estructura mental! Não o fascinava o christianismo romantico e poetico de Chateaubriand; ao invez de Lacordaire e Montalambert, não sonhava um catholicismo liberal em que, até certo ponto, a Egreja e a Revolução se conciliassem; e tambem não era cegamente parcial das doutrinas extremas, e da forma rudemente batalhadora de Luis Veuillot, por quem aliás tinha a maior admiração e a mais fervente sympathia. Quantas vezes repetiu diante de mim aquelle sublime epitáphio, que L. Veuillot compoz para ser gravado na sua pedra tumular!

Não era um mystico; e, menos ainda, um asceta. O mysticismo, que é tanta vez a degeneração moral, progressiva, em almas sem resistencia, de pouco solido equilibrio, nunca se apossou da sua organisação activa, nunca invadiu e atacou a sua sanidade mental. Não era a *fé* em Sousa Monteiro como um fogo ardente que o abrazasse e consumisse todo: melhor pode comparar-se a uma labareda distante que nunca deixasse de o illuminar com o seu clarão continuo, e de o aquecer com um calor moderado e perenne. E, sendo assim, era como devia ser.

Pouco facil de conhecer este homem superior e bom. Uma tal qual rispidez que lhe erriçava a apparencia muitas vezes, e era apenas a defeza de que a educação o armara contra as familiaridades excessivas, que facilmente compromettem o decoro nas relações entre os homens; e uma certa desconfiança, injusta, de si e dos outros, que successos brilhantes e as mais altas distinções não conseguiram debellar ou reduzir: embaraçavam o ingresso ao seu coração sensivel, leal, piedoso e

affavel até á ternura. Mas despontados os espinhos, que só abrolhavam á superficie; distendido e desfeito o retrahimento do seu humor habitual; desenrugada a fronte, que a myopia e a reflexão de ordinario vincavam; e aberta a bocca de que manava, fluente, abundante, a eloquencia da conversa: Sousa Monteiro transfigurava-se, era outro: e dos dobrados refolhos da sua alma rescendia então o aroma d'uma natureza verdadeiramente encantadora.

Desadorava a discussão; quasi sempre a contradicção o feria. Repugnava-lhe admittir como coisa duvidosa, não tanto a materia concreta das suas crenças ou convicções, como as razões supremas, ultimas, do seu crer e do seu pensar. Ao afastado logar da sua alma, d'onde essas razões irradiavam, era absolutamente defezo o accesso. Defezo a todos. No mais, d'uma indulgencia facil e d'uma liberal e bondosa tolerancia. Erraria quem o considerasse d'outro modo.

Tinha frequentemente as tristezas e os longos silencios dos que vivem muito dentro de si. Não são felizes estes. Por mais purificada que uma consciencia se mostre; por mais que a memoria se recame de recordações só agradaveis; por mais que, a quem quer que seja, a vida tenha cumprido as promessas feitas, e a fortuna haja aplanado todos os caminhos; ainda que o amor e a gloria, as duas mais fortes illusões do egoismo humano (movediça poeira d'oiro que o vento dos desenganos varre e leva afinal), floresçam plenamente e perfumem os dias d'uma existencia, sombria apesar de tanta luz, miseravel até em meio dos esplendores do proprio genio: sempre, a quem se demora na visão e analyse do seu mundo interior, uma grande melancholia o invade, profunda, inenarravel, indefinivel a maior parte das vezes! Pelo menos é forçado a contemplar ahi a desproporção existente entre o ideal sonhado e a parte

d'elle que lhe foi dado realisar. É no foro intimo que essa distancia, sempre enorme, se mede com implacavel exactidão. E, ao mesmo tempo, tudo o vai advertindo, os sentimentos que esfriam, as esperanças que se desfolham, os enthusiasmos que desapparecem, as forças que cançam, as energias de toda a ordem que se intibiam e succumbem — de que se caminha, pelo effeito d'uma attracção incontrastavel, para a voragem final, para o supremo desengano...

E a certeza da morte, em vez de ser, como queria Pascal, uma razão de superioridade do homem sobre o mundo, será sempre a sombra fatal, que segue e envenena as alegrias da vida.

No circulo estreito, e dia a dia mais estreito, dos seus principaes affectos, que tam leaes lhe tem sido, diffundia-se toda a luz suave do seu coração. Era ahi, n'essa estufa moral, que se desapertava e floria todo o seu encanto intimo. Rendido a attenções, de que a sua educação diplomatica a ninguem dispensava, facilmente propiciado por affectos, de que a primeira prova o volvia logo confiado e satisfeito, a graça, o talento, a prodigiosa erudição do seu espirito appareciam espontaneamente: e Sousa Monteiro mostrava-se como realmente era. Um amigo precioso e um conversador interessantissimo. A correspondencia intima, em que com a palavra mais correntia sem nunca deixar de ser elegante, punha o que havia de melhor na sua alma, o seu interesse pelos outros, a sua sympathica melancolia, a desfeita ternura dos seus affectos, se um dia se publicasse, seria um acabado exemplo de bondade, e um modelo de redacção no genero...

Por tudo isto os corações que o amaram trazem ainda hoje o luto pesado da sua morte.

Do irmão predilecto, e amicissimo seu, amoravel e constante companheiro, interessada testemunha de todas

as alegrias e de todas as dores, digno d'elle em tudo, sua imagem em tanta coisa — a quem devo a honrosa incumbencia d'estas palavras que vão antepostas ao presente livro — sei eu que a vida se lhe ia partindo quando a morte, que nunca se lhe annunciara, *de que elle ainda não vivia* (creio que a phrase é de Montaigne), lh'o arrebatou improvisamente!

Bem vistas as coisas, foi feliz o seu destino. Ao cabo d'uma vida sem mancha, e a que não faltou a gloria... a morte repentina, sem apparato, em silencio!

Candemil, 2 de Junho de 1913.

Antonio Candido.

PESSOAS

RAINHA D. BRITES.
D. GONÇALO, arcebispo primaz de Braga.
O INFANTE D. PEDRO.
D. AFFONSO.
DIOGO LOPES.
PERO COELHO.
TELLO.
ALDONÇA.
GIL EANES.
FERNÃO VAZ.
UM PAGEM.
D. IGNEZ.
DULCE AFFONSO.

CUVILHEIRAS, PAGENS, ESCUDEIROS, CAVALLARIÇOS, ETC.

JORNADA I

Recamara da rainha D. Brites nos paços da cidade em Coimbra. No topo duas esguias janellas de vidraça colorida. Entre ellas, amplo estrado com mesa e dous cadeirões pregueados. Á direita, portas de serventia; á esquerda, oratorio da rainha ante cuja porta aberta, pende uma lampada accesa. Vae descahindo a tarde.

SCENA I

D. BRITES e duas CUVILHEIRAS

D. Brites, sentada n'um dos cadeirões do estrado, lê em voz alta n'um grande livro seguro nas mãos das duas cuvilheiras ajoelhadas a seus pés.

D. BRITES, lendo

«Porém, entendendo Jesus seus pensamentos, disse-lhes: Todo reino contra si mesmo diviso é assolado; toda cidade ou casa, divisa contra si mesma, não subsistirá.»

(Breve pausa de meditação)

É palavra de Deus; quem n'o duvida?
E ensinava Jesus que toda vida,
a terra, os ceus, o mar,
a gloria, a luz haviam de passar,
com tudo que hoje existe e firme está,
mas palavra de Deus não passaria
e palavra de Deus não passará.
Só ella, nunca.— Vão soar trindades.
Finde a leitura co'o findar do dia.

Invoquemos o nome de Maria:
são seus estes momentos. Soledades,
desconfortos, tristuras,
tudo apaga a Melhor das creaturas
co'o seu manto de Mãe e de Rainha.

(Ergue-se e ora de pé entre as duas cuvilheiras de joelhos)

Santa Maria, Mãe de Deus e minha,
Fonte de graça e luz,
do trono dos perennes resplendores
rogae por nós que somos peccadores,
nesta hora e na da morte. Amen. Jesus.

SCENA II

As MESMAS e uma CUVILHEIRA entrando pressurosa.

CUVILHEIRA

Alta Senhora...

D. BRITES

Grande nova traz
a minha Dulce.—Falla.

CUVILHEIRA

A tal deshora
o arcebispo primaz
requer que o recebaes e sem demora.

D. BRITES

O bom senhor de Braga?! Sou contente.

(Ás duas cuvilheiras)

Sahi a recebel-o e prestesmente
recolhei-vos a vossos aposentos.

(As cuvilheiras levantam-se e, depondo o livro sobre o buffete, saem ao encontro do Arcebispo)

D. BRITES, entre si

O que dará tal pressa a D. Gonçalo?

Acalma, coração, pressentimentos
de lucto e de terror.

(Senta-se de novo. Para D. Gonçalo que assoma á entrada)

Entrae, Padre e Senhor.

D. GONÇALO, abençoando as duas cuvilheiras, que lhe ajoelham devotamente aos pés

Que Deus resguarde gentileza tanta.

(As cuvilheiras deixam passar o Arcebispo e s.iem)

SCENA III

D. BRITES, sentada no cadeirão, e D. GONÇALO

D. GONÇALO, entrando e saudando

Senhora!

D. BRITES, levantando-se

Não vos calo
que, se me alegra assaz, assaz me espanta
vossa presença, muito honrado amigo;
que já as aves do ceu buscam abrigo
para o somno, e o occaso apenas doura,
e num desmaio, as altas cumeadas.

D. GONÇALO

Queira o Senhor, Senhora,
emcimar meu empenho e grão motivo
havereis de conforto.

D. BRITES

Amen! Quebradas
heis de sentir as forças, se vos trouxe
vosso rijo murzello em passo vivo.
Sentae-vos; resfolgae.

(Indica-lhe o cadeirão)

D. GONÇALO, sentando-se

Oh! se não fosse
o carrego dos annos, dissabores...

D. BRITES

Padre e Senhor, se nos prostrassem dores...

D. GONÇALO

Mas submissa á vontade de quem pode
o que lhe praz heis sido e Deus acode
a quem lh'o bem merece.
Ora é paciencia a mais ouvida prece,
dizem os que têm lido.

B. BRITES

Deus sabe a affronta em que hei lidado e lido...

D. GONÇALO

Aos que mais ama Deus mais prova e pena.
O que vos vou narrar ouvi serena.

D. BRITES

Deus m'o envia, dizei-o sem piedade.
Piedade é ás vezes não n'a ter.

D. GONÇALO, depois de breve pausa

Por mal
de nossa iniqua idade
de dia a dia crece
a colera real
contra o senhor Infante.

D. BRITES, com angustia

Oh! ceus!

D. GONÇALO

Parece
que Deus se esqueceu d'ambos...

D. BRITES

Pois não é
porque eu lh'os não recorde...

D. GONÇALO

Vil, refece,
baixa facção, com medo ao valimento,

da facção de Castella, á falsa fé,
se esforça por mantel-os desunidos.

(Gesto de D. Brites)

Que cuidaes que ligou n'um mesmo intento
os tres grandes validos,
Pero Coelho e Alvaro Gonçalves
e o senhor de Ferreira?

D. BRITES

Diogo Lopes!

D. GONÇALO

Deus grande! não me salves,
se dos tres não fôr esse o mais culpado.
Hypocrita, mentido em tal maneira
que no inferno dá brado.
Nos outros ha paixão infrene e fera
que a nada cede, tudo quer e espera,
a faminta ambição.
O senhor de Ferreira, se natura
nos permitte viver sem coração,
— digam-nol-o os sabidos na escriptura —
por certo não n'o tem.

D. BRITES

E eu que já lh'o suppuz austero e nobre,
como o ferro do arnez que o cinge e cobre,
e nado para o bem.

D. GONÇALO

Fazieis-lhe, Senhora, grave offensa.

D. BRITES

E ouve-os El-Rei...!

D. GONÇALO

E crê. Se os considera
de seu seio. Assim, pensa
que a recusa do Infante a novo enlace,
invejando que seja, apenas nace
de vil paixão que impera
no infeitiçado e o liga á linda Ignez...

D. BRITES

Ella tão pura e santa na altivez
de dama e de espanhola.

D. GONÇALO

Não ha feia
pratica de que El-Rei,
na braveza da colera, a não creia
capaz.

D. BRITES

Pune o Senhor quando permitte
no mundo tanto mal.

D. GONÇALO

Não vos direi
as culpas que lhe assaca sem limite
o terror de Castella.

D. BRITES

Deus de piedade, amerceae-vos d'ella!
Que em nossa doce Ignez não ha peccado
vós o sabeis e eu sei.

D. GONÇALO

Determinado
ficou porém que em bando
se enviasse a Castella.

D. BRITES

El-Rei ordena...

D. GONÇALO

El-Rei!

D. BRITES

Ignez expulsa! Desde quando
Affonso e em terras portuguezas pena
de esposo e esposa a conjugal ternura?

D. GONÇALO

Se taxa El-Rei d'impura
a união d'Ignez e Pedro.

D. BRITES

Mas a El-Rei
eu propria asseverei
— e não mente uma dama — que sagrara
seu mutuo amor a Igreja.

D. GONÇALO

Cousa rara
fôra El-Rei não vos crer. Mas, no conflicto
d'incessantes enredos, accredita
não que lhe hajaes mentido, — é funda, é santa,
suavissima, infinita
a affeição que vos tem, — porém que é tanta
a que sagraes ao Infante que lh'heis dicto
o que vos disse a astuta embahidora...

D. BRITES

Espanta-me, Senhor, não vos enfade,
que vossa voz faltasse valedora
á causa da verdade.

D. GONÇALO

Dardes-me vós enfado...!
O celebrado enlace
pensei em declarar; mas tal segredo,
rainha e mãe, podéreis ter quebrado.
Eu, não.

D. BRITES

A bem! concedo.

D. GONÇALO

O boato do enlace, recordei-o.
E prometteu-me El-Rei por este meio
a sentença annullar, se lhe provasse
submisso o Infante o casamento.

D. BRITES, com um raio de esperança

E aveio
Affonso acaso em tal?

D. GONÇALO

De rosto ledo.

D. BRITES

Terá por filha Ignez?

D. GONÇALO

Espero e creio.

D. BRITES

Será de novo Pae?

D. GONÇALO

Juro-o e sem medo.

D. BRITES

Grandes novas me daes. Porque este intento
surta immediato effeito
que m'importa fazer?
(Entre si)
Retomo alento,
ri-me de novo o ceu.

D. GONÇALO

É meu conceito,
— a El-Rei o disse e approva El-Rei — que o Infante
determineis de pronto a vir perante
seu rei, seu pae...

D. BRITES

Ha pouco leve a empreza
julgava...

D. GONÇALO

E dura agora. É de victoria
presagio, alvitram doutos, a graveza
antever do tentame.
Antevede e tentae que é summa gloria
se, em caso tal, ha quem n'a busque e ame.

D. BRITES

Tentarei, mas em Deus sómente fio.

D. GONÇALO

Justissima fiança.
E virá vosso filho?

D. BRITES

O nosso Infante
Não ha já vel-o. Quasi um fugidio!

(Gesto de D. Gonçalo)

Comtudo...

(O infante assoma á porta e fica-se immovel)

D. GONÇALO

Ás vezes cança
e dobra-se á vontade dos validos
a vontade dos reis, embora espante
aos menos entendidos...

D. BRITES

Deus guarde Affonso e a Pedro Deus o traga
em breve...

D. GONÇALO

E em bem. Amen!

SCENA IV

Os MESMOS e o INFANTE

INFANTE, entrando

E em bem o trouxe.
Socegae, minha doce
e mais que santa mãe. Mui reverendo
arcebispo primaz, senhor de Braga.

(Sauda)

Aqui me estou, Senhora, ao vosso mando.

(Ajoelha aos pés da rainha e beija-a com ternura)

D. BRITES

Chamou-te, filho, o coração tremendo.

INFANTE

E o meu sentiu-se docemente instado.
Applauso a ti, meu coração viltado
de rude e mau.

(Ergue-se e falla para o arcebispo)

Ouvi uns puros nadas
do que ereis praticando.
Não são mais tristes, tristes badaladas
da ermida da deveza
chorando a luz que expira na tristeza
de lagrimas soadas.
Tristes os dous! Ao pé de mim não quero
saber triste nenhum. Senhor! Senhora!
Sou mau de condição; tenho a vontade,
sabeis, dominadora.
Rosto de angustia, sobrecenho austero,
entristecem-me e eu gosto a gentileza,
o garbo, o riso, a força, a mocidade,
trovas e caça, e ainda foragido,
como agora, nas mãos da natureza
e quasi a par d'um cerdo perseguido,
com alma, com loucura adoro a vida.
Preciso ver alegres. Mãe querida,
que pratica era a vossa?

D. BRITES

De ti era,
de ti, filho.

INFANTE

E fallar do filho vosso,
d'um filho tão amigo, faz severa
tão meiga mãe! Não posso,
podesse-o muito embora, não queria,
não quero accredital-o. Quem seria
que vos fez tristes?

D. BRITES, com intenção accentuada

Qem seria?

D. GONÇALO

Vós.

INFANTE

Eu! Sem cuidar. Emendo,
se posso, em gesto e voz
submisso a penitencia, o crime horrendo.
(Para D. Gonçalo)

Podeis dar-me perdão? Desejo. Peço.

(Para D. Brites)

Do vosso certo estou.

D. GONÇALO

Pede-o vassallo;
não o ouso dar, Senhor.

INFANTE

O reu confesso...

D. BRITES

Reu!

INFANTE

Já tem seu perdão, não ha negal-o,
de amigo e mãe. Agora
que se transfunda em vós minha alegria,
e que tão doce mãe que um filho adora,
vendo esse filho, ao menos se sorria.
Vós, exemplar prelado,
e válido guerreiro,
sede quem sois, porém mais prasenteiro.
Sinto-me forte e bom ao vosso lado.
Para comvosco me julgar completo,
de todo em mim, só falta o mais perfeito,
o mais suave objecto,
que nunca ousou sonhar a mocidade,
que não supprem extremos de amisade,
nem todo o affecto de materno peito.
Esse objecto, — de pronto se adivinha —
é o meu suave *colo*
de garça, a minha, a minha
Ignez. Não me consolo
de não haver quebrado a força dura
que affasta, doce mãe, da vossa ilharga
tão santa creatura.
Choro, bravejo, lido em lida amarga;
mas sempre em vão. Rainha,
é tempo de acabar...

D. GONÇALO

É, mas primeiro,
ouvi...

D. BRITES

Ouve-me, filho: a Providencia
trouxe-te agora aqui. Tem paciencia...

INFANTE

De mais a tenho eu tido...
O vosso filho, o vosso Pedro, o herdeiro
de um...

D. BRITES

Pedro!

INFANTE

... D'um rei, de vós partido,
de monte em monte arrasta esposa e filhos,
em fadigosa eterna cavalgada.
Cesse o barbaro exilio e contra o Infante
bravejem muito embora uns vis caudilhos.
Vou dar por finda a minha vida errante.
Quero assentar pousada
e proxima de vós.

D. BRITES

Approvo e louvo.
E lembrados de antigas differenças,
tintas de sangue e morte, applaude o povo
e louva El-Rei...

INFANTE

El-Rei!
(Fica pensando)

D. BRITES

Filho, em que pensas?

INFANTE

Em nada, mãe; dizei.

D. BRITES

Agora, o triste

és tu, meu Pedro, e minha a vez agora
de te pedir...?

INFANTE

Eu, triste, oh não! Por ora...!

D. BRITES

Por ora! nunca. Se ainda um nada existe
de força e vida antiga
na velha e morta Brites. Chega cá,
aos pés de tua mãe, de mãe amiga,
como nunca se viu, nem se verá.

INFANTE, ajoelhando aos pés da mãe que o acaricia

Renasço, mãe querida, em teus carinhos.
Ao pé de ti, desafiara, em riso,
o inferno, o demo, El-Rei e seus meirinhos...

D. BRITES

Então, Pedro, juizo.
Vae sorrir nossa terra ameaçada
de luctas sanguinosas. É preciso
para isso que meu filho á mãe que elle ama
nada recuse, nada.

INFANTE

Nada recusará.

D. BRITES

Isto se chama
ser filho e doce filho. E se eu pedisse,
sem medo a desenganos,
um sacrificio grande...

INFANTE

Era disposto
a dar-lhe pronto effeito.

D. BRITES

E de bom rosto?

INFANTE

A minha meninice
não findou para vós. Não mudam annos

o que sois, o que eu sou. Se mais me humilho
por vós, mais sinto engrandecer-me.

D. BRITES

Filho,
orgulho-me de ti. Mas um preceito
de lei, que a Deus agrada,
não toma por-bom feito
que mãe só seja de seu filho honrada.
Falla em... Tens Pae.

INFANTE

Assim me hão dicto...

D. BRITES

Deves,
tu d'entre seus vassallos o melhor,
bem sabes... Vae, supplico, a Montemór.
Falla a teu Rei, falla a teu Pae; reconta,
embora em modo expresso,
sem tom solemne, filho, em termos breves,
que em Bragança — se queres estou pronta
a acompanhar-te — has desposado Ignez.
Nada mais quero, nada mais te peço.
Não farás isto a tua mãe?

INFANTE

Talvez.

D. BRITES

Talvez! pedindo eu tanto!

D. GONÇALO

A affirmativa
dera alegria e viva
á mãe que tanto amaes.

INFANTE

Jurae primeiro, —
vós, insigne prelado e cavalleiro,
jurae em nome e vez

do meu e vosso Rei
que não corre perigo a minha Ignez.

D. GONÇALO

Por certo jurarei.

INFANTE

E El-Rei desdiz o juramento acceito...

D. GONÇALO

Não se a tempo o não faz. É seu defeito
zelos do mando regio.

INFANTE

É certo?

D. GONÇALO

Creio.

INFANTE

Mas teme El-Rei! de quem?

D. GONÇALO

De todos teme
e de ninguem.

INFANTE

D'um filho...!

D. GONÇALO

Sempre alheio
ao sangue o teve o regio sceptro. Treme
de haver sonhado só que alguem ousara
erguer cupido olhar á regia c'roa,
que reputa melhor do que a tiara...
quando menos tão boa.

INFANTE

Do filho...!

D. GONÇALO

Não, do filho e de ninguem;
mas de todos talvez. Se acaso chega

a contrahir suspeita,
não sabe ponderar, não quer, de quem,
torva, braveja, cega,
nada esquece que pena e nada ingeita.

INFANTE

E então inteira prova
fôra de sujeição...?

D. BRITES

A nova...

D. GONÇALO

A nova...

INFANTE

Á fé! jurae-me e vosso juramento
(Desembainha a espada)
dae-o sobre este ferro,—é nobre, é puro—
(Beija-a)
que incontro, confessando o casamento,
de novo...

D. BRITES

Pae e rei benigno?

D. GONÇALO

Juro.

INFANTE, entre si

Por Deus! jurou.

D. BRITES, entre si

Virgem do ceu! não ouso...
(Alto)
Irás, meu filho?

D. GONÇALO, para o Infante

Seu cabal repouso
depende apenas dessa facil ida
a Montemór...

D. BRITES, anciosa

Irás?

INFANTE, depois de pausa breve

Ó mãe querida,
irei.

D. BRITES

E beijarás,
penhor seguro de almejada paz,
em joelhos as mãos... Sem grande custo,
um docil filho assim, meu filho, faz.

INFANTE

Mãe minha, beijarei. E amae-me; é justo.
Serei submisso e docil e esquecido
do antigo pae e rei
como do filho... antigo e abhorrecido.

D. BRITES

Toda me alegra, Pedro, esta promessa.
Retribuam venturas infinitas
o goso que me dás. A mim, confessa,
á mãe que te ama com ternura tanta
farias tal fineza, a mim somente?

INFANTE

Sim, a ti só. Consente,
ó mãe, que beije as tuas mãos bemditas.
(Beija-lh'as)

D. BRITES

És o melhor dos filhos.

INFANTE

Da mais santa
das mães.

SCENA V

Os MESMOS e uma CUVILHEIRA

CUVILHEIRA, entrando

Chegou el-rei; neste momento
apeia.

D. BRITES

Só?

CUVILHEIRA

Com larga cavalgada.

D. BRITES

Em som de guerra!

CUVILHEIRA

No ar vi fluctuando
solto pendão.

D. BRITES, para D. Gonçalo, inquieta

Que será, Padre?

INFANTE

Ao vento,
desfraldado o pendão, armado, e em bando?
Segue na piugada
El-Rei do moço Infante. Bella caça!

D. BRITES

Será possivel?

INFANTE

Abelhuda fada
na proxima espessura
pol-o na pista.
(Para a mãe)
Que ordenaes que faça?

D. BRITES

Que partas, Pedro. Vae-te.

INFANTE

E se procura
El-Rei saudoso...

D. BRITES

Já.

INFANTE

Porque não fico?
Devo aguardar meu Rei.

D. GONÇALO, vindo da entrada

Parti.

D. BRITES

Supplico.

D. GONÇALO, que foi de novo á entrada e volta

Inda... Vinde; commigo.

D. BRITES

Vae.

(D. Gonçalo toma do braço do Infante, vae até a entrada mas volta e entra com elle no oratorio. No mesmo vonto assomam os pagens que precedem com tochas El-Rei)

SCENA VI

D. BRITES e D. AFFONSO, precedido de pagens, escudeiros, etc.

D. BRITES, vê desapparecer o Infante
e dirige-se ao Rei que entra. Levemente agitada.

Bemvindo,
esposo e senhor meu!

D. AFFONSO, sauda. Grave.

Senhora minha!

(Olha em roda. Pausa)

As vossas cuvilheiras, nem sentindo
El-Rei que chega, assistem á Rainha!
Ou sois só por vontade?

D. BRITES

Mui por vontade. Vinha
caindo a tarde, triste e fria tarde
d'inverno...

D. AFFONSO

E vós haveil-as dispensado.

D. BRITES

Basta que Deus me guarde.
Tem a velhice amor á soledade.
(Pausa brevissima)
Dei-vos, Senhor, enfado?

D. AFFONSO

Nenhum.—Por modo instante
heis de soffrer vos falle. É noute. E tenho
de achar-me antes do dia assaz distante...

D. BRITES

Dizei, Senhor.
(D. Brites senta-se. Depois D. Affonso)

D. AFFONSO

Esposa!
(Para o sequito)
Na visinha
camara aguardareis que eu saia.
(Todos saem. Pausa)
Tinha
certo recado D. Gonçalo. Intendo
que vol o haverá dado. Agora venho
dizer-vos, não querendo
dar-vos fadiga vã, que d'esse empenho
grave vos desonero.
Mudou-se-me a tenção e em tempo aviso.
A D. Gonçalo espero
dizer porque, se chego a crer preciso.
Se não, vós lh'o direis.
Os de seu nome ignoram o caminho
que leva á rebeldia. São arminho
na pureza, e no mais igualam reis.

D. BRITES

Cumpre-me obedecer-vos sempre e em tudo.
Fallaes em rebeldia!...

D. AFFONSO, insistindo e aspero

Fallo, fallo.
Certo Infante... Mudei por isso e mudo
d'intento, não vos calo.

D. BRITES

Rebelde, não!

D. AFFONSO

Um rei nunca se engana.

D. BRITES

Porém vossos privados
de quem jurara a delação dimana,
enganam-se talvez...

D. AFFONSO

São meus amigos;
justo é que vossos sejam. De cuidados,
d'enredos, de perigos,
têm-me, mercê de Deus, livrado.

D. BRITES, friamente

Fio.

D. AFFONSO

Pensaes, fallaes-me d'elles, como pensa
e falla o Infante, dizem. Por Maria!

D. BRITES

Não vos pese, sou mãe. Vós, pae. Ouvi-o...

D. AFFONSO

Sou velho a tal tarefa.

D. BRITES

É leve.

D. AFFONSO

Immensa!
Tomem-n'a outros por mim. De rebeldia
só deve saber rei para punil-a,
seja em quem fôr, Senhora.

D. BRITES

Revel, não.

D. AFFONSO

Desmentia
—sinto a memoria menos valedora—
d'antes, Brites seu rei?

D. BRITES

E estou tranquilla:
cumpro dever.

D. AFFONSO

De tal vos desobrigo.
Hei poder para tanto. Grão delicto
é discordar de mim.

D. BRITES, com brandura, mas firme

Sinto o que digo...

D. AFFONSO

E o que uma vez, Senhora, eu disse, é dicto.
Eu por vós penso.—Agora
bastar-vos-ha saber que não mantenho
quanto esp'rando melhora
deixava prometter...

(Pausa brevissima)

D. BRITES

Mas outro empenho
tendes...

D. AFFONSO

Tenho. Que Pedro se apresente
submisso a meu meirinho. É innocente?
Á paz o restituo e a meu serviço.

Não é? Terá, jurei, quanto merece.
E... disse.

D. BRITES

Permittis, Senhor?

D. AFFONSO, levantando-se. Muito intimativo

Permitto,
que, como sempre a vosso amor submisso,
sejaes do meu alvitre. É justo e — dito.

(Pausa. D. Affonso dá alguns passos pela scena, em silencio. Para D. Brites)

Se proferi palavra que podesse...
Havei-a por não dita.— O que assevero
é certo.

D. BRITES

Mas...

D. AFFONSO, quasi desabrido

E quando quero, quero;
e é sempre bem. Julgam-me duro a prece,
a piedade, a perdão. Não sou. Pareço.
Tenho razão em tudo, tenho-a agora,
agora mais que nunca. Sou avesso
sómente a peccadores:
ruim disputador, mui pouco lido
nos dictames e leis dos sabedores;
muito aspero, e fallido
de memoria... Entretanto, não me esqueço
que tenho de partir e sem demora
Ouvi-me, que eu resumo: El-Rei ordena,
sómente El-Rei sem consultar doutores,
que a seu Rei natural
o Infante se submetta e já sob pena
de o crer rebelde e de o tratar por tal.
O meu meirinho-mór em certo dia
ha de intimal-o a vir ante elle ao Paço.
Perdoae-me, Senhora, tanto enfado.
Apartado de vós, ao vosso lado,
fui sempre e sou devoto esposo e mano.

(Sauda)

Deus vos tenha na sua companhia.

D. BRITES

Guarde-vos sempre seu divino braço,
meu Rei, de todo damno.

D. AFFONSO

Guardará!

(Para os seus na sala proxima)

Hun! sou prestes. A caminho.

(Sauda e sae)

SCENA VII

D. BRITES, e logo D. PEDRO e D. GONÇALO

D. BRITES, dirige-se aos dous que irrompem

Meu filho!

INFANTE

Tudo ouvi. Eis o carinho
—é justo que eu, seu filho, em muito o estime—
de Pae e de Senhor.

(Num arremesso)

Ia arrancando
do vosso esconderijo,
tão santo e caro, quando
me teve o rijo braço...

D. GONÇALO

O rogo rijo
de humilde servidor. Triplice crime
commettereis num só. Deus não se esquece
de ruim feito ousado
Contra Senhor e Pae...

INFANTE, amargo

É certo!

D. GONÇALO, continuando

... E ha prece,
ou pranto, ou sangue, ou morte em que attentado
contra tal Mãe se lave?

INFANTE, muito amargo

É certo. Dil-o
discreto sabedor. Mas contra um filho
é permittido tudo. Santo estylo,
que applaudem numa voz sceptro e cercilho.

D. BRITES

Meu Pedro!

INFANTE

Assocegae. Lembro o conselho
que ha pouco se me deu...

D. GONÇALO

Lição de velho
tonto talvez, mas certo amigo...

INFANTE, caindo em si

Santo
ensinador e Padre.

D. BRITES

Meu querido
e doce filho, ouve-me, peço tanto!
Não queiras retalhar-me o já ferido
coração. Tenho fé
e resarei... Vem cá, vem bem ao pé
de mim, de tua mãe que te ama, quanto
o ceu, mais que a si propria. Escuta: é grande
valedor o rosario e grande o Carmo.
Á Virgem pedirei — ha de negar-m'o?
não nega, tu verás — que toque, abrande
o coração d'El-Rei. É tanta, tanta
a minha dor, meu filho...

INFANTE

Vosso terno
carinho, meu respeito
á cruciante dor que vos quebranta,
vão desfazer-me a fraga que natura
me poz dentro do peito
em vez de coração, em agua pura.

Mas pela luz dos ceus, ou pelo inferno,
não m'a torne a gelar em rocha dura
uma braveza injusta.

D. BRITES

A Montemór
não vás por ora...

INFANTE

El-rei e seu Meirinho
chamam-me, vou.

D. GONÇALO

Mais tarde.

INFANTE

De caminho.

D. BRITES

Quando el-rei vos citar...

INFANTE, para D. Gonçalo, com intenção

Terei de cór
vossa licção.

(Para D. Brites, carinhoso)

Sentir-vos-hei na mente
em transe tal fremente;
mas socegada então.

D. BRITES

Sanhudo gesto,
porte insubmisso, sombra de doesto
contra teu Pae, meu filho, é cutellada
que dás em tua mãe.

INFANTE

Oh mãe amada!
Porque me fez o ceu tão teu amigo?

(Ajoelha e acaricia-a)

Abençoae-me.

(Ergue-se)

Adeus, Mãe.—D. Prelado.

D. GONÇALO, ao Infante que sae

Eu vou.

D. BRITES, chamando-o

Meu filho!

D. GONÇALO

Cá vos fica abrigo
aberto sempre ao coração rasgado
de toda mãe que chora e pede: Aquelle.
(Indica-lhe o oratorio)

D. BRITES, ajoelhando ante elle

Maria concebida sem peccado
rogae por nós,—por elle!

JORNADA II

Em Montemór. Sala do conselho. No topo, grande porta arcada, aberta para outra sala. Ao centro, meza cercada de tamboretes rasos. Num dos lados, um cadeirão sobre pequeno estrado com docel. Portas lateraes.

SCENA I

DIOGO LOPES e PERO COELHO

PERO COELHO, entrando

Recontas-me verdade?

DIOGO LOPES

E só verdade.

PERO COELHO

Então,
pelas hostes do ceu! tivemos do leão
nas carnes, por um til, a garra penetrante.

DIOGO LOPES

Se entendes por leão o muito honrado Infante
de Portugal, é certo. Ha pouco o disse e digo:
Mercê do nosso guapo e devotado amigo,
o muito Reverendo Arcebispo Primaz.

PERO COELHO

Um bufão de cercilho, um pio rufianaz.
Não cuidas mal cabido um ferro de cutella
nos peitos do bulrão?

DIOGO LOPES

Quiçá; mas á cautella
prefiro, para honrar a Igreja em seus prelados,
maravedis de Affonso a ferros afiados.
Ella em tresdobro torna as graças que recebe.

PERO COELHO

Em golpe de servir a mão não se percebe.
Defuncto bem defuncto, estou que nunca falla.

DIOGO LOPES

A Igreja faz fallar a quem melhor se cala.

PERO COELHO

Pelo inferno! Acabar ás mãos da santa Igreja
não punge muito mais que ás mãos d'Infante.

DIOGO LOPES

Seja!
Fallou-lhe El-Rei...

PERO COELHO

Fraqueza!

DIOGO LOPES

Aventas o que disse.
Escuta-o D. Gonçalo e, com subtil malice,
de não punir Ignez lhe arranca a vil promessa
se se humildasse o Infante a confessar-lhe que essa
donzella por esposa um'hora recebera.
Á mãe o propendel-o á confissão.

PERO COELHO

De cera
figuro, quanta vez, aqueste rei. Pois de aço,
muita outra o soube e vi, pela alma e pelo braço
De quem no rijo aperto houveste avisamento?

DIOGO LOPES

Do proprio rei; mas só, quando em razão do assento,
se ia a cumprir o empenho o nosso D. Gonçalo.

PERO COELHO

E conjuraste o mal, que (não me irás negal-o)
nos deixara á mercê das coleras do Infante.

DIOGO LOPES

Pardiez! De alguma cousa Affonso é mais amante
que da esposa e da vida, e luz, e ceu: — da c'roa.

PERO COELHO, rindo

Pintaste-a no cairel de fundo abysmo; troa
a colera real ao teu discreto aviso. . .

DIOGO LOPES

Nada d'isso.

PERO COELHO

Pois como?

DIOGO LOPES

Affonso é de bom siso.
Veiu na persuasão, — talvez do que eu lhe hei dicto —
que o Infante propendia ao mais que atroz delicto
de em seu poder supremo ambicionar ter parte,
por torpe suggestão da Castelhã. D'est'arte,
e á força de lidar...

PERO COELHO, jubiloso

Prolfaças!

DIOGO LOPES, retrahido

Eu sei! vejo
tudo muito ao revez do teu, do meu desejo.

PERO COELHO

Á mal! risco antevês?

DIOGO LOPES

E não dos mais somenos.

PERO COELHO

Que risco? Dize.

DIOGO LOPES

A paz...

PERO COELHO

Entre ambos! Ha venenos,
que em animo real nada correge.

DIOGO LOPES

Guar'te!

PERO COELHO

Deixaste-o presumir que o Infante almeja parte
do seu poder sob'rano... Affonso é suspicaz.

DIOGO LOPES

É certo; mas importa a muita gente a paz.
Lida por ella a Mãe, D. Gonçalo Pereira...
A Mãe para D. Pedro é certa medianeira;
para o Primaz a Mãe seguro auxiliar.
São dous, que valem dez.

PERO COELHO

Ha receio de calar
de vez, e para sempre, uma bocca importuna.

DIOGO LOPES

Uma; e duas?

PERO COELHO

Eu fio, e muito, na fortuna.

DIOGO LOPES

E eu pouco e só em mim.

PERO COELHO

Meio haverá que afaste
um do outro o Infante e o Rei.

DIOGO LOPES, duvidoso

Que para sempre abaste,
quando o Primaz e a Mãe lidam por congraçal-os?

PERO COELHO

Má peste m'os consumma, as Brites e os Gonçalos.
Hei de ver vencedora a facção de Castella?
Estranhos dominando o reino e a nós por ella,
Depois de nos pelar de quanto haver... Inferno!

DIOGO LOPES

Foi sempre o Infante á Mãe filho submisso e terno,
pensei; e no pensar temi que, por seu rogo,
a tudo se prestasse e por inteiro e logo:
era lavrada a paz. A Affonso ponderei...

(Corregindo-se)

a manso e manso fiz que ponderasse El-Rei,
que havendo, com razão ou sem razão, suspeitas
d'intuitos ruins e transacções mal feitas,
lhe mandasse acceitar a voz do seu Meirinho.

PERO COELHO, com applauso

Filhaste-me o leão. Não pode haver carinho
que o induza a praticar fraqueza semelhante.

DIOGO LOPES, com desalento

É poderosa a mãe.

PERO COELHO

É mui soberbo o Infante.

DIOGO LOPES, mysterioso

Eu fôra pelo certo...

(Na sala do fundo apparecem El-Rei e Alvaro Gonçalves)

PERO COELHO

E o certo?

DIOGO LOPES

Ao que se diz,
é atacar, e logo, o mal pela raiz.

(Observando o que se passa ao fundo; áparte)

Alvaro aperta El-Rei.

PERO COELHO

É bom talhar os males

pela raiz, de certo. As arvores dos valles
de mais pingue torrão mirram se lh'é talhada.
O ponto é acertar...

DIOGO LOPES

Pois acertar é nada.

PERO COELHO

Devolvêl-a a Castella?! Eu já pensára nisso.

DIOGO LOPES

Mas o caminho é curto e a não lhe dar sumisso
no leval-a de cá, havemos de cá tel-a
um dia, e melhorada.

PERO COELHO, preoccupado

Assim será.

DIOGO LOPES

Cautella!

(Com intenção, em confidencia)

Eu sei, e sabes tu, de sitio mais ignoto,
um pouco mais escuro, um nada mais remoto,
d'onde o tornar é duro...

(Pausa)

PERO COELHO, em sobresalto

E o que conclues, amigo?

DIOGO LOPES, retrahindo-se

O que eu concluo? nada. Eu digo-te o que digo.
Falei-te de raiz, falo-te agora em córte.

PERO COELHO

Acaso cogitaste em dar Ignez á morte?

DIOGO LOPES

Se cogitei? não sei; mas sei que és tu que o dizes.

PERO COELHO

Talvez o roble cae rachando-lhe as raizes,
e esmaga no cahir o rachador...

DIOGO LOPES

É certo!

(Áparte)

Se é de apertado tino, e se estanceia perto.

PERO COELHO

Morte será de mais, e por demais riscoso.

DIOGO LOPES

Avenho. Eu logo disse ao Meirinho: não ouso.
Antes perder a vida, o regio valimento...
Todo o ponto é sentir, com são contentamento,
a consciencia em paz. Levar a morte a alguem
para a allongar de mim, matar para meu bem,
nunca.

PERO COELHO, que ficara pensativo

Eu voto sem dó que se sepulte em crasta
bem rigida e distante.

DIOGO LOPES, ironico

Isso é famoso. Afasta
toda ideia de risco. O Infante, e os irmãos d'ella,
nunca ousarão raptal-a, e mettel-a em Castella,
d'onde ao primeiro lanço... Assim eu votaria
nada querendo á vida.

PERO COELHO, áparte

Alcanço-lhe a ironia.

DIOGO LOPES

A crasta. Fica assente?

PERO COELHO, hesitante

A morte é mau partido,
ou pode vir a ser.

DIOGO LOPES

Pois pode.

(Aparte)

Está rendido!

(Alto)

Ignez não tornará.

PERO COELHO, entre si; cedendo

Preciso, mas inglorio
feito.

(Vae a fallar)

DIOGO LOPES

Silencio! El-Rei que chega.

PERO COELHO, voltando-se e olhando o rei; a Diogo Lopes

E merencorio.

DIOGO LOPES, entre si

Resiste do Meirinho ao salutar conselho.
Cautella, Dom Diogo.

SCENA II

Os MESMOS, EL-REI e ALVARO GONÇALVES

D. AFFONSO

Acaso estarei velho.
Já me despraz o sangue. Assaz na do Salado
o fiz correr por Deus! Fiquei-me saciado.
Sem fallar de outro... Então, se Deus me ahi levava
toda a Moirisma, toda, eu toda lh'a matava
Hoje, sem grão porquê, por suspeição ligeira,
uma mulher, christã...

ALVARO GONÇALVES

Christã?! má feiticeira
E Castelhã ruim.

D. AFFONSO

Alvaro, a traça é dura.
Um dia, um sabedor mui lido na Escriptura
me recontou de alguem,—e accrescentou: não louvo—
que dissera: convem que *um* morra pelo povo.

(Saudando Diogo Lopes e Pero Coelho, que se inclinaram)

Diogo Lopes... Coelho... Assaz de vós preciso.

(Para Alvaro Gonçalves).

Vaes ver se são do teu se são do meu aviso.

ALVARO GONÇALVES

Esse *um* de quem fallaes, esse *um* do sabedor
mui lido na Escriptura, era Jesus Senhor.

D. AFFONSO, a Alvaro Gonçalves

Já quiz o teu conselho, agora quero o destes.
Os Reis que o sabem ser, inquirem, entendestes?
inquirem, mas por si resolvem. Põe o caso.

ALVARO GONÇALVES, com emphase oratoria

Disse um douto que Deus se traça em breve praso
punir uma nação...

D. AFFONSO

Encolhe o teu comprido
palrar de bom letrado. O sabido é sabido.
Isso não faz ao caso. O ponto é se é nocivo,
se bom, o teu conselho...

ALVARO GONÇALVES

O ponto positivo.

D. AFFONSO

O ponto positivo.

ALVARO GONÇALVES, quasi no mesmo tom

Importa ou não que seja,
segundo o juz do reino, e as prescripções da Igreja,
entregue á morte quem, por artes de magia,
aviva, ao que se julga, a ousada rebeldia
do Infante Portuguez...

D. AFFONSO, acenando-lhe silencio

Agora o vosso aviso.
Pensae que ao Rei fallaes. Tu.

DIOGO LOPES, simulando hesitação

Posto d'improviso
ante tal caso, assim...

D. AFFONSO

Queres pensar. Pois pensa.
Dirás depois. É tua a vez, Pero. A sentença.

PERO COELHO

Tem o Meirinho-mór a prova do flagicio?

D. AFFONSO, para Alvaro Gonçalves

Tens prova? — Não, não tem.

ALVARO GONÇALVES

Mas tenho grave indicio.

D. AFFONSO

Grave indicio! Talvez. Entenderás: suspeita.

ALVARO GONÇALVES

Indicio, se é flagrante, é quasi prova acceita
ao julgador.

PERO COELHO, baixo a Diogo Lopes

Cá vou pelo teu certo.

(Alto)

Vê-se
que, se fallece prova, existe indicio. E esse
suppre, se é grave, a prova e basta á sã justiça.
Deixar a vida a quem malmente enredo enliça,
segundo é fama, contra a augusta plenitude
do poder regio! É, certo, o perdoar virtude;
mas sempre a regedor se tolhe esse exercicio,
se salva acaso um reu da infamia do supplicio,
e a sangue faz pagar ao povo a piedade.

DIOGO LOPES, áparte

Dá demais na raiz. Canduras da maldade.

D. AFFONSO, áparte

É pela morte.

(Alto)

Basta.

(A Alvaro Gonçalves)

É do teu voto.

ALVARO GONÇALVES

Enredo
contra a corôa e o Rei, se é minimo, degredo;
senão, morte d'infamia. O juz é bem preciso.

D. AFFONSO

Diogo Lopes!

DIOGO LOPES

Senhor!

D. AFFONSO

Vamos. O teu aviso.

DIOGO LOPES

Em caso que interessa o seu poder augusto,
tudo que Rei decide é necessario e é justo.
Diz que é lei nada em Roma e que de Roma vem.
Ora quiz sempre Roma e quer o nosso bem.
Pouco importa, se ha prova, ou meramente indicio.
A El-Rei o decidir se existe, ou não, flagicio.
É lei, juiz, algoz e cadafalso a c'roa.
Castiga, se lhe apraz; e se lhe apraz, perdoa.
Sois senhor da nobreza e da miuda arraya.
Quereis matar, matae; quereis dar vida, dae-a.
Eis, Senhor, o meu voto e o que do caso intendo.

D. AFFONSO

Pareces-me, se alcanço o que me estás dizendo,
mestre Affonso das Leis...

DIOGO LOPES, áparte

Pareço o que pareço;
e sou... Deus sabe o quê.

D. AFFONSO

Ao teu dizer avesso
não sou.

ALVARO GONÇALVES

Somente é crime o que por crime havido
foi por El-Rei.

D. AFFONSO

Mas custa... ás vezes. Não decido.

ALVARO GONÇALVES

Decida o bem do Reino.

PERO COELHO

E a sã razão.

DIOGO LOPES, que se ficou a scismar

Se désse
(perdoe-se ao meu affecto a hypothese refece)
um traidor cutellada em vosso augusto seio,
que farieis?

D. AFFONSO, n'um impeto de colera

A haver o tredo ás mãos, matei-o.

DIOGO LOPES

Supponde agora o sceptro acutellado e a c'roa.
C'roa e sceptro, Senhor, não são vossa pessoa?

D. AFFONSO, que se não quer convencer

Diogo!

DIOGO LOPES, como desculpando-se

Eu não julguei. Sem odio, sem affecto,
propuz o ponto e vós heis decidido.

D. AFFONSO, áparte

É recto
este Pacheco, e sabe.

ALVARO GONÇALVES

Enredos contra o Rei
deve punil-os sempre e rijamente a Lei,
e Lei que saiba a sangue.

D. AFFONSO

O duro é que disseste
que fallecia prova.

ALVARO GONÇALVES

O bem do Reino investe
de poder summo o Rei.

D. AFFONSO

Permitte-lhe que invente
a prova que fallece, amigo?

ALVARO GONÇALVES

Mas consente
que preste a grave indicio attribuições de prova.

D. AFFONSO

Soa-me duro o caso e a theoria nova...

DIOGO LOPES

Mas se ao indicio accresce um juramento certo,
dado em consciencia pura e coração aberto...

D. AFFONSO

Um juramento!

DIOGO LOPES, explicando

El-Rei inquire se se presta
o accusador a ter e a dar por manifesta
a culpa mal provada. E se jurar...

D. AFFONSO

A jura
subroga a prova?

ALVARO GONÇALVES

Á fé!

DIOGO LOPES

Se a consciencia é pura
e aberto o coração...

PERO COELHO, baixo a Diogo Lopes

Golpeias demasiado.
Guar'te do tronco!

DIOGO LOPES, baixo a Pero Coelho

Deixa.

(Entre si)

Em mim não dá

PERO COELHO, como acima

Cuidado!

D. AFFONSO

É grave o que dizeis. Um juramento! E se eu
de pronto requeresse o teu, o teu, ou o teu?
Que respondieis? Tu?

PERO COELHO

Juro.

D. AFFONSO

E tu? Juro?

ALVARO GONÇALVES, confirmando

Juro.

D. AFFONSO

E tu?

(Entra um Pagem que falla ao Rei)

DIOGO LOPES

Seguir aviso, em caso incerto e escuro,
avesso aos d'estes dous, lustre não dá, desdoura.
Pois se o Meirinho-mór...

D. AFFONSO, ao Pagem

Disseste-me a Senhora
Rainha?

DIOGO LOPES, áparte

Já! É cedo.

PERO COELHO, áparte

A Rainha?!

ALVARO GONÇALVES, áparte

Em má hora!

D. AFFONSO, indeciso do que faça

Sou em conselho. Espera.

(Para os tres)

Aguardae-me vós fora,
e logo tornareis. Ficae. Poucos momentos...
A que virá? Suspeito. Eu vou e torno.

(Ergue-se e sae)

DIOGO LOPES, aos dous, submissamente

Attentos!

PERO COELHO

Era esperado o lanço.

ALVARO GONÇALVES

O caso era previsto.

DIOGO LOPES

Pschiu! que o silencio é de oiro, e santo como um Christo.

SCENA III

Os MESMOS, ao fundo. EL-REI e a RAINHA

D. AFFONSO

Praz-me ver-vos.

D. BRITES

Senhor, se nada vos impede
de attender-me...

D. AFFONSO

Um momento o Estado me concede,
e á minha esposa amada eis-me disposto a dal-o.

(Acompanha a Rainha á sua cadeira e elle senta-se n'um tamborete)

D. BRITES

Grave causa vos traz, em pressa e vivo abalo,
Brites...

D. AFFONSO

A grave causa applaudo.

D. BRITES

Mas ao Estado
cedo sem custo. Quando houverdes terminado
vosso Real lavor...

D. AFFONSO

Jamais consentirei.
Dá-vos o passo amor. Para vós não sou Rei,
ou quasi não n'o sou. Dizei. O Estado espera;
Brites, nunca. Assim praz ao vosso Rei. Quisera
Vossa Real Mercê (eu era em meu conselho)
que elle de nós se alongue...

D. BRITES

É de justiça espelho
e espelho de prudencia. Elle, Senhor, me assista.

D. AFFONSO

Mandae o que vos praz.

(Aos conselheiros, que um pouco se avisinham)

Requer a vossa vista
e conselho a Rainha.

D. BRITES, aos mesmos

E o forte amparo vosso.

(Pausa. A D. Affonso)

Quisera-vos dizer quanto cuidei... não posso.
E ha pouco, supplicando a imagem de Maria,
tanto lhe prometti que tudo vos diria!
Senti valor então, e hesito agora, hesito;
tremo agora ante Affonso; apenas posso um grito
d'alma erguer ante vós...

D. AFFONSO, carinhoso

O que é mester, dizer-m'o,
Senhora, ousae, vos peço.

D. BRITES

Affonso, imponde termo
ao desamor que aparta um pae d'um filho. Eu tremo
não sei de quê; ou sei. Vejo d'extremo a extremo,

luctas, e sangue, e morte. Á maior dor sou pronta;
mas a tal dor não sou.

D. AFFONSO, colerico

A culpa d'esta affronta,
de que soffreis, e eu raivo, a Affonso acaso cabe?

D. BRITES

Meu coração de culpa e peccador não sabe;
não saiba o vosso, Affonso. Ha culpas? esquecei-as.
Ha reu? não inquiraes. Culpas não ha tão feias,
nem peccador tão mau, que Deus e um pae não queira
perdoar.

D. AFFONSO

Mão de Rei tem de ser justiceira.
Esquecer o passado?! E do porvir quem ousa
ser fiador ao Rei?

D. BRITES

Quem? Eu; a vossa esposa.

D. AFFONSO

A minha esposa é mãe; e toda mãe, suspeita.

D. BRITES

Se meu suspeito abono El-Rei, que é padre, engeita,
outro vos dou de pronto: o vosso filho...

D. AFFONSO, interrompendo

Tive
um filho e herdeiro, é certo; ignoro onde ora vive.
Somente sei que vive: assaz me tem pungido.

D. BRITES

O passado é passado e esquecido.

D. AFFONSO

Esquecido!
é mais duro esquecer que perdoar.

D. BRITES

Senhor,
que vos não ouça Deus. Suppondes peccador
o Infante? Ouvi-o. Deus no castigar é lento.
A filho é facil dar perdão e esquecimento.
Sois Rei, mas Rei que é Padre; ouvi-o pois. É goso
clemencia, e não rigor, a grandes Reis. Não ouso
supplicar-vos por mim; supplico-vos por Christo!
Pedro, quer-vos pedir...

D. AFFONSO, com certa aspereza

Mas, basta. Não desisto
de ouvil-o, descansae.

D. BRITES, com jubilo

Vós!

D. AFFONSO, emendando-se

Eu! o meu Meirinho.

D. BRITES

Carece elle de Pae, de paternal carinho,
não de leis e juiz. É coração que apura
a dor; quer mão de Pae; toda outra mão é dura.

D. AFFONSO

Eu proprio ouvir a Pedro, ouvil-o um delegado,
que monta? Ao meu Meirinho incumbe de uso e estado
o encargo.

D. BRITES

O poder regio, embora n'um limite
breve, por bem commum se alheia e se transmitte.
Outro poder, porem, mais alto e mais sagrado,
avesso a transmissão, não soffre delegado.

D. AFFONSO, incerto

Que poder!

D. BRITES

O de Pae. Ora a vós, Padre, eu fallo,
e Pedro quer fallar. É filho, se é vassallo;
e o Pae, se é Rei, é pae. Pedro é leal; venera...

D. AFFONSO

O que vos disse, eu, Rei, é dito; não se altera.

D. BRITES

Falle-lhe o Pae primeiro, e só depois o Rei.

D. AFFONSO

Enganaes-vos. O envez pedem-n'o usança e lei:
falle-lhe o Rei primeiro, e só por seu Meirinho;
depois, o Pae; depois. É este o bom caminho
e a pratica melhor.

D. BRITES

O conselho é presente;
ouvi-o.

D. AFFONSO

Ouço o conselho em duvidas somente.
Elle sabe o que é lei, que nunca lei se altera.
Impero eu só no trono e em mim só o juz impera.

D. BRITES

Em vão pedi, Senhor? Partirá desairada
Brites de vosso lado? Um rogo meu já nada
vale cerca de Affonso?

D. AFFONSO

Um rogo vosso, tudo,
ou quasi. Meu affecto apenas sinto mudo,
quando o emmudece a lei.

D. BRITES

Lei haverá, que mande
dar pena, e grande, a filho, a esposa, pena, e grande?

D. AFFONSO

A do Reino.

D. BRITES

A de Deus, Senhor, que é Rei dos reis,
diz o envez.

(Pausa longa)

D. AFFONSO

Que me quer o Infante? São crueis
as novas que me vêm do seu procedimento.

D. BRITES

Rei e Senhor, sois Padre, ouvi-o manso e attento.

D. AFFONSO

Eu, não; eu não.

(Abrandando)

Meu mando ao vosso instante rogo,
cedendo em parte só, em parte só revogo.
O Rei decide ouvil-o; o Rei, o Rei somente.
Feitos ruins, que eu sei, verei se os bem desmente.

D. BRITES

Pedro merece o vosso amor...

D. AFFONSO

O que merece
terá; sou justiceiro. A justiça, parece,
é virtude que pouco inda se acata e presa.
A torto. Incumbe aos Reis mantel-a em tudo illesa.
Se Roma foi tão grande (e foi tão grande Roma!)
deve-o só á justiça. Ella corrige e doma
todo instincto ruim, todo ruim desejo.
Ella...

(Emquanto falla, o Infante entra, ajoelha-se-lhe aos pés e beija-lhe submisso a mão)

Por Deus! que é isto?

SCENA IV

Os MESMOS, o INFANTE e D. GONÇALO

INFANTE, de joelhos

Eu que me inclino e beijo
as vossas mãos de Pae...

D. AFFONSO

E Rei. Bom é que intendas:
O Rei e o Pae são um. Dizem provaveis lendas
que o esqueces muita vez; mas, pelo Ceu! não esqueças...

D. BRITES

Então, meu Rei!

D. GONÇALO

Senhor!

D. AFFONSO, a D. Gonçalo

Apraz-me que appareças
mas prefiro-te só.
(Para o Infante quasi aspero)
Levanta-te. A humildade,
para que a Deus agrade, e para que me agrade,
convem que seja da alma ingenua, pura; e essa...

D. BRITES

Por Deus!

D. AFFONSO

Mal duvidei...

D. BRITES

Piedade!

INFANTE

Uma promessa,
meu Pae, meu Rei, ouvi. Sou, ser-vos-hei, submisso
quanto jamais ninguem foi a seu Rei. Serviço
que a ninguem praza, é meu, só meu, embora a vida
arrisque no prestal-o. A mais forçosa lida
por vós me ha de ser doce. A morte quantas vezes
a ordene aceno vosso, a feros Leonezes,
a bravos Castelhãos, a torpes agarenos,
a irei buscar. Por vós desprezarei venenos,
afiados punhaes, a affronta mais pungente...
Dae-me porem de novo, e agora eternamente,
o affecto singular que outr'ora merecia
ao vosso coração.

D. AFFONSO, medita um momento

É boa, mas tardia
a vossa prece

D. BRITES

Affonso, e tanto vos pedi...

INFANTE

Pae, a vossa affeição que tive e que perdi!

D. AFFONSO

Por vossa culpa. Sou co'os que são brandos, brando.

D. BRITES

Em vão vos pede a vossa esposa...

D. GONÇALO

Perdoando,
e esquecendo por nós, do summo Deus se alcança
perdão e esquecimento.

D. AFFONSO

Á alma humilhada e mansa
só Deus perdoa e só perdoam Reis.

INFANTE

Então,
bem pode perdoar-me o vosso coração:
manso e humilhado estou.

D. AFFONSO

Pedro, menos protestos
tão leves de dizer, menos submissos gestos,
faz-m'os qualquer jogral, e mais cumpridos feitos
de filho e de vassallo.

(O Infante ergue-se de salto)

D. GONÇALO

Entrar humanos peitos,
scrutar-lhe as intenções, quem, senão Deus, pretende?

D. AFFONSO

Eu.

D. BRITES

Vós?!

D. AFFONSO

Sou Rei. Um Rei tudo devassa e entende.
Descemos do alto os Reis.

D. BRITES

Pois se avisinha a C'roa
fronte, que a cinja, ao ceu, o ceu, senhor, perdoa.

D. AFFONSO

Sabe tambem punir.

D. BRITES

Não, se perdão promette.

D. AFFONSO

Eu nada prometti.

D. GONÇALO

Setenta vezes sete
Deus manda perdoar...

D. AFFONSO

Basta que vãs disputas
não são do meu agrado. Aprazem-me outras luctas.
Palrar é de menino e o pranto é de mulheres.

D. BRITES

Meu Rei...

D. GONÇALO

Senhor!

D. AFFONSO, aspero

Chitão!

(Sem olhar o Infante)

Levanta-te. Que queres?

INFANTE

Ha muito estou de pé; nada, Senhor, vos quero.
Pensaes, em vez de pae, ser-me juiz severo.
Á vontade.

D. GONÇALO, para o Infante

Senhor, então?

D. BRITES

Meu Pedro.

INFANTE, continuando

Sede!

D. AFFONSO, encara-o duramente; depois desdenhoso

Mil graças! Ora traz bom lanço a minha rede.
Nella me vem, por Deus! licença de meu filho
de ser o que me apraz...

INFANTE, para a mãe

Amor, perdão, pedi-lh'o.
Formastes esse empenho, e logo o quiz cumprido.
Heis visto se me é duro ou não vosso marido.
Mal sabe o que é ser Pae. Fôra villão despejo
tornar a supplicar. N'outro e melhor ensejo
mostrar-vos-hei, Senhor, o que de mim heis feito
e heis feito contra mim. Talvez em vosso peito
entre remorso então, atroz como um peccado
que o ceu fulmine, e mau como a alma d'um privado.

D. AFFONSO

Ameaças-me?

INFANTE

Não, por Deus! não ameaço...

D. BRITES, para D. Affonso

Lembrae-vos que sois Padre e Rei.

D. AFFONSO

É o que ora faço.

D. BRITES, para o Infante

Lembrae-vos que sois filho e sois vassallo.

INFANTE

Lembro,
mas quisera esquecer.

D. AFFONSO

Não findará Dezembro,
sem t'o fazer lembrado.

(A D. Brites)

A edificante scena
quiz evitar; mas vós... Soffrede a justa pena.
Accuso eu, Rei, ao Rei da vã debilidade
com que, sem dó da lei e sem pudor da idade,
cedeu do que ordenara, e tanto a vosso rogo.
Agora o que mandei, mandei; não n'o derrogo.
Não findará Dezembro...

INFANTE

Ouvi-o já. Aguardo
quanto vos aprouver.

D. AFFONSO

Confia em mim; não tardo.

INFANTE, desdenhoso

Dissestes já.

(D. Affonso arremette ao Infante. A Rainha interpõe-se e quasi ajoelha)

D. BRITES

Meu esposo e meu senhor!

D. AFFONSO, levantando-a rapido e quasi reprehensivo

Então?
Tropeçastes? Por Deus, Senhora, a vossa mão.
(Para os tres)
Segui-me.
(Sae acompanhado de D. Brites, que chora)

SCENA V

Os MESMOS, menos D. AFFONSO, a RAINHA e D. GONÇALO. D. GONÇALO entra depois

INFANTE, interpondo-se á sahida de Pacheco, Gonçalves e Coelho

Vós, parae. Parae, sou eu que o mando.
Não sei, nem val saber, que traça o vosso bando.
Avento em cada qual de vós rijo inimigo.
Isso basta-me; sobra. Ouvi-me um caso antigo:
Enliçava-se em tempo, e com fortuna, trama
contra inimigo Infante e contra certa dama.
Temor não sei de que, nem é mister sabel-o,
formava a vil conjura e lhe ateava o zelo.
O Infante, d'uma vez (é mais que ser privado,
só menos que ser Rei, o ser Infante) ousado
poz fim no exilio, trouxe a dama a Santa Clara.
Mas aos tres da conjura antes, de cara a cara,
em parabola antiga expoz miudamente,
a formada tenção. «Quem, por seu mal, intente
«alçar contra ella a mão, paga-o — lhes disse — juro;
«tarde ou cedo. De muito, em vil mister me apuro:

«sei do prostrado cerdo arrebatar á mão,
«dos peitos ou da espadoa aberta o coração.

(Designa Pero Coelho e Alvaro Gonçalves)

«Não deslembra o que aprende a minha mão lembrada».
Assim fallou...

D. GONÇALO, entrando

Ainda aqui, Senhor?

INFANTE

Narrada
quiz deixar, por licção, parabola discreta
aos do Real Conselho.

D. GONÇALO

E vossa madre inquieta,
e em lagrimas por vós!

INFANTE

Oh! doce mãe coitada!

(Vae a sair com D. Gonçalo. Volta-se aos tres)

Fallei claro; ouvis bem; não vos direi mais nada.

SCENA VI

Os MESMOS, menos o INFANTE e D. GONÇALO

DIOGO LOPES

Entendestes?

(Aparte)

A tempo uma licção é de oiro.

PERO COELHO, tocando o peito

Hade encontrar o meu maior do que o de um toiro,
e mais leal que o de um cavallo.

ALVARO GONÇALVES

Na ferida,
que abre do moço Infante a mão entorpecida,
não cabe, eu vol-o juro, o meu.

DIOGO LOPES

Não intendestes...

ALVARO GONÇALVES

Sou prestes para a lucta.

PERO COELHO

Até á morte prestes.

E ella?

ALVARO GONÇALVES, sinistro

Tem de morrer.

PERO COELHO

Sim, morrerá.

OS DOUS

Juramos.

(Saem)

DIOGO LOPES, seguindo-os; áparte

Ruge o leão com fome e incalçam-n'o dous gamos.

JORNADA III

Quadra singella e vasta. No topo, grande portal que dá, quando aberto, para breve patamar de pedra e escada. Ao centro, meza e escabellos toscos. A um lado, ampla lareira accesa. A outro, armario de portas embebido na parede. N'um recanto do fundo escada que sobe em caracol. É noute.

SCENA I

TELLO e ALDONÇA

Tello, abancado, acaba de limpar uma faca de matto. Aldonça, junto á lareira, cabeceia meio adormecida.

TELLO, erguendo-se

Sus, Aldonça, sus!

ALDONÇA, acordando de salto

Que é, Tello?
É vindo o senhor Infante?

TELLO

Sim, é vindo.

ALDONÇA, alvoraçada

Onde está?

TELLO, mostrando-se

Vel-o!
Chegadinho deste instante.

ALDONÇA, estremunhada

Onde?

TELLO, designando-se

Aqui.

ALDONÇA

Quem? tu? Ruim
perro!

TELLO, ri

Ah! ah! ah!

ALDONÇA

Boa graça!
Que frio faz!
(Torna á lareira)

TELLO

Faz? que faça!

ALDONÇA

Esperta este fogo.

TELLO, recusando-se

Eu, sim!
Pouco me dou da lareira.
Pouco! Nada. Não me aquece.
Eu, quando o Tello arrefece,
aqueço-o d'outra maneira.
Ora, nota, e, se te agrada,
faze como eu.
(Bebe um largo trago)

ALDONÇA

Beberrão!

TELLO

Sem vinho, uma tal noutada
dava comigo no chão,
mortinho.

ALDONÇA

Tanta demora,
sem mais que, dá-me cuidado.

TELLO

Pois que resava o mandado?

ALDONÇA

Que vinham cedo.

TELLO

E é deshora?
Noutes de findo Dezembro
dão para tudo.

ALDONÇA

Bem sei!
Mas...

TELLO

Mas, o quê?

ALDONÇA

Mas, se El-Rei...
Tremo toda se me alembro...

TELLO

Não te alembres. E não ha,
para estornar má lembrança,
como o vinho: pucha-a á pança,
dá-lhe morte e logo a dá.
Experimenta.

ALDONÇA

Não quero.
Por mais que prego e reprego,
sempre a beber! T'arrenego!

TELLO

Sempre, é mentira. É, se espero
e... se não espero...

ALDONÇA

Um momento.
Deixa o vinho.

TELLO, largando o copo

Já deixei.

ALDONÇA

E se acaso o senhor Rei...
És attento?

TELLO, distrahido com o copo

Sou attento.

ALDONÇA

Se El-Rei, com hostil rompante,
por esses maus descampados,
se sae com armas e armados
escontra o senhor Infante?

TELLO

Não me alembres cousas tristes
que me obrigas a beber,
Aldonça!

ALDONÇA

Má reira!

TELLO

Insistes!
Mal te chego a perceber.

ALDONÇA

Mas pensa um momento nisto.

TELLO

Vá, feito. Cá estou pensando.
Mas pelas chagas de Christo!
não me dirás onde, quando,

porque, e como, e com quem
havia El-Rei de arrancada
sair assim? Fallei bem!

ALDONÇA

Tu inda não sabes nada.

TELLO

Não! Assim Deus me perceba!
Has medo que ao filho saia
El-Rei, e em sangrenta vaia
lhe arranque ás mãos a manceba.

ALDONÇA

Manceba! Esposa.

TELLO

Pois seja!

ALDONÇA

Pois seja! Pois é. Mulher
recebida como quer
nossa Santa Madre Igreja.
A Senhora Dona Ignez,
filha d'um Castro, o da Guerra!
Acha nesta ou noutra terra
dona igual.

TELLO

Pois, sim! Mas vês
que sei tudo.

ALDONÇA

Mas não sabes
que hoje, esta noute, ás occultas,
aqui virá...

TELLO

Tu consultas?
Sei tudo isso. Não acabes.

ALDONÇA

Sabes tambem em que parte
se fica em manso recato,

se do instante desacato
logra salvar-se?

TELLO

Desta arte
não vens a acabar. Não sei.

ALDONÇA

Nestas casas. E depois?

TELLO

Dizes?

ALDONÇA

Vá lá.

TELLO

Saberei.

ALDONÇA

Mas olha que só nós dois...
Se presumem que o dissémos...
Segredo e muito segredo.

TELLO

Deixa estar, Aldonça.

ALDONÇA

Hei medo...

TELLO

Não hajas medo. Co'os demos!

ALDONÇA, em confidencia

Hade ficar neste asylo,
havido por logar santo,
a Senhora Infanta, emquanto
os tempos vão neste estylo...

TELLO

Aqui fica até bisnetos,
ao geito que as cousas tomam.

ALDONÇA

Não se sommam annos? Sommam.
Não morrem os mais discretos?
Morrem. El-Rei não é velho?

TELLO

Ha muito que dura.

ALDONÇA

Então!
muda o Rei, muda o conselho,
muda tudo.

TELLO

Tens razão!
E os infantinhos?

ALDONÇA

Em quanto,
ficam sob a asa da avó.

TELLO

Louvo, applaudo, e tanto, tanto,
que vae mais um gole. Um só.

ALDONÇA

Não te emendas. Vou-me embora
Ficarás sem saber cousa...

TELLO

Não vaes.

ALDONÇA

Pois vou.

TELLO

Fada, esposa,
deixa...

ALDONÇA

Não, e não.

TELLO

Agora!

ALDONÇA

Vou e vou.

(Sobe a escada e desapparece)

SCENA II

TELLO, só

Vae com mil brecas!
Que mondongo de mulher!
Agora é quanto eu quizer.

(Pega d'um pichel)

já tinha as guelas secas
de tanto a ouvir farfalhar!

(Bebe)

Abasta.

(Larga o copo, mas toma-o logo)

Inda um golpe e á lida.

(Bebe de novo)

Não tarda um credo a partida.
Vejo-a d'aqui a malhar
na arrenegada ladeira.

(Batem de fora)

Batem? Nada. Urro do vento.

(Batem de novo e com mais força)

Batem, sim. Vou n'um momento
Quem bate desta maneira
é frade, fidalgo ou démo,
que é raça da mesma madre.
Benzi-me e comtudo tremo.

(Toma d'uma lampada. Vae á porta)

Quem bate?

VOZ DE FORA

Em nome do Padre,
do Filho e Espirito Santo!
Amen. Irmão, agasalho.

Fria é a noute e estrada e atalho
tudo é gelo e neva tanto!

TELLO

São romeiros.

(Destranca o postigo)

SCENA III

TELLO, GIL EANES e FERNÃO VAZ
Pagens, escudeiros, cavallariços, etc.

TELLO, para Gil Eanes e Fernão Vaz, que entram primeiro

Deus vos traz.
Eis franca a entrada á lareira.

GIL EANES, embuçado

Nossa Madre e Padroeira
vos proteja.

FERNÃO VAZ, embuçado tambem

E vos dê paz!

TELLO, sem advertir nelles

Fechae o postigo, e ao lar.
Sentae-vos que eu já vos trago
com que hajaes de jarrear.

GIL EANES

O ceu vos dará bom pago.

(Desembuça-se)

TELLO, attentando nelle

Usaes estranha esclavina
por signal de devoção.

GIL EANES, revendo-se

Si, é. E esta espada fina
em vez de grosso bordão.

(Entretanto pagens, etc. tem entrado)

TELLO, n'um impeto

Aqui do Infante...

GIL EANES, segurando-o. Amigavel

Caluda!
Dom medroso d'uma figa!
Não farisca a gente amiga
toda esta arraya miuda?
Homens de prol! Falcoeiros,
professos na altanaria.
Monteiros que em bisarria
dão de rosto a cavalleiros.
Mui gentil cavallariço,
guapo escudeiro, alvo pagem...
Vimos todos ao serviço
do Infante nesta romagem.
Eu sou Gil, o menestrel,
que vencera um cherubim
no trovar ao bandolim
trovas mais doces que o mel.
Cumpre a promessa e verás.

TELLO

Fizestes então, mofinos,
por burla de peregrinos.

GIL EANES

Si, é.

TELLO

Á bem! Lume e paz
heis de ter.

GIL EANES

Não é bastante.

TELLO

Pois que mais?

GIL EANES

A pinga santa.

TELLO

Mas que é do senhor Infante
e mais da senhora Infanta?

GIL EANES

São em porto e salvamento.
Busca-os nas casas de cima.

TELLO

Isso é serio?

GIL EANES

Quem se estima
não mente, nem por augmento
de glorias no paraizo.
A formosa cavalgada
poz feliz termo á jornada
sempre em canto e sempre em riso.
Palavra de trovador.

FERNÃO VAZ, ironico

Cousa é de peso.

GIL EANES, desintendido

Sabido.

FERNÃO VAZ, para Tello

Trovador e burlador
rimam em som e sentido.

TELLO, para Gil Eanes

Mentiste?

GIL EANES

Verdade disse.
Deixae palrar linguareiros

TELLO

Pagens, moços, escudeiros
sois de má conta. Elle ri-se!
Quem me socega?

FERNÃO VAZ

Eu socego.
Chegaram vossos senhores
e em bem chegaram.

TELLO

Renego
de bufões e burladores.

FERNÃO VAZ

Um Vaz não mente.

GIL EANES

E eu menti?

FERNÃO VAZ, motejando

Ha linguas muito compridas...

GIL EANES

Dae-me cutellas buidas
que eu vol-as córto. Aprendi.

FERNÃO VAZ

Dom bravateiro, se as cortas
como tanges sanfonina,
são poucas as linguas mortas
dessa destreza assassina.

GIL EANES

É que sempre ao talho é dura
qualquer lingua; nanja a tua.

FERNÃO VAZ

Nunca sangrou mordedura
de perro ladrante á lua.

GIL EANES

Não grunhas, se tens cutella
e com fio a pobre está.

FERNÃO VAZ

Queres vel-a?

GIL EANES

Quero vel-a.

FERNÃO VAZ

Pois quando te apraza.

GIL EANES

Já.

(Arremettem um ao outro. Os demais seguram-os e separam-os)

FERNÃO VAZ, para Gil Eanes. Desdenhoso

Meu pintasirgo na muda!

GIL EANES, para Fernão Vaz. Idem

Meu macio pedernal!

TELLO, interpondo-se

Ralé do inferno! Caluda!
Que estaes em Paço Real.

UM PAGEM

Figura do nosso rancho
n'um de só dous pontos briga:
qual vasa pichel mais ancho,
qual canta melhor cantiga.

OUTRO

Tendes razão.

O PRIMEIRO

E vós, Tello...
Assim vos chamaes.

TELLO

Tal qual.

O PRIMEIRO

T azei vinho e á farta

TELLO

Um bello
vinho, um vinhinho real,
d'enche-pança, — tu que o digas
pança minha — vos trarei;
mas heisde cantar cantigas
e bellas trovas de rei.

GIL EANES

São feitos ajustes.

TELLO, indicando os picheis

Vede!
E que vinho! Se haveis fome..

GIL EANES

Sede apenas nos consome,
e só de bom vinho sede

TELLO

Então é beber que farte
e trovar ao bandolim.

(Tomam dos copos)

PRIMEIRO PAGEM, a Gil Eanes

Tu és mais sabido na arte,
começa tu.

TELLO, vae enchendo os copos

Eu por mim
prefiro trovas de amores.

PRIMEIRO PAGEM

É fino amador.

GIL EANES

Sem liga.
Luctas, guerras são horrores;
destoam n'uma cantiga.

(Senta-se. Toma do bandolim e preludia. Todos o cercam)

PRIMEIRO PAGEM

Nem chus, nem bus.

(Faz-se silencio)

GIL EANES

Se vos praz
dir-vos-hei garrida trova,
com que enredei garça nova
sabida de Fernão Vaz.

(Gesto de arremesso de Fernão Vaz. Os demais conteem-o. Gil Eanes canta)

Da servidão já sentias
as penas, meu coração;
e dessas penas fugias.
Porque outra vez te prendias
nas penas d'uma tenção.

Pena, que pena não hade
sentir de ti ninguem, não.
Desmereces piedade:
tem penas a liberdade
quiseste as da servidão.

Vivias horas serenas,
sem penas, pois sem tenção.
Tornaste-te a novas penas.
Ninguem se pena, se penas,
pena-te pois, coração.

(Applausos, menos de Fernão Vaz)

TELLO

São vossos?

GIL EANES

Meus são.

TELLO

Garrida
trova ensoada a primor.

GIL EANES

Nada ha mais doce na vida
que trovas, que vinho e amor.
Abaixo os copos.

(Todos bebem, menos Fernão Vaz)

PRIMEIRO PAGEM

D'um trago.
Ao cantor e ao seu cantar
que sabe á Provença. Affago
suave como o luar
ou como caricia amiga.

FERNÃO VAZ

Tange agora a mim a vez.

TELLO

His cantar?

FERNÃO VAZ

Uma cantiga

TELLO

Em gallego?

FERNÃO VAZ

Em portuguez.

TELLO

Cousa vossa?

FERNÃO VAZ

Cousa minha.

PAGEM

D'amores?

FFRNÃO VAZ

D'amores pena
este meu peito que espinha
fundo o olhar d'uma morena.

(Dispõe-se a cantar. Para Gil Eanes).

Tange á trova sanfonina,
senhor do airoso corpete.

(Gil Eanes arreda-se com arremesso)

Não? Deixal-o. Trova fina
sobre si tem mais sainete.

GIL EANES, áparte

É prenda nova.

FERNÃO VAZ, de taça em punho

De graça!
quem quer que eu minha obra encime
quem ama e vive encha a taça,
beba-a d'um sorvo.

(Todos bebem, excepto Gil Eanes)

Ora ouvi-me.

(Pausa. Encarando em Gil Eanes)

Menina de verdes olhos,
só a certo Gil perversos,
deu-me em paga destes versos
beijos e beijos aos molhos.

(Gesto de Gil Eanes. Tem-n'o os demais)

«Senhora, partem tão tristes,
meus olhos por vós, meu bem,
que nunca tão tristes vistes
outros nenhuns por ninguem».

TELLO

Bella entrada!

GIL EANES

Ao certo boa;
mas delle não tem palavra.

FERNÃO VAZ

Esta é só da minha lavra.
A que lhe ouvistes, achou-a.

GIL EANES

Mentis!

FERNÃO VAZ

É palavra dura
essa palavra.

GIL EANES

Si, é.

FERNÃO VAZ

Talvez abre a sepultura.

GIL EANES

Abra-a agora. Sus!

FERNÃO VAZ

De pé!

(Todos se erguem, cercam e seguram os contendores)

Arreda, cantor ruim!

GIL EANES, desenleiando-se

Finde-se a velha pendencia.
Quem ama a gaia sciencia
seja por ella e por mim!

FERNÃO VAZ

Fizeste sósinho o insulto:
escusas de armar baralha.
Procuras debalde malha
para escapar no tumulto.

GIL EANES

Fanfarrão!

FERNÃO VAZ

Que se decida
entre nós sómente o pleito.
Braço a braço.

GIL EANES

Peito a peito.
Tiro-te ou tiras-me a vida.
A punhal.

(Desembainha o punhal)

FERNÃO VAZ, idem

Seja a punhal.

PRIMEIRO PAGEM, rindo

Pulso a pulso; garra a garra.

SEGUNDO PAGEM

Mas quer-se lucta bizarra ;
quer-se combate leal.

PRIMEIRO PAGEM

O campo se dilimite.

(Faz praça para a lucta

SRGUNDO PAGEM

Quem hade ser o juiz ?

PRIMEIRO PAGEM

A mim me pertence o envite.

SEGUNDO PAGEM

Pois seja.

TELLO, ao primeiro pagem

Assento que ris.

(Vendo dispor o combate)

Em paços reaes tal briga !
Ruim canalha, eu vos fallo.

PRIMEIRO PAGEM

Bagatella.

SEGUNDO PAGEM

É rixa antiga.
Cal'te lá.

TELLO

Vaes ver se calo

(Vae junto á porta e toca a rebate n'uma sineta)

Aqui do Senhor Infante !
Aqui do Infante. Acudi.

PRIMEIRO PAGEM

Deixa acabar o descante.
Depois bradarás.

TELLO

Aqui...

(Todos em tropel cercam a Tello e seguram-n'o)

SCENA IV

Os MESMOS, o INFANTE, pagens e escudeiros com tochas, e D. IGNEZ

INFANTE, descendo em pressa

Quem brada por mim? Quem brada
pelo Infante? Pronto acudo.
Aqui estou.

(Tudo emmudece)

É quedo tudo!
Esta subita calada...!
Acaso ruim bruxedo
despertou tal borborinho?
ou bulhaveis em folguedo
de rufiões de mau vinho?
Tello! Hade haver quem me pague,
se isto é grosseiro entremez,
a bruta scena que fez
a golpadas de azorrague...

TELLO

Eis-me, Senhor...

INFANTE

Que foi isto
Quem fez da minha pousada,
pousada real, por Christo!
arrayal de ciganada?
Gil Eanes, és discreto,
fallas por arte. Reconta.

GIL EANES

Praticava-se em quieto
e ledo rancho, sem conta
de mau feito, senão quando,
de subito, vago dicto
arma entre todos conflicto
e o rancho desanda em bando.

INFANTE, para Tello

Tu que dizes?

TELLO

Nada vi.
Grã balborda, de rebate.
Para estermar do combate
lancei-me a bradar: Aqui
do Senhor Infante! e a campa
logo a tangel-a sem pausa...

INFANTE

Pois heisde apurar-me a causa
do reboliço. Quem campa
de tão volteiro e sanhudo
hade pagar-m'o. Eramá!

D. IGNEZ, que se tem aproximado do Infante sem ser notada delle

Que tem o meu doce tudo?
Tão acceso, e alheio está,
que não me vê, não me sente,
não me adivinha...?

INFANTE, com transporte

Adorada
Ignez, julguei-vos dormente.
Foi tão rude a cavalgada!
Não vos prostrou?

D. IGNEZ

Mal pudera
junto de vós.

INFANTE

Tão fragueira
não vos julguei, nem tão fera!

D. IGNEZ

Não sou esposa e companheira
do mais fino monteador
das Espanhas?

INFANTE

Vosso affecto
explica tanto louvor.
Á sombra de regio tecto,
motim de rasteiro impulso
turbou teu dormir tranquillo,
meu anjo bento. A punil-o
me dispunha a rijo pulso.

D. IGNEZ

Não punas, Pedro. Uma estreia
de lagrimas não desejo.
Não deve faltar ensejo
para lagrimas.

INFANTE

Sois cheia,
Ignez, de graça e meiguice.
Nunca o perdão foi justiça
fraqueza ás vezes.

D. IGNEZ

Se eu visse
gente tanta, e tão submissa,
persistir no desagrado
de meu doce Infante, quando
eu vos supplico .. vos mando,
que perdão lhes seja dado...

INFANTE

Perdão! Pois, sim; só perdoa
quem não pense com dureza.
Dae-me, bem sabeis, fraqueza.
Vós não quereis que me doa.

D. IGNEZ, supplicante

Doce Pedro!

INFANTE

Sois mulher.
Desconheceis quanto custa
não punir com mão tão justa,
tão pronta quanto a lei quer.

D. IGNEZ, muito instante

Pedro!

INFANTE, cedendo a custo

Á bem! Por esta vez;
mas só por esta. E ninguem
do feito inquira. Tambem
quer isto e m'o pede Ignez.

D. IGNEZ

Tristezas á minha vinda
Não foram ruim agouro?

INFANTE, leva-a a um dos escabellos, onde a senta e encara-a carinhoso

Vede se ha face mais linda
sob fios mais finos de ouro.

(Para todos)

I-vos em paz. Descansae.
É tarde e para a caçada
cumpre erguer de madrugada.
A lua sahindo vae
e ha muito que o gallo canta.
I-vos em paz. Perdoados
vos quer a Senhora Infanta.

(Todos vem beijar de joelhos a mão de D. Ignez e saem lentamente)

INFANTE, a Fernão Vaz de joelhos

Adverte que meus enfados
me fazem mau, falcoeiro.
Usa tambem caparão.
Bem sabes, Vaz, que o falcão
Só vale se é caparoeiro.

FERNÃO VAZ

Foi mocidade que em nós...

INFANTE

Pois treina-a em ti e por ti.
Toda alma é bravo nebri;
mas chega a acceitar pioz.

(A Gil Eanes de joelhos ante D. Ignez)

Tu de tão seguro tino
no concertar da guitarra
na barulhenta algazarra,
destemperaste, mofino
Gil Eanes, meu amigo
e menestrel.

GIL EANES, com gaiatice

Desconcerta
a mão talvez mais esperta...

INFANTE

Pois toma tento comtigo,
se presas tua pessoa.

GIL EANES, no mesmo tom

A mão fere com destreza;
mas a corda de mais tesa,
ou solta de mais destoa.

INFANTE, sorrindo

Guar-te! E leva-me á caçada
teu bandolim de alta prova,
feitura de mãos de fada,
alguma sirvente nova,
cousas de riso ou de pena,
doce canção, fina esparsa,
rifão vivo, alva, serena...
(Para D. Ignez)
Se vós, meu Collo de Garça,
não preferis vol-o deixe
para engano de saudades
de que alguem que eu sei se queixe.

D. IGNEZ

Não, que minhas soledades
comigo sósinha illudo,
pondo o sentido no gosto
de te ver fero e bem posto
de novo e em breve, meu tudo.

INFANTE, com effusão

Santa!

(Para Gil Eanes)

O dito dito.

(Saem todos deixando aberto o portal)

SCENA V

D. PEDRO e D. IGNEZ

INFANTE, a D. Ignez sentada ainda e absorta

Espero
não sejaes triste.

D. IGNEZ

Não sou;
não sou triste, que não quero
entristecer-vos.

INFANTE

Não vou
só por meu goso. Aos privados
de meu padre, ameacei-os:
justo é que lhes dê receios
e me não deem cuidados.
E é bom que saibam... Vereis
que não me avirá perigo;
sempre é sisudo o inimigo
d'um neto de muitos reis.
Por vós...

D. IGNEZ

Por mim...

INFANTE

Quem ousara...?
Um nada o pagaram caro.
Achaes-vos em Santa Clara.
Sois sob o potente amparo
de minha tão santa avó.

Demais, este braço ao perto
rijo, audaz, comprido e certo
pune e ao longe, inerme e só.
Sou infante e Portuguez...
Tremeis?

D. IGNEZ

Não tremi.

INFANTE

Senti-o.
De que tremeis, minha Ignez?
Foi receio? apenas frio?
Aberto o vasto portal
deixa que fique á lareira
o ar agudo e glacial
das noutes da nossa Beira

(Sobe até o portal)

D. IGNEZ, seguindo-o

Não, meu Pedro, não foi frio.
Foi, foi, nem eu sei o quê.

(Ante o portal aberto. Depois de pausa)

Sentis quão brando e macio
corre o ar? Que noute!

INFANTE

Vê,
Ignez, como a lua cheia
luz no espaço e derramada
por essa varzea pasmada
da branda luz que a prateia.
Pulsa a vida sob a enorme
mudez deste alvo sudario;
mas em leito funerario;
se é morte é morte que dorme.
Em nada o ceu, que se arqueia
menos suave que Ignez,
falla em voz mais clara e cheia
que nesta infinda mudez.

Foge-me o espaço restricto,
ascendo e perco-me em Deus
perante o azul infinito
da noute, ou dos olhos teus.
Quão suave é a soledade
de dous que une amor commum.
É-lhes nada a eternidade;
que os dous são dous, mas são um.

D. IGNEZ

Se em breve, Pedro, e em má hora
houver de morrer de feito,
deixe Deus que eu morra agora
em que me ampara o teu peito.
Fôra a morte um dom superno
na dulcissima illusão
de dormir meu somno eterno,
assim, no teu coração.

(Põe-lhe no peito a cabeça)

Que eu não soffrera d'altiva
que me arrancassem d'aqui;
e morta ficava viva,
pois morta ficava em ti.
Nada tem que mal importe
a morte na sua essencia,
senão que a ideia de morte
involve a ideia de ausencia.
Amasse-te eu, quando morta,
d'amor sentido e confesso,
e a morte fôra-me a porta
do ceu, que desejo e peço.
O proprio ceu me parece
que não dá goso, magoa
se em Deus de tudo se esquece
a alma que para Deus voa.
Que se me apague da gloria
perpetua, o perpetuo brilho;
mas não, mas nunca a memoria
de ti, meu Pedro, meu filho.

Isso, não. Julgas-me louca?
Sim, louca de amor, talvez.
Mas, basta. A palavra apouca,
sinto-o, quanto sente Ignez.

INFANTE

Fallaste em morrer! Não vês
que não embargando o inverno,
tudo é meigo e doçe e terno
tudo vive e quer Ignez?
A fallar em morte quem
no olhar, na voz, no semblante
tem o poder penetrante
do que é vida e vida tem.
Quem poderia co'a maga
virtude que amor encerra
das sombras da ignota plaga
volver-me de novo á terra.
Tal nome, de atroz feitio
apaga o riso na bocca,
que abre quando um riso a touca
as portas do empyreo; eu vi-o.
Não o digas mais. Bem vês
que, inda no Nada do inverno,
tudo em torno é meigo, é terno
tudo te ama e pede, Ignez.

(Durante esta ultima estrophe ouvem-se arpejos distantes de guitarra. Pausa)

D. IGNEZ

Schiu!

(Cessam os arpejos)

INFANTE

O que foi?

D. IGNEZ

Não ouviste
nesta mudez que se sente
passar o tremulo triste
d'uma guitarra gemente?

INFANTE

Nada ouvi.

D. IGNEZ

Vagos arpejos,
prenuncios de cantilena,
meiga, suave, serena
como murmurio de beijos.

INFANTE

Nada ouvi.

D. IGNEZ

Escuta.

UMA VOZ

Ó que pesca tão real
que se faz em Portugal.

Ao som das quietas aguas
me vou deslisando ao mar
co'um mar de sentidas maguas
no meu peito a marulhar.
Não tens, mar das tristes aguas,
mais sentido soluçar.

Á pesca, á pesca real
que se faz em Portugal.

Vem bem querelloso o rio,
o rio correndo ao mar;
correm lagrimas em fio
destes olhos sem parar.
Não ha ahi mais triste rio,
não ha mais triste chorar.

É fado. Á pesca real
que se faz em Portugal.

Rouba-me a lida á doçura
ao calor de amigo lar;
aponta-me a sepultura
na agua ao longe a arfar, a arfar...
É tão fria a sepultura
que as ondas abrem no mar!

Tão fria! Á pesca real
que se faz em Portugal!

Sei que heide morrer asinha
no meu lidado lidar;
mas em tua alma, era minha,
não me deixes acabar...
Viva em ti eu, alma minha;
bem basta morrer no mar.

Adeus! E á pesca real
que se faz em Portugal.

D. IGNEZ

É bem triste
em tal noute um tal lamento!
Sim, a dor maior que existe
é o pavor do esquecimento.
Que eu por mim sinto, adivinho
e creio d'um crer profundo
que deve extinguir-se o mundo
primeiro que teu carinho.
Mas jura-me...

INFANTE

Um pensamento
de magua...

D. IGNEZ

Não foi. Mas jura
que nunca...

INFANTE

Presentimento
d'impossivel desventura,
sob o azulado docel
deste ceu que te ama e brilha,
t'inspirou a tonadilha
desse ignoto menestrel.
Não juro.

D. IGNEZ

Jura. Não é.
Vem a morte, em riso ou dor,
de leve e pé ante pé;
não tem nem quer precursor.
Presentimentos! Loucura!
Não estás tu tão sem cuidado?
Mas deseja, doce amado,
Ignez que lhe jures, jura.

INFANTE

Pois juro e crê que serena,
convulsa, ou triste, ou festiva,
a vida ser-me-ha pequena
para amar-te ou morta ou viva.

D. IGNEZ, beijando-o chorosa

Não palavra, um beijo explique
todo o prazer que me déste.

INFANTE

Tu choras, anjo celeste!
Não chores. Queres que eu fique?
Não cumpro a palavra dada.
Aqui fico. Irei mais tarde
á prometida caçada.
Podem chamar-me cobarde?
Podem. Chamem. Quem creria?
Mas tome-o alguem á má parte.
Tudo acceito para dar-te
um vislumbre de alegria.

D. IGNEZ, com resolução

Nunca. Vae, vae. Cá te espero
na mais sentida anciedade
que pode ter-se. Só quero
pensar na volta. Quem me hade
tolerar quando vieres!
Vae, vae, meu Pedro. Uma vaga,
vaga sombra, que se apaga,
que se apagou... As mulheres

têm muito menos juizo
e tino que coração.
Amam demais. É preciso
que ralhes muito, senão,
coitado! a cada momento
direi: «Doce esposo, fica.
Um cruel presentimento...»
Não pode ser.

INFANTE

Minha rica
e santa Ignez! O gamello
eu sou, vós o veio puro
que sequioso procuro.
Vem este dizer tão bello
na Escriptura. Eu nem intendo
a vida sem ti.

D. IGNEZ, acarinhando-o

Bonito!
(Pausa)

INFANTE

Mas ingano-me, ou estou vendo
meu escudeiro, Mem de Brito,
trazendo á mão meu murzello...

D. IGNEZ

Já o divisava ha bocado.
Vem hoje muito apressado
Mem de Brito. Estranho zelo!

INFANTE

Não será fóra de termo
não passa o tempo a quem ama.

D. IGNEZ

A sitio remoto ou ermo
ou notado por má fama
de façanhas singulares,
não vás que tanto m'inquieta.

INFANTE, risonho

Não vou; a caça é discreta,
nada quer com taes logares.

D. IGNEZ

Não rias...

INFANTE

Não!

(Fallando para fóra)

A partida...?

(Para D. Ignez)

Vou deixar-te.

D. IGNEZ

Vaes? Só peço
que te não esqueças...

INFANTE

Não esqueço.
Isto não é despedida.
Uns dias passam ligeiros.
Quero esse rostinho enxuto.
Não vestem damas de lucto
se seus fieis cavalleiros,
ao som de guerra, se vão
ás refregas da mourama.
Que se dirá d'uma dama
que ennoitece o coração
porque seu esposo por brenhas,
por montes vae, de passada,
caçar em mansa caçada
perdizellos e garcenhas?
Rosto enxuto. Nem um beijo
mais vos darei, se choraes.

D. IGNEZ

Não choro, se é teu desejo.

(Beijando-o)

Mais outro. Inda outro. Inda mais.
Tres dias. Nem mais um dia.

INFANTE

Nem mais um dia será.

D. IGNEZ

Juras á Virgem Maria?

INFANTE

Juro a ti. Adeus.

(Despede-se)

D. IGNEZ

É já?!

INFANTE

É já, minha Ignez, que os meus
esperam... Adeus! Cuidado!

(Encara nella, affasta-se, torna e beija-a)

Um por não terdes chorado!
Minha Ignez! Adeus!

(Vae partir)

D. IGNEZ, enlaçando-o nos braços

Adeus!
Tres! não quatro, ou cinco, ou seis...
Tem bem presente.

INFANTE

Sim tenho.
Só tres. É meu grato empenho,
vir antes dos Santos Reis.

D. IGNEZ

Pela tardança d'um dia,
d'um dia, de poucas horas,
muito, muito, eu choraria...

INFANTE

Eu te prometto, não choras...
Adeus!

(Desprende-se rapido e parte)

D. IGNEZ, depois de pausa

Partiu. Doce incanto!

(Contempla para fora por alguns instantes absorta e silenciosa)

Vejo-o; mas já me não vê.

(Pausa. Agita um lenço)

Adeus! Sou triste, porquê?

(Sente-se a guitarra)

Triste e tanto, tanto, tanto!

A VOZ DO PESCADOR, vae-se affastando

«Sei que heide morrer asinha
no meu lidado lidar;
mas em tua alma, era minha,
não me deixes acabar...»

JORNADA IV

Casas do Infante visinhas do mosteiro e paços de Santa Clara de Coimbra. Oratorio de D. Ignez. No topo, altar com imagem de Maria, velas, lampadas accesas, etc. No canto cortado da direita, alcova. No da esquerda, janella. Portas de serventia aos lados.

SCENA I

D. IGNEZ, n'um tamborete em frente do oratorio. ALDONÇA e CUVILHEIRAS, sentadas no chão. Oram. Pausa.

D. IGNEZ

Á celeste Imperadora
pedi nesta Ave-Maria
que me traga, em breve e embora,
o nosso Infante. Que dia!
O tempo triste, parado;
o esperar sem termo e em vão!
(Ás cuvilheiras)
Devotamente heis orado.
Fervor de amiga oração
vence-a; é mãe.

PRIMEIRA CUVILHEIRA

O ceu permitta.

SEGUNDA CUVILHEIRA

Tanto, senhora, o queremos!

D. IGNEZ

Permittirá. Infinita
é sua piedade. Oremos!

(Põe as mãos; inclina a cabeça. Pausa brevissima

Ide agora a vossos leitos.
Vossas rezas são já dictas,
e vossos encargos feitos
por hoje. Ide.

(As cuvilheiras beijam-lhe a mão e sahem)

SCENA II

D. IGNEZ e ALDONÇA, que se colloca em frente de D. Ignez e encara-a fitamente

D. IGNEZ

Falla. Hesitas?

(Como ferida de lembrança subita)

Já sei; desejas me esqueça
da peccadilha ligeira
dessa pobre cuvilheira...
Vê tu que ruim cabeça!
Perdoei já tudo, tudo.
Só me esqueci de o dizer.

ALDONÇA

Tal não é.

D. IGNEZ

Pois que ha de ser!
Que gesto tão carrancudo.

ALDONÇA

Pois se eu vou ralhar...

D. IGNEZ

Se queres,
se sabes e podes, ralha.

ALDONÇA

Da minha ou da vossa igualha
que fracas somos. Mulheres!
Por uma ausencia de nada,
não ha, do Mondego ao Minho,
tão desmaiado rostinho,
alma tão desconsolada.

D. IGNEZ

Partiu Pedro, e mal partira
entrou-me um desgosto immenso.
Penso comigo e repenso:
Que louca! e rio. Mentira!
Uma tristeza infinita,
e tanta vontade, tanta,
de chorar, tanta...!

ALDONÇA

Uma Infanta,
e tão sisuda e bonita,
dizer tal. Mexeriqueira,
eu tudo lhe heide contar
quando alguem que eu sei voltar...
Pudera! Isto é lá maneira!

D. IGNEZ, num impeto infantil de alegria

Presumes que inda heide vel-o?
Jura que sim.

ALDONÇA, com fingida impaciencia

Que fadario
agora o meu!

D. IGNEZ, com effusão

Meu cabello,
Virgem Santa do Rosario!
farei que se vos consagre,
todo e talhado mui rente,
se me acabaes o milagre
de volver-me o doce ausente.
Morrerei depois sem pena.

ALDONÇA

Morrerdes vós! Que dizeis?
Meus santos devotos Reis,
uma comprida trezena
se a tão ruim creancice
pondes termo. Alegre, linda,
devereis de estar co'a vinda
do nosso Infante!

D. IGNEZ

Se o visse...!

ALDONÇA

Hoje vem. Quando promette
não sabe faltar.

D. IGNEZ

Deus te ouça.

ALDONÇA

Eramá! Menina e moça,
vem-lhe tristuras ás sete.
Uma sombra de ciume...
Um nadinha de despeito...

D. IGNEZ

De que e porque?

ALDONÇA

Perfeito,
quem se imagina, presume.
Maldades de anjinho bento!
Amuosinhos apenas.
Deus não vos mande outras penas;
mas de taes vos mande um cento.

D. IGNEZ

Consola ouvir-te ralhar.

ALDONÇA

Mais vos ralho, se vos praz.

D. IGNEZ

Basta e vae, má entre as más.
Desejo sósinha orar.

ALDONÇA

Sósinha!

D. IGNEZ

Sósinha!

ALDONÇA

Dois
corações resam melhor.

D. IGNEZ

A bem! resamos depois.
Tenho ora prazer maior
em ser só comigo. Creio
que me hade assim ouvir logo.
(Indica a Virgem)
E sinto menos enleio,
menos pejo quando rogo.
Depois que ligeiro somno
me tenha até a chegada
de meu guerreiro e meu domno.
Que interminavel caçada!

ALDONÇA

Sempre o esperar foi mofino.
Se, acaso, de mim percisa
a minha Senhora avisa,
e eu logo torno. Assassino
não virá, nem roubador.
Não vos parece?

D. IGNEZ

Parece.

ALDONÇA

Tudo isso em beijos se esquece
quando o real caçador
diga: Aqui estou! d'improviso.

Se me ajudasse a memoria,
contar-vos-hia uma historia
que havia fazer-vos riso.
Mas amanhã...

D. IGNEZ

Amanhã,
Aldonça, m'a contarás.

ALDONÇA

Sereis então mais louçã.
Já outra. Ora!

D. IGNEZ

Vae-te em paz!
A prazer de Deus me fico.

ALDONÇA

Mas o dicto...

D. IGNEZ

Dicto, sim!
Resa por elle.

ALDONÇA, amimando-a

Que rico
geitinho de cherubim!
Heis de chamar...

D. IGNEZ

Chamarei.
Vae, pois.
(Aldonça sae)

D. IGNEZ, chamando rapida

Aldonça!

SCENA III

D. IGNEZ, só

Deixal-a!
Que lhe queria? Nem sei.
Nada. Não! N'aquesta sala
lhe ia pedir que dormisse.
Fôra mais perto de mim.
Terror... De que? Creancice!
Não era, não. Era, sim.
Bem sei que me querem mal,
e só por eu querer bem,
quanto sei e posso, a quem
tanto me quer. Não ha tal!
Mas porque haviam matar-me?
Triste coitada! Supponho
que mal nem sequer por sonho,
o tenho feito. Que se arme
um rei e tantos, e tantos,
e só contra mim, duvido.
Mas então porque trepido?
Sei que trepido. Quebrantos
de animo fraco... Isso não!
São Castros e Valladares,
nomes dos mais singulares
em Portugal e Leão.
Ambos são meus. Por meu mal
não o esqueça.

(Vae até a janella. Contempla por um momento a noute)

Ó noute serena!
inunda-me a alma, que pena,
na paz que te inunda! É tal
o poder da phantasia,
quando a alma palpita em ancia,
que escuto um bando a distancia
em trigosa correria...
Não sinto nada. Illusões
de alma que receia e anhela!
Fiz as minhas orações.
É tarde. Hei frio. A janella,

prefiro-a fechada. Alguem...
Quem ousava? Não me importa;
fecho-a.

(Fica um momento absorta)

Que noute! Mas tem
na paz de hoje, muda, morta,
não sei que de triste!

(Fecha a janella e volta lentamente para dentro)

Apago
estes brandões. Fez na cera
longa a vela um bravo estrago.
Não virá? Mas promettera.
Vem de certo. Quereria
fazer-me chorar? Uma Ave,
bem cá de dentro, á suave
madre nossa. Ave, Maria!

(Resa em voz submissa. Benze-se)

Amen! — Sinto um retintim
d'armas e armados em pressa.

(Escuta)

Nada sentiste, confessa,
pobre Ignez.

(Á Virgem)

Orae por mim!

(Dirige-se á alcova. Vae repetindo machinalmente)

«Sei que heide morrer asinha
no meu lidado lidar.»

(Interrompe-se)

Por estranha maravilha,
desse cantor que não vi,
nunca a triste tonadilha
me sae d'aqui ou d'aqui.

(Designa a cabeça e o coração. Entra á alcova. A scena frouxamente allumiada, fica por alguns instantes muda e solitaria)

SCENA IV

ALDONÇA, TELLO e D. IGNEZ

ALDONÇA, entrando

Senhora, Senhora minha,
Erguei-vos, senhora, já.
Depressa.

D. IGNEZ, entrando da alcova

Que é?

ALDONÇA

Adivinha
meu coração cousa má.

D. IGNEZ

Que é?

ALDONÇA

Más novas.

D. IGNEZ

Falla.

ALDONÇA

El-Rei. .

D. IGNEZ

Como El-Rei?

ALDONÇA

El-Rei que investe
seguido de altiva grei,
em armas...

D. IGNEZ

Como o soubeste?

ALDONÇA

Eu propria o vi.

D. IGNEZ, corre á janella

Desta banda
não se divisa o portal.
Disseste que em pressa...

ALDONÇA

Em tal
que não aguarda, nem manda
se lhe descerrem as portas,
como a rei, de par em par,
vindo assim por horas mortas
fel-as á força arrombar.

D. IGNEZ

Que dizes!
(Vendo Tello)
Tello!
(Entre si)
Perdida!

TELLO

Vossas servas e donzellas
como tropel de gamellas
ou presas ou de batida...

D. IGNEZ

Vós só ficastes.

TELLO

Só nós.
Mas eu lucto e vos defendo.

D. IGNEZ

Nunca, Tello.

TELLO

Á vossa voz,
como um leão, caso vendo...
Sou velho, mas inda sei
que fui besteiro do conto.
Ponho á cara a bésta, aponto
e era uma vez um rei...

D. IGNEZ, reprehensiva

Tello!

TELLO

No entrementes cerro...

(Vae fechar a porta)

D. IGNEZ, estorvando-o

Somos em Paço Real.
Contra El-Rei se errei, não erro.
Praça a El-Rei.

TELLO, resmungando

A Belial!

(Olha da porta para fora)

El-Rei!

D. IGNEZ, com angustia. Á Virgem

Torre de marfim,
cingida de mil broqueis,
mais que armadas, mais que reis,
valeis vós...

TELLO, entre si. Raivoso

Eis a que eu vim?

D. IGNEZ, dirige-se á porta por onde se sente que chega D. Affonso

Sosinha a buscal-o saio.

SCENA V

Os MESMOS, D. AFFONSO, DIOGO LOPES, PERO COELHO e ALVARO GONÇALVES. Sequito de escudeiros, homens de armas, etc. empunhando lanças, espadas; alguns, tochas. Entram de tropel.

D. IGNEZ, para D. Affonso

Vossa Real Mercê não estranha
rompendo em ira tamanha
ver-me em tamanho desmaio.

TELLO, interpondo-se

A minha garrucha é pronta

ALDONÇA, idem

E pronta a morrer sou eu.

D. AFFONSO, sanhudo; encara alternada e mudamente os dous. Aos seus

Levae-me essa velha tonta,
e esse besteiro sandeu.

(Tello e Aldonça são presos e levados. Para D. Ignez)

Agora, nós.

D. IGNEZ, faz menção de ajoelhar

Por quem sois,
que vossa augusta clemencia,
senhor, desculpe a demencia
desculpavel desses dois.

D. AFFONSO, arrebatado

Cuidae de vós que em presença
estaes de vosso juiz
e condemnador.

D. IGNEZ

Eu que fiz
contra o meu rei?

D. AFFONSO

É sentença.
Não soffro que se discuta;
nem lhe consinto tardança.
Pagareis, senhora astuta...

D. IGNEZ

Eu, senhor?

D. AFFONSO

Abasta. Cança.
Heis de morrer por maus feitos
que haveis praticado.

D. IGNEZ

Quaes?

D. AFFONSO

Para meirinho, nem geitos,
nem tempo tenho demais.

D. IGNEZ

Vosso meirinho decida.

D. AFFONSO

Onde eu estou ninguem tem voz.

(D. Ignez vae fallar)

Basta, disse. Inutil lida.
Os meus reinos contra vós
pedem morte. Maus peccados
vos assacam.

(Gesto de D. Ignez)

Já vos disse
que não soffro contrastados
actos meus. A tal malice
minha alma em mil raivas freme.

D. IGNEZ

Tenha Deus de mim piedade,
pois a não tendes...

D. AFFONSO

Verdade,
verdade, dizeis, estreme,
não n'a tenho. Outrem a tenha.
Amen. Comtudo tão breve
não quero que a morte venha
que em tantas culpas vos leve.
Espero. Pedi perdão
a Deus de vossos peccados.
Se os desejaes confessados
trago-vos hi confissão.

D. IGNEZ

Pois tenho de morrer já?

D. AFFONSO

Sim, tendes já que já tarda.

D. IGNEZ

Sem ver meu anjo da guarda,
sem ver...

D. AFFONSO

Ninguem vos verá.
Não tendes que ver ninguem.

D. IGNEZ

Pensae, Senhor, que mataes,
matando esta vida, mais,
que não vos merecem...

D. AFFONSO

Quem
me ousara inquirir, pardiez!
rei eu sou porque vos mato?
Mas sois ré do desacato
maior que nunca se fez.

D. IGNEZ

Não sou. Juro-vos.

(Gesto de D. Affonso)

Dizei-o.
A não ser que amor tão forte,
que é vida e da vida esteio,
culpa seja e me dê morte.

D. AFFONSO

Não é só culpa d'amor,
a culpa que vos dá morte.
Se sois lidima consorte
de Pedro, se peccador
é Pedro, e vós peccadora
de culposa mancebia...

D. IGNEZ

Não sou...

D. AFFONSO

Que foreis, senhora.
Peor crime é rebeldia.
Sagrastes para mór brilho
de vossos amores vis
fazer revel ruim filho.
Eis porque vos sou juiz,
condemnador e saião.
Morrerá quem por seu mal,
ousa a meu sceptro real
erguer sacrilega mão.

D. IGNEZ

Eu, como?

D. AFFONSO

Por maus viezes
para vosso... barregueiro
leváveis-me o sceptro inteiro,
se...

D. IGNEZ

Oh! não, oh! nunca mil vezes!
Nunca pensei tal maleza.

D. AFFONSO

Não mintaes! Para tal crime
não bastava a profundeza
do inferno!

D. IGNEZ, fica por alguns instantes immovel, como absorta; depois avisinha-se de D. Affonso, toma-lhe a mão e condul-o solemnemente ante o oratorio

Senhor, ouvi-me.
Aquella sagrada imagem,
vêde, é da Virgem Maria.
Beijou-lhe a santa roupagem
minha mãe, quando morria.
Veio em mãos d'um cenobita
da augusta Jerusalem.
Não teve o mundo, não tem
outra mais santa e bemdicta.

Não soffre, por seu condão,
na veneranda presença
feitura de grave offensa
sem tremenda punição.
E nada ha que tanto a fira,
no esplendor do immenso trono,
quanto invocal-a em abono
d'imperdoavel mentira.
Agora vede se custa
ser clemente á pobre Ignez,
que jura á Sublime, á Augusta,
que tal culpa oh! não, não fez.

D. AFFONSO, que durante as palavras de Ignez se descarapuçou e ficou a contemplar aterrado a imagem

Aquella imagem, Ignez...
Não me dissestes?

D. IGNEZ, com firmeza

Aquella.

D. AFFONSO

E jurarieis por ella
se eu vos mandasse outra vez?

D. IGNEZ

O que vos jurei, jurava
mil vezes, Senhor, e logo.

D. AFFONSO, baixo a Diogo Lopes

É cousa rara, Diogo,
tal imagem, cousa é rara.

ALVARO GONÇALVES, a El-Rei

Mas, senhor...

D. AFFONSO, sem o attender

Quero mais perto
ver a expressão viva e boa
d'aquelle olhar.

(Approxima-se e contempla-a. Entre si)

Franco, aberto,
brada-me na alma: Perdoa!

(Alto)

Ignez, pensei comigo. Ide
a vosso leito.

D. IGNEZ, com effusão

Que escuto?

D. AFFONSO, a Diogo Lopes e Alvaro Gonçalves

Minha alma não se decide.
Hesito. Ou antes: não lucto;
já decidi. Essa imagem
é cousa santa. Notae-o.

D. IGNEZ

Senhor, vossa mão...

ALVARO GONÇALVES, áparte

Um raio
na malfadada viagem...

PERO COELHO

Não ha tal feito!

D. AFFONSO, a D. Ignez que lhe beija as mãos

Agradece
á Virgem, não ao teu rei.

ALVARO GONÇALVES, baixo a D. Affonso

Não deis tal perdão.

D. AFFONSO

Já dei.
Bem que eu faça, não me esquece.
Grão milagre a Virgem fez.
Vinha irado ora sou brando;
e meus olhos marejando
não sei bem o que. Ignez
havia errado; esqueci-o.
A luz desse olhar bemdicto
fez-me, ó espanto, manso e pio.

D. IGNEZ

Oh meu Senhor!

D. AFFONSO

Necessito
ao estranho dó que me invade
de contar-me entre os culpados.
Vae-te em paz.

(D. Ignez dirige-se lentamente á sua alcova. D. Affonso segue-a enternecido com o olhar)

SCENA VI

Os MESMOS menos D. IGNEZ

ALVARO GONÇALVES, a D. Affonso

Nossos peccados
fizeram vossa piedade.

D. AFFONSO

Não é ré. Assim m'o diz
quem por força de virtude,
não illude, nem se illude:
aquella imagem. Tu ris,
Diogo?

DIOGO LOPES, com seriedade fingida

Senhor, não rio.

ALVARO GONÇALVES

Fallou-vos a santa Imagem?
Fez-vos saber por linguagem
que tal ré não era?

D. AFFONSO

Ouvi-o.
Senti-o. A coitada Ignez
por testemunha a supplica
e a imagem divina fica
tal qual, Diogo, ora a vês.

DIOGO LOPES

Mas quem fallou no sobr'rano
poder da Imagem sagrada,
não foi Ignez? Não! que engano!

D. AFFONSO

Foi Ignez. Que mais?

DIOGO LOPES, inclinando-se

Mais nada.

D. AFFONSO, entre si

Diogo Lopes duvida.
Bem pode ser... Porém, não.
(Alto)
Cousa é minha e decidida:
dei-lhe, está dado, perdão.

ALVARO GONÇALVES

Ah! Senhor, a escarneo tal
Ora viemos nós cá!
Que se perca Portugal
por uma mulher!

D. AFFONSO

Eu já
te disse o bastante, amigo.
Ora aconselho silencio.
Pensa alguem que fiz mal, pense-o;
mas não n'o diga.

DIOGO LOPES, entre si

Eu não digo.

ALVARO GONÇALVES

E a c'roa que ancia perjura
vos inveja...

D. AFFONSO

É cousa incerta.

ALVARO GONÇALVES

E a mancebia em que atura...

D. AFFONSO

Punivel, se é, sem referta,
provada, por sabia lei
do de mui santa memoria
meu louvado Pae, El-Rei
Dom Dioniz...

DIOGO LOPES, muito devoto

Que seja em gloria!

D. AFFONSO, continuando

É sem duvida? não é.

ALVARO GONÇALVES

Nega o infante e ninguem ousa
negar nunca a propria esposa.
Ha prova melhor?

D. AFFONSO, abalado; áparte

A fé!

ALVARO GONÇALVES

E vosso neto Fernando
que espoliado por ella
será sem duvida, quando...
abrirdes mão da tutella.

PERO COELHO

Vosso conselho, — justiça! —
pois nenhum medo o quebranta
guardail-o para carniça
d'um Infante e d'uma Infanta?

ALVARO GONÇALVES

Infanta!

PERO COELHO

Amanhã rainha
e com tal rei.

ALVARO GONÇALVES

Duros annos.
Cuidae, senhor.

D. AFFONSO, muito abalado

Na bainha
não metto a espada; mas... vamos
(Sae arrebatado com todos)

SCENA VII

D. IGNEZ, só; abre a porta, observa e entra.

Partidos! Já não n'os sinto.
Respiro emfim. Se á ventura...
(Vae á porta e observa)
Ninguem. Fecho: Um fero instincto...
(Hesitando)
Não. Fecho, sim.
(Fecha rapidamente a porta e vem ante o oratorio. Pausa)
Virgem pura!
Bem me mandaste, mãe minha,
tel-a em doce e vivo int'resse:
talvez á santa Rainha
um dia a vida devesse.
Mas se lhe importa que eu morra,
minha vida é delle, dou-a.
Ninguem venha e me socorra.
(Para a Imagem)
Pecco em pedir-t'o? Perdoa.
É por meu Pedro que eu tremo.
Por elle tudo se perca,
por elle o meu bem supremo.
(Acerca-se da porta)
Sinto... é certo, alguem que alterca
(Escuta)

El-Rei com Pero Coelho,
Gonçalves, Lopes Pacheco...
El-Rei falla duro e seco,
Este subito concelho...

(Volta á scena)

E Pedro! não imagina,
que não me acode. Coitado!
Tão distante e sem cuidado,
incalça, apupa, abosina,
por essa gandra maninha
o cerdo, contente e forte:
e eu no emtanto aqui sosinha
luctando em ancias de morte.
Se partiriam... Não ouso.
Chamar... mas ninguem me sente.
Tão longe! Será prudente
fugir... Não! Meu doce esposo,
acode a Ignez que te adora,
á tua Ignez.— Sinto passos.
Nem posso os tremulos braços...

(Em grande terror)

É já chegada a minha hora.

(Batem á porta)

Batem. São elles.

ALVARO GONÇALVES, de fora

De pressa,
em nome d'El-Rei, abri.

D. IGNEZ

Uma sahida travessa...
Oh! não! dirão que fugi.

(Para a Virgem)

Comvosco fico.

(Arrombam a porta)

SCENA VIII

D. IGNEZ, ALVARO GONÇALVES e PERO COELHO

ALVARO GONÇALVES, irrompendo em scena

Em tal ácto
tanta perfidia nos lança...

D. IGNEZ, com serenidade

Assim se quebra o recato
d'uma alcova? É nova usança.

ALVARO GONÇALVES

Quebro-o sem culpa. Enviou-me
quem pode o que quer. Sois ré.

PERO COELHO

Da parte d'El-Rei...

D. IGNEZ, interrompendo-o

Á fé!
ousaes invocar-lhe o nome
ao cumprir tal villania?

PERO COELHO, n'um impeto

Ré villã, sois vós, só vós.

D. IGNEZ, encarando-o

Contra mim d'antes erguia
n'uma injuria Pero a voz?
Ah meu Pedro!
(A Alvaro Gonçalves)
Se heis recado
d'El-Rei, dizei-m'o e cumpri-o.
Senão e já...
(Indica-lhes a sahida)

ALVARO GONÇALVES

Tal mandado...
faz riso e não ira; e eu rio

D. IGNEZ

Senhores, mais tento em vós
não venhaes a arrepender-vos

ALVARO GONÇALVES

Somos muito vossos servos;
mas quem manda somos nós.
Em nome de Deus, El-Rei
nos manda fazer justiça...

D. IGNEZ

Em quem?

ALVARO GONÇALVES

Em alguem que enliça
sem vergonha a ruim lei.
Certo Infante que...

D. IGNEZ

Mas onde
aventaes o reu? Mostrae-o.

ALVARO GONÇALVES

Vós!

D. IGNEZ

Eu?! A ré só responde
que sahis vós ou eu saio.

ALVARO GONÇALVES, interpondo-se-lhe

Nem nós, nem vós.

D. IGNEZ, em angustia

Grito.

PERO COELHO

Grita
vã!

D. IGNEZ

Aqui do Infante!

ALVARO GONÇALVES, crescendo para ella

Abasta!
Nas garras de açor de casta
eis-te emfim, garça maldita!

(Aferra-lhe o pulso e toma do punhal)

D. IGNEZ

Fere, villão! Numa dama
é bem facil pôr mão rude.

(Alvaro Gonçalves larga-a e afasta-se, deixando cahir o punhal)

Senhores de força e fama,
que esperaes? Ninguem me acude.
Heis rijos pulsos — senti;
á baixeza almas opostas,
se preferis pelas costas,
eu vol-as volvo, feri.

(Entre si)

Não posso mais. Sinto o pranto...
Abafo na alma de dor...

(Pausa. Alvaro Gonçalves arremete. Pero Coelho toma-lhe rapido o passo)

PERO COELHO

Alvaro! Alguem... pára emquanto...
Ha passos no corredor...

(D. Ignez entra na alcova e fecha-a. Pero Coelho e Alvaro Gonçalves correm em pressa á porta)

SCENA IX

ALVARO GONÇALVES, PERO COELHO e DIOGO LOPES

DIOGO LOPES, da porta

É feito cumprido?

PERO COELHO

Não!

DIOGO LOPES, entrando

Ainda não e ereis dois!

PERO COELHO, enleado

Não sei...

ALVARO GONÇALVES, raivoso

Deus ou o demo...

DIOGO LOPES

Pois
tardastes. Trago o perdão.

ALVARO GONÇALVES

Não pode ser. «Lá fazei
o que quiserdes» nos disse...

DIOGO LOPES

Disse? Pois bem!

ALVARO GONÇALVES, continuando

Faz bobice
quem fia acaso em tal rei?

DIOGO LOPES

Um mandado da rainha
que roga, supplica, implora
o perdão.
(Aparte)
Menti.

PERO COELHO

Eu tinha
previsto este lanço...

ALVARO GONÇALVES, inquieto

E agora?

DIOGO LOPES, cortejando-os por mofa

Agora, Alvaro, Coelho,
é resignar santamente
a sangrar na garra e dente
d'Ignez e Pedro...

ALVARO GONÇALVES, supplicante

Um conselho
não tens, Diogo?

DIOGO LOPES

Si, tenho.

PERO COELHO

Dize então?

ALVARO GONÇALVES, impaciente

Dize.

DIOGO LOPES, singellamente

É matal-a.

PERO COELHO

Dado o perdão! Não convenho.

DIOGO LOPES

Ah! tu não convens!

ALVARO GONÇALVES

Mas falla.

DIOGO LOPES, sarcastico

Delongae; que é bem perciso.
Demora de pouca dura
pode dar nos a ventura
de ver nosso Infante em viso...
(Resoluto e rapido)
Sem reparos infantis
com presteza e fino aceio
farei só, e em nada e meio,
quanto nenhum de vós quiz.

PERO COELHO, hesitante

Doe-me a covarde facção.

DIOGO LOPES

Corta-lhe logo os gemidos,
se tens, coitado, os ouvidos
mui cerca do coração.

PERO COELHO, com resolução subita

Finde-se a traça damnada.
E já.

DIOGO LOPES

Bravo! — Facção secreta
carece de luz discreta...
reduzo esta chamma a nada.

(Apaga a lampada no altar. A scena fica desalumiada)

SCENA X

Os PRECEDENTES e D. IGNEZ

ALVARO GONÇALVES, batendo rijo á porta da alcova

Da parte d'El-Rei, que o ordena,
abri...

PERO COELHO

Da parte d'El-Rei.

D. IGNEZ, assoma á porta. Profundamente abatida

Pronta, submissa, serena,
aqui me tendes. Se errei,
prendei-me, julgae, puni...

ALVARO GONÇALVES

Finde a estupida demanda
em nome d'El-Rei que manda...

(Arremette contra D. Ignez que foge espavorida ao altar e ajoelha)

D. IGNEZ

Que mal vos fiz eu?

ALVARO GONÇALVES, vendo-se sem o punhal, a Pero Coelho e Diogo Lopes

Feri.

D. IGNEZ, abraçada ao altar. Supplicante

Oh! não me mateis por ora...
Meu Pedro... os filhinhos meus...
Não quero morrer. Por Deus,
matae-me depois...

ALVARO GONÇALVES

Agora.

(Lançando-lhe as mãos ao pescoço para a estrangular)

D. IGNEZ, debatendo-se em agonia

Deixae-me.

ALVARO GONÇALVES, para Pero Coelho

Feri.

D. IGNEZ, procurando soltar-se

Soccorro!
Deixae-me viver...

ALVARO GONÇALVES, com grande intimativa a Pero Coelho, que arremete por fim

Feri!

(Pero Coelho apunhala-a)

D. IGNEZ

Ah! basta! Morro por ti,
Pedro... Adeus... meus filhos... morro...

(Alvaro Gonçalves segura-a ainda e deixa-a depois cahir desamparada aos pés do altar)

PERO COELHO, recua horrorisado; a Diogo Lopes

Diogo, má villania
havemos feito.

DIOGO LOPES, sarcastico

Cautella
que te esvaneces como ella,
brando alfenim.
(Entre si)
Já o sabia.

ALVARO GONÇALVES, observando D. Ignez

É morta emfim!

PERO COELHO

Digna é a scena
de nós.

DIOGO LOPES, indicando a Imagem que por instantes esteve contemplando

A imagem divina,
vedes bem, não nos fulmina;
olha-nos branda e serena.
El-Rei é que, manos meus...

ALVARO GONÇAVES

Praz ao povo, a El-Rei agrada.
Partamos.

DIOGO LOPES, com ironia

O resto é nada.
Menos que isso: o Infante e... Deus!

JORNADA V

O scenario da Jornada I. Recamara da Rainha D. Brites.

SCENA I

BEATRIZ DIAS, DULCE AFFONSO, cuvilheiras da Rainha, dormem de recovo nas almofadas do estrado. D. BRITES

D. BRITES, entra e contempla com ar de benignidade as duas cuvilheiras adormecidas

Dormem, coitadas! Da alongada vela
prostrou-as o cançasso.
(Olhando a uma das janellas)
Rompe o dia
a custo. Na janella
o frio da manhã condensa o orvalho.
(Escuta)
Rouqueja ao longe o gallo; a cotovia
desfere o grito estridulo.
(Voltando ás cuvilheiras adormecidas)
Coitadas!
Despertae, minha Dulce; a pé, dormente
Beatriz...

DULCE AFFONSO, acordando

Perdoae-nos: fatigadas...

BEATRIZ DIAS, idem

Inda tentámos resistir...

D. BRITES

É minha
a vossa culpa. Invejo-vos, não ralho.
Quando se é esposa, quando se é rainha,
quando se é mãe mormente,
o somno é mais esquivo.
Aos vossos leitos; ide em paz. Mas antes
que o somno agora as palpebras vos cerre,
dormidoras gentis,
á Mãe de Deus em supplicas instantes,
encommendae meu Pedro.

BEATRIZ DIAS

Algum perigo
receaes que lhe avenha?

D. BRITES

N'um sobresalto vivo,
vejo-os na caça quasi em cada brenha.
Sustos de mãe que o filho quer comsigo!
Pedi que todo o mal o ceu desterre
do monteador fragueiro.

BEATRIZ DIAS

Permittis
que vos reconte um sonho...? Quem mal sonha
tem de narrar quanto sonhou...

D. BRITES

Louquinha!
Pois inda crês em sonhos? Que vergonha!

DULCE AFFONSO

Mas permitti, Rainha.
Esvaem-se narrados os revezes
que em sonho aventa mysterioso instincto.

D. BRITES, fazendo-se subitamente séria

Segundo a Igreja, e ao que ella intende assinto,
são necedade os sonhos... muitas vezes.

(Com firmeza)

Ide.

(Dulce e Beatriz retiram-se silenciosas depois de haverem beijado a mão de D. Brites)

SCENA II

D. BRITES, só. Fica por alguns instantes pensativa

São sempre necedade os sonhos?
Talvez envia Deus ás almas puras
vislumbres de futuro, como envia
luz ás cristas dos pincaros alpestres,
quando inda a noute em sombra inunda os vales.

(Pausa)

Se da garça formosa o colo frio
adormeceu na morte, Affonso, Affonso,
ó meu rei, meu senhor, um Deus piedoso
se amerceie de nós. Vejo-o, o meu Pedro
lacerando raivoso os teus dominios
como lacera o almalho a rubra capa
na arena que seu pé pulsa e repulsa!

(Vae rompendo a manhã. Pausa. D. Brites escuta)

Avisinha-se alguem. Talvez, Gonçalo.

SCENA III

D. BRITES e D. GONÇALO de caminho

D. BRITES

Sois vós...

D. GONÇALO, abatido e triste

Sou eu.

D. BRITES

Que novas?

D. GONÇALO

Ruins novas.

D. BRITES

Consummado o mau feito?

D. GONÇALO, com agonia

Consummado.

D. BRITES, fulminada

Assassinada Ignez! A minha angustia
compõe-se de mil dores. Em mim soffro,
e soffro, e inda mais nelle. Assassinada
a meiga e linda Ignez! A pobresinha
que me osculava ha pouco as mãos, tremente,
e humildosa e em joelhos supplicava
perdão de tanto amar seu doce Infante.
Sem mãe, só tendo agora as minhas bençãos
e os meus beijos, sem mãe, os meus nétinhos.

D. GONÇALO

Ao dar-me o certo aviso o exacto inculca
duvidei: d'antes ferros portuguezes
despontavam-se em carnes de mulheres.

D. BRITES

Como em vão suppliquei piedade em nome
da misera e de mim?

D. GONÇALO

Alguns instantes
hesita incerto El-Rei; mas vossos rogos
venceram finalmente. Perdoada!
murmurou.

D. BRITES, erguida e sobranceira

Tal sentença quem ousava
desacatar?

D. GONÇALO

O vosso esposo.

D. BRITES

Affonso!

(Vae ajoelhar ante o oratorio e resa entre soluços)

D. GONÇALO

El-Rei ás vozes dos ministros cede
e «Lá fazei o que quizerdes» diz-lhes
deixando-a a taes villões.

D. BRITES, erguendo-se e enxugando as lagrimas

Basta de lagrimas!
Lagrimas são fraqueza e nas mulheres
que a mão de Deus dotou co'a angustia e a gloria
de esposas e de mães, fraqueza é culpa.
Restaura-me o Senhor da juventude
os tormentosos dias na velhice...
Motins, assolações, armada guerra

D. GONÇALO

Entre um infante e um rei...

D. BRITES

O filho e o esposo:
Que é como se dissereis lucta brava
entre a alma e o coração; entre quem devo
e quero amar e quem, nem que o quizesse,
deixaria de amar mais que a mim propria.

D. GONÇALO

Deu-vos exemplo uma rainha...

D. BRITES

E o exemplo
de tão sagrada mãe me hade ser guia

(Depois de pausa breve)

Mas Pedro como dar-lhe avisamento
da tremenda verdade?

D. GONÇALO

Um falcoeiro
corre entrètanto as brenhas, os desvios
mais buscados de feras e monteiro
em sua demanda.

D. BRITES

E que recados leva?

D. GONÇALO

Que torne em pressa...
(Olhando-a com intenção)
e em pressa acuda a ver-vos,
a deshoras que chegue, ao vosso alcacer.

D. BRITES, com angustia

A mim o encargo de dizer-lhe: Filho
arrancou-te uma barbara... justiça
mais do que vida e mãe ..!

D. GONÇALO, com muita firmeza

A vós, rainha;
a vós, mãe, esse encargo. As alegrias
que vêm por mãos de mãe são mais festivas;
pungem menos tristuras que nos trazem
maternas mãos.

D. BRITES, desalentada

Mas, Padre, falta-me a alma
tão conturbada e tanto em magua a tenho!

D. GONÇALO

A mais triste das mães, a mais dorida,
de mães na angustia, a Mãe benigna e santa
hade accorrer...

D. BRITES, apoz breve pausa; com angustia

E vós heisde partir-vos
quando mais quero o vosso amigo amparo?

D. GONÇALO, com affecto

Não partirei. O meu sagrado officio
longo tracto de affecto em taes gravezas
assentam-me o logar ao vosso lado.

D. BRITES

Não desampara Deus a quem padece...

D. GONÇALO

Tanto que torne o Infante — e que não tarda
é dado presumir — eu proprio o guio,
a vossos pés, Senhora. A vós o dar-lhe
a tremenda certeza, a mim, dispol-o
co'o vago murmurar...

D. BRITES

Deus me acompanhe!

D. GONÇALO

Vossa obra é santa, Deus hade abençoal-a,
como eu vos abençôo. Ao nosso empenho.
Bem prestes nos veremos.

(Sae)

SCENA IV

D. BRITES e D. AFFONSO

D. BRITES

Virgem Santa!
Potente valedora! Mãe dolente!
que sabeis quanto amarga o pranto amargo,
que pelos filhos verte a dor materna,
orae por nós. Estrella matutina,
Castello de David, Insigne Vaso
de Amor e Devoção, Mystica Rosa,
orae por nós!

D. AFFONSO, de caminho. Descobre-se ao ver a Rainha e contempla-a um momento em silencio. Aproxima-se

Dae-me perdão, se turbo
entrando á vossa camara a deshoras
as praticas devotas.

D. BRITES, ergue-se, enxuga rapida as lagrimas

Não me turba
jamais vossa presença.

D. AFFONSO

Grave assumpto
me guia a vós, apenas cogitado
de vosso coração.

(Pausa)

De pae benigno,
a quem foi comettido o guardamento,
o bem reger d'um povo, fatigou-se
a já longa paciencia.

(Pausa)

Altos queixumes,
que mudo, inerte ouvira, foi-lhe força
attender finalmente, porque o imperio,
que herdou de seus avós e quer intacto
a seus netos herdar, não sovertesse,
nas convulsões da raiva, um povo em armas.
Co'o rei luctava o pae; na lucta, e é justo
que assim acontecesse, o pae vencido
curvou a signa ao rei.

D. BRITES, com serenidade

Nem sempre é justa
a victoria que sobre o amor paterno
o regio officio alcança.

D. AFFONSO

A regedores
val dictado supremo, irrevogavel,
a salvação do povo. É lei de Roma.
Tem-n'o alvitrado assim os mais prudentes
em ambos os direitos.

B. BRITES

Em todo homem,
summo imperante, humilde pegureiro,
impera a mesma lei. A todos cumpre
obedecer-lhe e em tudo.

D. AFFONSO

Os reis havemos
emanação de Deus, outros direitos.
Assim o pede a gloria.

D. BRITES

E Deus recusa.
Que nunca, em seus preceitos, vi distinctos
do povo os reis.

D. AFFONSO, em assomo d'impaciencia

Sou eu que vol-o digo.
Não mente um rei, e falla o vosso esposo.
Torto não fiz a Deus e fiz direito
ao povo meu e vosso.

D. BRITES, submissa

Fio e espero.

(D. Affonso passeia muito agitado)

Heis cumprido justiça, — que vos turva?
Já palavras de Brites tanta colera
movem em Dom Affonso.

D. AFFONSO, acalmando

Nunca, amiga
e santa esposa minha. Ou, se um momento...
Perdoae, vol-o peço. Docil, pronto,
sempre me houvestes e em bem rijos trances.

D. BRITES, brandamente reprehensiva

Sempre, Affonso?

D. AFFONSO, desintendido

Na rude adolescencia...
que hei vivido, neguei-me a avisos vossos.
Tredo irmão accendia-me taes iras,
as fraquezas d'um pae tanto raivavam
o sangue ao moço infante que... Mas, basta!
Vae delida a memoria de taes feitos.
Esposa, e pae, e mãe — ó mãe finada
e santa — todos já me heis perdoado.

D. BRITES

E não achei, ha pouco, ás minhas preces
cerrado o vosso coração?

D. AFFONSO

É certo.
Mais do que vós — sou rei — logrou, comigo,
a vontade do povo. Não relembro
o tresloucado amor que o trouxe preso,
rendido, avassallado, como escravo,
— elle, infante! — á vontade d'uma...

D. BRITES, atalhando, quasi reprehensiva

Affonso!

D. AFFONSO

Amor, ultraje, um'hora, ás leis mais sacras,
á fé de esposo, a uma princesa e esposa,
offensa agora a todo o reino. Amores,
que em seu ardor impuro, ameaçaram
de escandalos, de mortes, de ruinas,
a terra portugueza, quaes infamam
os da suja Jusman a castelhana,
e enchem de dor a vossa filha! Instancias
de ministros gravissimos, conselhos
da alvoraçada mãe, vivos reparos,
urgentes suggestões, rijas censuras
de pae, de rei, tudo desdenha, aggrava
o amor que o doma e tem. Senti piedade,
tolerei taes desdens. Baldada a esp'rança
na emenda do culpado, fatigou-se
a paciencia real e fez justiça.
Era já tempo. A astuta castelhana,
a falsa embahidora...

D. BRITES

Affonso! Affonso!
Deixae-lhe inteiro o nome, se vossa ira
a vida poude arrebatar-lhe.

D. AFFONSO

E poude...
Era dever, cumpri-o. A ingrata... dama

— já que dama a quereis — contra os dictames
d'um pae que era seu rei, ousava altiva
manter a rebeldia desse Infante
vilmente enfeitiçado, embora astuta
negasse e com que juras! e eu rei puni-a.

D. BRITES

E foi justiça, Affonso?

D. AFFONSO

Foi justiça.
Não é Affonso, o quarto, o do Salado,
o neto de seis reis, que vê torcido,
como o docil fiado d'uma roca,
o seu querer em mãos de qualquer... dama.
Tal nome lhe quereis, haja tal nome.

D. BRITES

A pousada da santa aragoneza,
mãe vossa e minha mãe, seus regios paços
de apar de Coimbra, o seu dilecto alcacer,
tinto de sangue e — perdoae-me, Affonso,
sangue innocente...

D. AFFONSO, em colera subita

Não rediga Brites
tão submissa a seu esposo, ao rei tão mansa,
— Não tem culpa quem pae, quem rei despreza —
que pode um justo espanto de escutal-a
subverter estes muros.

D. BRITES

Se desprezo
não era, mas fraqueza.

D. AFFONSO

Era desprezo —
Um dia, o grão Diniz, quasi tamanho
na estatura dos feitos, quanto Affonso,
o primeiro e maior, tenta a um bastardo
dar o que o jus lhe defendia, — o trono.

Pois o lidimo herdeiro, o espoliado
das fraquezas d'um pae, sabeis, Senhora,
quanto fez e era Infante.

D. BRITES

Armava o braço
hostil ao rei, seu pae...

D. AFFONSO

Mas a direito
o fez.

D. BRITES

Fel-o a direito!

D. AFFONSO

E, alçado ao trono,
de que a ambição fraterna, sobre todas
peccadora ambição, inanemente
pretendera esbulhal-o... Heis recordar-vos
o que fez do revel, mal lhe foi dado
castigal-o a sabor...

D. BRITES

Affonso, basta!

D. AFFONSO

Ambicionava um trono, arrebatei-lhe
por força, a patria, o haver. Outro bastardo
ousava malquerer-me, — degolei-o.
Pois quanto a honrado pae, a rei não soube
Affonso consentir em sangue e armas,
odio e lucta mortal, quanto a soberbos
rebelados irmãos, mimosos e avidos,
não tolerou sem banimento e morte,
havia de soffrel-o ao proprio filho,
e a uma... dama, dirieis, a manceba
e barregã, digo eu?

D. BRITES, encarando-o com senhoril altiveza

Mas vossa esposa
dama é ainda e rainha; a minha camara
não é solto arrayal, Senhor.

(D. Affonso fica-se silencioso e torvo. Pausa)

D. AFFONSO, avisinhando-se carinhoso

Comvosco
posso e quero ser fraco. Apraz a Affonso
ceder a aceno vosso... e cede.

D. BRITES

E a supplicas...

D. AFFONSO

Era dever de rei. Mas no cumpril-o,
—punge-me esta certeza e dá-me gosto—
hesitou, como um fraco Affonso o Bravo!
Commoveu-me, senhora, a vossa carta.

(Aparte)

Porem ella illudiu-me infamemente—
Venci-me, emfim, venci-vos, que sou forte
Mas doeu-me o triumpho e doe-me ainda....

(D. Brites vae a fallar; mas emmudece a um aceno de D. Affonso)

Meu officio é cumprido. Importa agora
que vós cumpraes o vosso. Curtamente
volta da caça o Infante; sabe parte,
que novas, e más novas, correm presto.
Se não, por vós conheça da justiça
que duramente hei feito em seus amores
deshonestos...

(Gesto de D. Brites)

Corrijo: em seus amores.
Recordae-lhe que é filho e que é vassallo;
eu, seu rei e seu pae. Ter-me-ha benigno,
se manso se amostrar, senão lembrae-lhe
—se lembrar-lh'o é mister: Pedro conhece-me—
que sei quebrar, a ousadas, rebeldias,
e gosto de quebral-as rijamente.
Careceis de repouso e o sol é nado.

(Sae)

SCENA V

RAINHA, só. Depois RAINHA e o INFANTE

D. BRITES

É bem duro ser mãe! E como fundo
castigam os espinhos do infortunio.
no conchego dos mantos arminhados.

(O Infante irrompe em scena. Á porta por que entrou D. Pedro assoma a figura de D. Gonçalo, o qual se tem um momento immovel, depois desapparece atraz do reposteiro que desce. O Infante aos pés da mãe, toma-lhe as mãos e beija-lh'as muito terno)

És tu, meu filho, emfim!

INFANTE

Eu que em joelhos
osculo e osculo as vossas mãos queridas,
ancioso de consolo.

D. BRITES, affagando-o

Incorrigivel
monteador quanto tardaste! Nunca
tremeu por ti minha alma tanto, tanto.
Muito te quiz aqui, muito em Coimbra
te quiz... Como senti esses alentos
de mancebo e guerreiro que te arrastam
por montes e por valles, que te forçam
a deixar por lebreus e girifaltes
todos e tudo filho.

INFANTE, supplicante

Essas palavras,
passadas de censura, embora amiga
suavissima censura, me dão pena...
Não m'as digaes jamais...

D. BRITES, muito commovida

Meu pobre Pedro!

INFANTE

Sabeis que desde tamanino a guerra
as algaras sangrentas de agarenos,
no ouvil-as recontar, m'infeitiçavam.
As justas, os torneios, os combates,
onde esplende ao mais bravo, ao mais braceiro,
no applauso feminil, o sol da gloria,
o rude montear, dias e noutes,
á cata do montez, na piugada
do cervo fugidio, entre penhascos
e quebradas sem fim, palpando o risco
e rindo alegre delle, eram enleio
— e quão suave enleio! — a vosso filho.

D. BRITES

Ralhava, quanta vez, de taes loucuras
que em perpetuo alvoroço a tresnoutavam
a rabugenta mãe!

INFANTE

Mas recrescia
de ponto inleio tal, — bem n'o recorda
o maternal amor — quando na volta
vos podia amostrar o meu pelote
lacerado do rabido colmilho
do acecado javali.

D. BRITES

E de meus sustos
o monteador sorria. Na altiveza
de infante de mancebo, só ferido
ousava appellidar-se a todos neto
do maior dos avós, Affonso, o grande.

INFANTE

Mas na vida, somente dous affectos,
suaves como o rir da meninice,
como ao guerreiro apoz refrega rija
o triumphal clangor da rouca tuba
me tem domado o peito: o amor que me une
e me hade a vós unir, mãe doce e santa,
e o amor á minha Ignez, alma d'um lyrio...

(D. Brites desvia o rosto para occultar a commoção)

Não vos riaes, ó mãe. Se houvessem alma
as mais gentis e enamoradas flores,
alma haveriam como a della, como
a alma da minha Ignez, mais minha ainda,
mais eu do que vós sois... ó mãe, perdoa!

D. BRITES

Coitado do meu Pedro!

INFANTE

Sim, custava
partir-me de ambas vós; mas das coutadas
trilhadas só de feras, para logo
me inebriava o rijo alento e livre...
Todos, tudo esquecia, a vós, e a ella,
a voar perdizellos e garcenhas,
a açular ao javardo os meus sabujos;
vendo o nebri motir no voo, á brava,
ás altezas do espaço e, no revoo,
baixar, cahindo, á preia.

D. BRITES

Pobre filho!

INFANTE

Tudo mudou, ou mudei todo. Os bosques,
tão meus, tão conhecidos, farejados
tanto e tanto dos meus alãos, pisados,
quanta vez, de meus ageis corredores,
o ar montez, acre e puro, os ermos cerros
da nossa Beira alpestre, os sons briosos
da tuba urrando brados de victoria,
os echos da quebrada, alvoraçados
co'o vozear, e o rir, e o apupo e os canticos
do caçador tropel, todo esse inlevo
de moços corações, triste, funereo,
como o psalmear prantivo d'um trintario...

D. BRITES

Eras tão triste, filho, e tão distante
dos olhos de tua mãe...

INFANTE

Nunca hei vivido
taes dias de saudade e desconforto!
Desde que me parti de Santa Clara,
tristes visões, presagas phantasias,
sustos, cuidados, sobresaltos...

D. BRITES

Filho!
Deus é pae!

INFANTE, mudando de tom

Porem tudo ao vosso aspecto,
como á luz da manhã vago duende,
de pronto se esvaiu... Sois mãe e basta!
Cerca de vós aspiro a longos haustos
conforto, esp'rança, vida. Eram loucuras
de moço e enamorado os taes presagios...

D. BRITES, áparte

Que doce engano!

INFANTE

... Diz-m'o vosso aspecto
desassombrado. Oh! como é bom ser filho
de tal mãe, como vós. Que taes fraquezas
deveram-me pejar: sou filho vosso.

D. BRITES, animando-se muito

E filho mui valido, e mui devoto
a sua mãe...

INFANTE

Se sou.—Por meu castigo
vou narrar-vos um caso, uma loucura,
que tanto me doeu... Á redea solta
persiguia na gandara um gamello
ferido. Apodrecia perto o verde
marnel, onde sangravam sanguesugas
Martim Annes de Riba de Avizella.
No veloz galopar devoro o espaço...

De subito a meus pés cae fulminada
uma garça real: toda a plumagem
crespa e sangrenta, o olhar humido e triste,
côr do ceu portuguez se expira o dia,
feito de sombra e dor, e em mim pousado...
Pungia aquelle olhar... Desmonto e observo-o
E nelle eu proprio vi — tal relembrança
me turva ainda — o olhar cheio de pranto
de saudade, de lucto, de agonia
do meu *collo de garça!* A vossa filha
naquelle olhar seu doce olhar puzera
de eterno adeus, tão triste quanto a morte...
Juro-vos que chorei. Cavalgo á pressa
meu bom murzello e fujo qual do encalço
d'uma hoste de descridos agarenos.
Que fero monteador! Mãe, não vos rides?

(D. Brites que tem procurado suffocar as lagrimas rompe em soluços)

Que! choraes? vós?

D. BRITES

Pois tuas dores, filho,
são dores para mim!

INFANTE

Esta era louca,
inane dor; não era?

D. BRITES

Mas choraste.

INFANTE

Como um louco; isso sim. Mas não corria
sem motivo o meu pranto?

(Pausa. Sobresaltado)

Respondei-me.
A immensa paz que ao ver-vos m'inundava,
sinto-a apagar-se, ó mãe!

D. BRITES, com funda angustia

Quanto quizera
poder-te consolar...

INFANTE

Jurae, senhora,
que o funeral presagio era mentida
illusão. Não vos nego, meigo, humano,
me fitava esse olhar; mas Gil Eanes
alvitra que será moura encantada,
que penava na garça e que ferira,
no remontado voo, a garra adunca
do gaveão garceiro. Diz que infestam
infeitiçadas mouras estas brenhas,
que alta noute se escutam desveladas
tristemente ululando á luz da lua...
Não seria talvez moura encantada?

D. BRITES

São mysterios de Deus! Mas os presagios
vem, quanta vez, de Deus!

INFANTE

Por vida minha,
se tendes ruim nova, dae-m'a. Ignora
acaso o vosso amor que esta incerteza
é tortura amarissima?

D. BRITES

Meu filho!

(Pausa. Chora)

INFANTE, muito carinhoso

Não tendes dó de mim?

(Ferido de uma ideia subita)

Advirto agora:
o recado do velho Dom Gonçalo,
seu estranho balbuciar, o incerto alcance
do imperfeito dizer, vagos murmurios,
olhos baixos, quebrados, essas lagrimas,
esse semblante ancioso, um ar de lucto
que tudo e todos cobre, prenunciam-me
infortunio e medonho. Mãe, que é isto?

(Com um grito)

Ignez! Que é feito della?

(D. Brites tem o rosto embebido entre as mãos)

Intendo — e v vo?
Da castissima alcova, á bruta força,
arrancada alta noute, jaz sumida
em embrenhada torre, onde os filhinhos
mais não veja na vida e longe acabe
do esposo e da coroa. — Mas, bandidos,
ministros de meu pae e meus algozes,
inganaes-vos nas contas, tem meu braço,
o braço d'um infante, assaz longura
para arrancar Ignez da vil masmorra,
onde a sepultam vis e arrebatar-vos
na lama, em que a sumis, almas e vidas,
Sei dar o que me pedem: pedis guerra;
guerra havereis — de morte... Não me queixo,
que o insensato fui eu! Bem me dizieis,
e tanta vez, mãe santa, bem dizieis,
Gonçalo, amigo e padre, bem dizieis:
e eu não vos cri; ouvi seus ameaços;
ouvi — e ri-me delles O insensato
fui eu, fui eu.

(D. Affonso assoma á porta e conserva-se silencioso e quedo)

Mas lidos nos direitos,
sabidos nas historias, muito illustres
e doutos conselheiros d'um rei... fraco,
d'um pae desamorado, heis-de lembrar-vos
como infantes se vingam. Guerra! guerra!
Havereis bem presente como sabe
punir um rei lembrado injurias feitas,
uma hora, ao moço infante. Dava Affonso,
vosso rei, o esforçado, o bravo em raptos
de damas desvalidas, todo agora
ao mister de rufião mais que ao das armas,
co'um bastardo rebelde, em vil cutello,
proveitosa lição. Por Deus, vos juro
tel-a-hei de cor. Vereis.

(Vae a sahir)

D. BRITES, procurando tel-o nos braços; supplicante

Meu filho! Pedro!
Silencio! É vosso Pae!

INFANTE, desenleando-se-lhe dos braços

Ó mãe, deixae-me!
Deixae-me, disse-o já, mãe!
(Dá, ao sahir, com o pae; torna atraz)

SCENA VI

Os MESMOS, D. AFFONSO, depois D. GONÇALO

D. AFFONSO, desce. Lento e sisudo

Desde quando
a infantes se consente e portuguezes
viltar seu rei, seu padre, no recato
das alcovas reaes?

D. BRITES

A dor dementa-o.

INFANTE

Desde que paes e reis trocam seu alto
officio, pelo officio mais folgado
de raptores.

D. AFFONSO, com refreada colera

Infante!

INFANTE

Pae benigno,
piedoso rei, que heis feito de donzella,
tão formosa que vel-a só podera
volver ao bem vossos ruins privados.

D. AFFONSO, abafando na sanha

Pedro, tal... dama,—sempre me has negado,
tão doce e cara te era—ser-te esposa,—
vivia em feia culpa, n'uma jura
mentindo torpemente, alimentava
por vil cobiça a ingrata rebeldia
de certo infante portuguez; vendida

aos inimigos de teu rei, vendida
aos inimigos de tua patria, Infante
de Portugal, relapsa em seus maus feitos
foi punida segundo o jus do reino
e á guisa dos traidores...

INFANTE, arranca a adaga e arremette ao pae

Fementido!

D. AFFONSO, sem se mover; com voz tranquilla

Fere, exemplo de filhos, fere!

D. BRITES, suspendendo-lhe o braço

Pedro!
É teu Pae!

INFANTE

Meu verdugo! — Inutil ferro
para longe de mim!
(Lança de si o punhal)

D. GONÇALO, que tem entrado e coberto o rei de seu corpo

Senhor Infante! —
Sempre o Eterno puniu, severo e justo,
injurias contra seu Pae. Para seus filhos
inda o mais cru dos paes é o mais sagrado
dos homens.

INFANTE, lançando-se dilacerado nos braços da mãe

Minha Ignez, ó mãe querida,
perdida para sempre! Assassinada!
Vilmente assassinada!

D. GONÇALO, com reluctancia

Embora injustas,
ordens de vosso pae...

INFANTE, desatando-se dos braços da mãe

Meu Pae! Perdi-o;
hoje mesmo o perdi. Um pae que arranca
ao filho o coração, que lh'o retalha,

que faz desses retalhos palpitantes
o cibalho em que treina a seus ministros,
que vê, cheio de jubilo ferino,
a golfar nesse sangue o proprio sangue,
é pae ou assassino? Dom Gonçalo,
desfazei-me esta duvida!

D. BRITES, para o Infante

Meu Pedro!

(Para D. Affonso que arranca contra o filho)

Vosso filho...

(Breve pausa)

D. AFFONSO, arrefecendo na colera. Desdenhoso

Um sandio a quem devera
pronto castigo.

D. GONÇALO, com voz submissa ao Rei

A quem deveis piedade.

INFANTE

A gloriosa espada do Salado,
quebrada, convertida em vil cutello
em portuguezas mãos. Ora o soberbo,
o triumphante heroe só pelas costas
sabe ferir e fere cautelloso
mulheres desarmadas. Nobre officio!
Mister de cavalleiros! De seu escudo
descenda a aguia altaneira que o repulsa
e tome-lhe o logar rasteiro abutre.
Diz-lhe melhor co'os feitos.

D. AFFONSO

Pedro! Infante!
Nos juncaes de meus reinos brotam varas
para açoutar nas costas quer infantes,
quer refeces truões, que os não distingo.

INFANTE

Mas heis de os distinguir quando as cearas
talar de vossos campos, quando em chammas
banhar de extremo a extremo os vossos reinos.

Doce Ignez, cada gota do tèu sangue
hade expial-a um mar de sangue e fogo.
Darei cento por um aos teus verdugos.
Gloria, empreza e dever seja a meus filhos
odiar quem a seu pae deu vida e poude
arrancal-a sem culpa á mãe que choram.

D. AFFONSO

Viva Deus! Ergo ainda rijo o braço
que prostou no Salado a vil mourisma;
e é tão duro a punir mouros descridos
quanto infantes reveis.

INFANTE

E inda vive
a raça d'um Samsão. As sanguesugas
geradas nos passes que brotam varas
para açoutar infantes, sugam sangue
de reis sem grande custo. Os desse talhe
e estatura meã cabem á larga
no mais curto marnel destas defesas.
Se me ensinaes agora, ó rei benigno,
a ser algoz e pae, já me ensinastes
a ser filho e rebelde. Mãe querida!
Orae por vosso infante que é já morto,
pois o que inda resfolga neste corpo
vida não é. Adeus! Mãe minha!

(Sae a correr)

D. BRITES, ajoelha aos pés de D. Affonso, supplicante

Esposo!

(D. Affonso levanta-a e affasta-a brandamente de si)

SCENA VII

Os MESMOS, menos o INFANTE

D. AFFONSO

Appellide-se á guerra. Inda a velhice
meus braços não quebrou. Sopéso ainda
a lança do Salado; e soffre o peito

o contacto do arnez. — Oh! como punge
d'um filho a rebeldia! E fui eu filho,
e fui revel tambem... Mas de meu lado
eram razão e jus. E agora, creio
— illudo-me, Gonçalo! que ao rebelde
faltam jus e razão.

D. BRITES

Perdão para elle!

D. AFFONSO, ferocissimo

Nunca!

(Emendando-se)

Talvez! Quando vencido! Affonso
sabe ainda vencer. Honrado Padre,
haveis de ser por mim.

D. GONÇALO

Minha alma a Pedro;
a minha espada a vós.

D. AFFONSO, aos brados

Affonso, alarma!
Reverendos Prelados! Ricos-homens!
Infanções de meus reinos! Filhos de algo!
E vós, fieis mistreres, contra o Infante,
rebelde a seu senhor, — alarma! alarma!

(Toma rijo do braço de D. Gonçalo e sae, gesticulando como se brandisse uma lança. D. Brites dá alguns passos para elle e cae de joelhos)

FIM

PQ
9261
S7D3
1913
cop.2

Sousa Monteiro, José Maria de
D. Pedro

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 12 22 07 021 1